



Jorge Pozzobon (1955-2001)

Guerreiro de água boa

Nós brancos decerto não temos alma, mas alguém entre nós sabe como conseguir alma. O Jorge/Yossi é um guerreiro, de água boa e doce, que sai em busca de alma e encontra! Ao encontrar, ressurge na pele de contador de histórias, desses que encantam em pleno luar de agosto. Suas histórias são desalmadamente irônicas, contadas de forma pouco habitual, meio enviesada, coisa que os aprendizes de feiticeiro, chamados na academia de antropólogos, só contam na hora do cafezinho, em congressos, quando cansados de nos fazer compreender as abordagens teóricas mais recentes, relaxam e relembram as histórias chamadas anedotas. Histórias que estão ausentes da literatura antropológica, mas que precisam ser registradas. Transformado em Maku, Jorge/Yossi aponta a nossa estupidez de amocambados na doutrina dos brutos, justo nós que nos pensamos civilizados! Nós que rezamos à Virgem do Nhé-Nhé tentando

**“Vocês, brancos,
não têm alma”**

histórias de fronteiras

Projeto Gráfico/Editoração

Vera Feitosa

Capa

Beto Ricardo

Ilustração da capa

Aquarela de Rubens Matuck

Foto

Paulo Santos

Produção Editorial

Lais Zumero

Revisão Editorial

Jane Felipe Beltrão

Revisão

Lairson Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da UFPA, Belém-PA-Brasil)

Pozzobon, Jorge

Vocês, brancos, não têm alma: histórias de fronteiras/ Jorge Pozzobon._ Belém:
EDUFPA: MPEG Editoração, 2002.

ISBN 85-247-0233-8

1. Etnologia – Amazônia. 2. Índios Maku – Amazônia. I. Título.

CDD - 21. ed. 305.800811

© Direitos de cópia/Copyright, 2002,
por/by Universidade Federal do Pará • Museu Goeldi

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

DISTRIBUIÇÃO

Editora Universitária - EDUFPA/Livraria do Campus
Rua Augusto Corrêa, n. 1 Campus Universitário – Guamá – Belém/PA Brasil
Telefax: (0xx91) 211-1965 - 211-1911 • Caixa Postal 8609 - CEP 66.075-110
Site: www.ufpa.br/edufpa – E-mail: edufpa@ufpa.br

Aos meus irmãos Luis, Paulo, Helena, Eduardo e Sérgio.

A propósito da parceria

Iniciar parceria entre a Universidade Federal do Pará e o Museu Paraense Emílio Goeldi pela publicação do trabalho de Jorge Pozzobon é indício promissor de novas sinergias. Trata-se de uma obra incomum, de narrativa “herética”, em que os fatos são trabalhados através de viés pouco habitual, viés que faz falta à literatura antropológica, mas imprescindível a quem trabalha na Amazônia.

Jorge veio de longe, de Livramento no Rio Grande do Sul, mas é um dos nossos. Pássaro de um dos inúmeros ninhais do Pará, chegou para juntar o caminho entre a UFPA e o Goeldi, caminho feito, anteriormente, por Eduardo Galvão, Arthur Napoleão Figueiredo e tantos antropólogos que foram formados lá e cá, raízes dos Departamentos de Antropologia das duas instituições. A Antropologia sai, mais uma vez, à frente, comemorando nossa chegada à maturidade acadêmica.

A reflexão *Vocês, brancos, não têm almavai* ajudar a desmitificar a pesquisa, percebendo seus lados patéticos, cômicos e trágicos, como as narrativas de nossas avós, repletas de imprevistos e passagens hilárias. Ao menos foi essa a intenção de Jorge, que mesmo de longe reafirma seu/nosso compromisso com a Amazônia, a partir de nossas instituições de origem.

Belém, 2 de julho de 2002



Alex Fiúza de Mello
Reitor da Universidade Federal do Pará

Sumário

Yossi Deh-Naw	11
Fronteiras e histórias	13
Primatas	15
Selva!	21
Iniciação	25
Caderno de campo	35
Vocês, brancos, não têm alma	43
Pedra lascada	57
O papa diárias	65
Amocambados e na doutrina de brutos	71
Teoria da punição	77
Branco estúpido	85
Teoria da barbárie	93
Nyaam Hi	129

Yossi Deh-Naw

Jorge Pozzobon, contador das histórias de “Vocês brancos não têm alma”, nasceu em 1955 na fronteira Santana do Livramento (RS). Formou-se em filosofia, enveredou pela antropologia no final dos anos 70, cruzou o país e foi pesquisar o contato entre índios e brancos no alto Rio Negro, extremo noroeste da Amazônia brasileira.

As histórias deste livro se passam num cenário amazônico de fronteira geopolítica trinacional (Brasil/Colômbia/Venezuela), onde vivem 23 etnias nativas, há séculos contracenando com organizações missionárias e seus esforços civilizatórios e, mais recentemente, com pesquisadores, garimpeiros, empresas mineradoras, narcotraficantes, guerrilheiros e militares.

Nesta babel, Jorge fez a escolha radical de trabalhar com os Maku, um povo seminômade de agricultores-caçadores-coletores, de língua ágrafa, que vive nos matos dos interflúvios, discriminados e subordinados pelos “índios dos rios”. Foram 20 anos, muitas andanças, conversas, registros escritos e o aprendizado da língua Hupdâ, uma das variantes Maku, que lhe valeram ser tratado por eles como Yossi (corruptela de Jorge) Deh-Naw (do “clã” da água boa, versão do significado do seu sobrenome).

Em 1982 conheceu Nyaam Hi, figura detersuzalática, que se tornaria seu grande amigo e cujo perfil emerge no capítulo final deste livro. Com ele aprendeu o estado de espírito adequado para andar no mato. Em 1997, em sua companhia, atravessou o divisor de águas entre o Tiquié e o Papuri, para visitar aldeias Hupdâ, andarilhando o chavascal e levando às costas mapas com os limites da demarcação das terras indígenas, finalmente reconhecidas pelo governo federal brasileiro.

A caminho, de passagem por aldeia Tukano, Jorge explicou:

“Eu ando com Maku pra botar no mapa as aldeias dele, os caminhos dele, os lugares onde ele vai caçar e pescar, o fundo de mato onde tem caranazal, pra ele fazer casa, onde Maku vai colher fruta, cipó, turi, maniuara, tapuru, muxiua, ingá...o passadio dele.”

“Eu vou botar isso no mapa pra que ninguém mais possa dizer que

existem vazios nas áreas indígenas. Vocês (Tukano) moram na beira dos rios. Os Maku moram no meio do mato. Mas como ninguém vai lá onde eles moram, tem branco dizendo que é muita terra para pouco índio. Andam dizendo que vocês só precisam da beira dos rios. Isso é errado!”

“Vocês vejam como o Maku é importante. Ele conhece os caminhos. Ele sabe onde estão as bolas de terra firme dentro do chavascal. Ele sabe onde tem cada coisa dentro da terra firme, da caatingona, do caatingote, da caatinguinha, do igapó, do pé de serra, do topete e do chavascal. Vou botar tudo no mapa. Os brancos vão ficar sabendo que não tem nada vazio. Índio anda por aí tudo.”

Jorge sentou praça na antropologia

Eu estou feliz porque eu também sou da sua Companhia

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem

Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem

Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam

E nem mesmo um pensamento eles possam ter para me fazerem mal

Salve BenJor, Salve Jorge!

Beto Ricardo

Instituto Socioambiental

S. Gabriel da Cachoeira (AM)

Novembro de 2001

Fronteiras e histórias

Fronteira quer dizer limite de um país ou território no extremo onde confina com outro. Várias histórias deste livro tratam desse tipo de fronteira. Porém, toda fronteira geográfica traz limites mais sutis, a começar pelas fronteiras entre civilizações diferentes. Estas histórias falam dos limites entre a nossa civilização e algumas outras civilizações que este país encerra e maltrata há 500 anos.

Falam da corrida do ouro no alto Rio Negro, aonde uma empresa mineradora brasileira se estabeleceu em terras indígenas, envolvendo-se com guerrilheiros colombianos, militares brasileiros e bandidos de todo matiz. Aqui já não estamos apenas na fronteira entre dois países, mas na fronteira entre o Estado de direito e a mais pura barbárie. Reuni também histórias engraçadas, como a da primatóloga norte-americana que quis estudar o cotidiano de uma tribo indígena segundo os métodos da biologia. Há algumas mais solenes e misteriosas, com direito a pajés, fórmulas mágicas e criaturas encantadas da floresta diante dos olhos espantados do antropólogo – eu, no caso, vagando pelas fronteiras entre a dita realidade e a dita imaginação.

Os episódios foram postos na ordem em que os fui vivendo entre 1981 e 2001. Esses 20 anos abrangem minhas pesquisas de campo para uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, assim como várias viagens mais curtas, na qualidade de consultor do Instituto Socioambiental, presidente substituto da Funai (gestão Márcio Santilli) ou pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais não é mera coincidência. Faz parte do método por meio do qual nós antropólogos investigamos “o outro” – seja ele a tribo indígena, um grupo de militares, padres ou mesmo outros antropólogos. A antropologia sempre parte de um ponto de vista pessoal. Nos ensaios acadêmicos, procuramos traduzir esse ponto de vista para a linguagem genérica da análise científica. Mas aqui, ele vai permanecer pessoal,

tomando a forma do conto, da crônica ou do roteiro de cinema. Se nalgum episódio às vezes eu troco a primeira pessoa do singular pelo literário narrador onipresente, não é por exercício de prosa narrativa, mas pelo gosto de extravasar as fronteiras de mim mesmo.

J. P.
Porto Alegre, abril de 2001.

Primatas*

O dia raiava lento e úmido. A floresta em volta da aldeia parecia querer invadi-la, reclamando antigos domínios. Dentro da maloca, um silêncio de morte. Nenhum choro de criança. Nenhuma tosse de homem. Nenhum rosnado de cachorro disputando restos de comida. Nenhuma mulher trazendo água para os mingaus matinais. Nenhuma fumaça de fogueira. O que será que estava acontecendo, meu Deus?

No lusco-fusco da maloca, Jane Smith se levantou da rede meio assustada. Desta vez a dor nas costas era quase insuportável. Dormir em redes era um sacrifício a mais em nome da ciência. Mas isso agora não importava muito. Onde estavam os índios? O que foi que aconteceu? Seria um pesadelo?

"*Humm, let me see,*" pensou ela. "Deixa ver... Eu me lembro de ter lido John Locke na faculdade. Ele dizia que a melhor maneira de saber se estamos ou não estamos sonhando é prestar atenção aos cinco sentidos. Se o que percebemos vem apenas pela visão, sem que o olfato, a audição e o tato sejam afetados, provavelmente estamos sonhando, porque o mundo real se compõe de coisas que afetam todos os sentidos."

Ela se belisca e sente dor. Ao cheirar as axilas, reconhece aquele odorzinho desagradável de quem está com medo. Além disso, ouve pássaros ao longe. E na boca, ela sente o matinal gosto de cabo de guarda-chuva. Não, *definitely* ela não está sonhando.

Afastada a hipótese do pesadelo, é preciso agora investigar a aldeia. A maloca é a mesma de sempre. As panelas de barro continuam chamuscadas pelo fogo. Só que as fogueiras estão todas apagadas. E as redes que até ontem estavam em volta desapareceram.

Aos poucos, ela se dá conta de que outras coisas também sumiram: arcos, flechas, zarabatanas e puçás. "*Oh gosh,*" diz ela para si mesma, "eles foram caçar e me deixaram aqui sozinha."

Ela sabe que os índios Maku têm o "hábito" de abandonar periodicamente suas aldeias para passar alguns dias acampados em plena floresta virgem,

* Publicado originalmente em *Caravêles*. Paris, 2000.

caçando e pescando. Decide então verificar as pegadas no chão, para saber que direção tomaram. Mas logo desanima: há rastros recentes em todas as trilhas que irradiam da aldeia em direção à mata. "Eles se dividiram em pequenos grupos," pensa Jane. "De qualquer forma, eu não saberia seguir uma trilha Maku."

De fato, as trilhas desses índios mal se divisam. Eles simplesmente não se preocupam em manter as trilhas. A floresta não é hostil para os Maku. Pelo contrário, é onde eles se sentem mais à vontade. Às vezes, caminham semanas fora das trilhas, em plena selva, perseguindo bandos de queixadas, rastros de anta, gritos de macacos. Se ela seguisse uma daquelas trilhas e os rastros desaparecessem no meio do mato, estaria perdida, em todos os sentidos que tem essa palavra. Talvez não soubesse nem mesmo voltar sobre os próprios passos. Além do mais, as chuvas equatoriais costumam embaralhar os rastros e agora era a época das chuvas.

Para enganar a angústia, Jane Smith decide rever suas notas e checar o equipamento. Ela mantém registros muito bem organizados. Há um diário de campo, onde anota coisas informais: impressões, hipóteses ainda em fase intuitiva, conversas com os índios, curiosidades que não se relacionam diretamente à pesquisa. Num outro caderno, ela anota o que já aprendeu da língua Maku. Mas o filé *mignon* do seu trabalho são as fichas de alocação de tempo. Nelas, só há dados objetivos: tempo consumido por cada homem para obter tantos quilos de caça, calorias gastas em cada tarefa, peso das refeições ingeridas e assim por diante.

No início da pesquisa, há cerca de dois meses, ela coletava amostras de alimentos adicionais, tais como larvas, formigas, gafanhotos, cupins, raízes e frutas selvagens. Mas teve que desistir, uma vez que os índios haviam bebido todo o álcool que ela trouxera para conservar as amostras. Aliás, as amostras, bem curtidas em álcool, serviram de tira-gosto.

Isso lhe causara muito aborrecimento, mas nada fora tão estressante quanto o descaso dos índios para com os métodos objetivos. Não era pedir muito, face a todos os presentes que ela lhes dava em troca: machados, facões, anzóis, linhas de pesca, lanternas, remédios diversos. É claro que não era pedir muito. Afinal de contas, tudo o que eles tinham que fazer era:

- 1) deixar que Jane classificasse e pesasse a refeição matinal de cada caçador;
- 2) suportar um medidor de dispêndio calórico, semelhante a uma máscara cirúrgica, que ela punha no rosto deles quando saíam a caçar;
- 3) permitir que ela pesasse os animais caçados;
- 4) responder a uma série de perguntas sobre as técnicas de caça utilizadas;
- 5) avisá-la quando iam aos pés, para que ela pudesse pesar-lhes os excrementos.

A primeira medida não apresentava muitos problemas. Os índios apenas riam daquela branca pesando-lhes o café da manhã. Também não reclamavam muito dos medidores de dispêndio calórico. Só que os aparelhos voltavam quase sempre estragados, embarrados, com restos de tabaco ou frutas, às vezes enfiados dentro das tangas, por cima dos testículos. Já não mediam coisa alguma. Quanto ao questionário, até que eles achavam divertido falar das técnicas de caça, embora se aborrecessem com o fato de que ela perguntava coisas que podiam ser deduzidas das respostas anteriores. Mas quando ela ia atrás do cocô, os índios ficavam estranhos, cochichando pelos cantos.

Tudo isso tinha um objetivo bem específico: ela queria estudar as relações de troca entre os Maku e os outros índios do Noroeste Amazônico, especialmente os da nação Tukano. Os Tukano são agricultores ribeirinhos, ao passo que os Maku, embora pratiquem em pequena escala a agricultura da mandioca, preferem gastar seu tempo na caça e na coleta. Por isso, vivem no centro da mata, afastados dos rios navegáveis. Partindo de uma aldeia ribeirinha, é preciso andar umas quatro ou cinco horas pelo mato, até chegar a uma aldeia Maku.

Só quem já andou na floresta equatorial sabe que o terreno não é plano, mas muito ondulado. É duro subir e descer o tempo todo, suar aos borbotões, atravessar riachos, pular troncos caídos e afundar os pés em solo fofo e encharcado a cada passo. Jane Smith, gordota e desajeitada, submetera-se a tudo isso porque pretendia provar cientificamente que o comércio entre os Tukano e os Maku era uma relação simbiótica, como a que existe entre algumas espécies de pássaros e os jacarés. Os répteis ficam de boca aberta enquanto os

emplumados comem os restos de comida entre os dentes dos primeiros. Quer dizer: os pássaros têm comida fácil e os jacarés não precisam ir ao dentista.

É claro que, em se tratando de seres humanos, as coisas se complicam bastante. Porém Jane Smith fez a Graduação em Ciências Biológicas e o Mestrado em Primatologia. Para ela, os seres humanos são animais complicados, mas nem por isso escapam aos determinismos da natureza. Sua pesquisa atual destina-se a coletar dados para uma tese de doutorado na Universidade de Columbia, onde florescem desde há muito tempo os estudos de ecologia humana.

Ao apresentar o projeto de pesquisa, Jane sofreu críticas de antropólogos, colegas de universidade. Afinal de contas, ela se especializara no estudo dos primatas. Não parecia politicamente correto permitir que uma primatóloga estudasse o comércio entre dois grupos humanos como se eles fossem espécies animais distintas. Mas essas vozes se calaram diante do entusiasmo do chefe do departamento, o famoso professor Harvin Merris.

Agora que os índios haviam desaparecido como que por encanto, Jane desconfiava de que os protestos dos colegas talvez tivessem alguma razão de ser. Mas não queria admiti-lo tão facilmente. Achava que pôr em dúvida suas próprias convicções científicas a deixaria ainda mais deprimida. Era preciso preservar energias físicas e mentais para agüentar até a volta dos índios. As latas de *corned beef* haviam de lhe valer até lá.

Quando a última lata de *corned beef* acabou, Jane Smith já não sabia mais há quanto tempo fora abandonada. Há dias ela vinha falando sozinha. Não trocava mais de roupa e nem tomava banho. Esquecia de lavar os dentes. Se limpava com as páginas do diário de campo. Catava formigas para comer. Às vezes chorava.

Vagando esfomeada dentro da maloca, viu o próprio rosto refletido num caco de espelho. Assustou-se. Os cabelos desgrenhados, oleosos, imundos. Olheiras escuras, pele macilenta, dentes opacos. O susto devolveu-lhe a consciência. Encheu-se de coragem, tomou a trilha que lhe pareceu mais verossímil e se pôs em marcha. Não sabia aonde ia, mas tinha que sair dali.

Andou em círculos, sem se dar conta. Primeiro, porque as trilhas Maku eram fracas e se ramificavam em dezenas de trilhas laterais, que se

encontravam mais adiante ou terminavam no nada. Segundo, porque ninguém raciocina direito quando está com uma fome de vários dias.

Caiu a noite. Choveu. Ela dormiu ao relento, recostada no tronco de uma árvore. De manhã, estava com febre e toda picada de insetos. Caminhou mais. Anoteceu outra vez. E, na manhã seguinte, ela já não podia mais andar. Ficou assim, morrendo à míngua, não se sabe por quanto tempo, até que ouviu um tiro de espingarda e se pôs a gritar.

Depois de um sono de muitas horas, voltou a si dentro de uma maloca Tukano. Abrindo os olhos com dificuldade, percebeu homens, mulheres e crianças à sua volta, como se ela fosse um animal exótico. Um homem falou, sorrindo amigavelmente: "Dona, não fosse a gente estar caçando lá praquelas bandas, a senhora tinha morrido nessa mata doída. Já pensou?"

Uma mulher perguntou, curiosa: "O que é que a senhora tava fazendo sozinha naquele meio de mundo, dona?"

Jane tossiu, limpou a garganta, balbuciou alguns sons ininteligíveis e logo se lembrou que tinha de falar português.

"Los Makues se fueran embowra," disse ela. "Eu quedei soziña en la flowresta."

"Ah", disse um rapaz. "Os Maku são assim mesmo. Quando eles ficam com raiva, eles vão embora pro mato. Ficam lá até a raiva passar."

"Isso mesmo", concordaram os outros. "Maku é assim mesmo."

"Mas por que ellos eram con wraiva?", perguntou Jane.

"Olha, dona", disse o índio mais velho. "Alguns deles passaram por aqui e nos contaram que a senhora andava catando a merda deles."

"O que é que a senhora queria com aquela merda toda?", perguntou uma velha, meio desconfiada. "Era pra fazer feitiço, é?"

"Merda é merda," disse um curumim.

Selva!

Em dezembro de 1981 eu fui passar um ano morando com os índios Maku, na fronteira do Brasil com a Colômbia. Era a pesquisa de campo para a dissertação de mestrado.

Os Maku são caçadores. Portanto, nada mais justo que levar uma arma de caça. Levei um rifle calibre 22. Em Manaus, a primeira coisa que fiz foi ir a uma loja de caça e pesca, comprar balas para o rifle. Aí, me disseram que eu só podia comprar 50 balas por mês. O problema era que eu precisava de umas 350, já que eu ia passar um ano com os índios e calculava dar em média um tiro por dia. Lá estava eu em Manaus, com um problemão, bem na véspera da viagem ao território Maku.

Telefonei ao meu pai, no Rio. Ele, que era coronel, me deu o nome de um outro coronel, comandante do Centro de Treinamento de Guerra na Selva, em Manaus. Os militares podiam comprar quantas balas quisessem. Era só falar com o tal coronel, que minhas balas seriam compradas em seu nome.

Ao chegar ao Centro de Treinamento, ouço um grito vindo de uma guarita:

“Selva!”

“Que merda é essa?”, eu pensei com os meus botões. Mas entrei.

Lá dentro, cada vez que um milico passava pelo outro, em vez de bater continência, ele gritava:

“Selva!”

Estavam todos camuflados, com faca na bota, granadas penduradas nos talabartes, chapéu de banda e tudo. Era como se o inimigo estivesse prestes a um ataque surpresa. Aí eu também comecei a gritar:

“Selva!”

Chegando ao Posto de Comando, prédio rústico montado no meio de um trecho de floresta tropical, eu gritei:

“Selva!” E perguntei ao recruta mais próximo onde era o gabinete do comandante.

“Selva!”, respondeu ele gritando. “Me acompanhe!”

“Selva!”, eu retruquei num berro.

O comandante não estava no gabinete. O recruta me fez passar ao gabinete do Subcomandante.

"Selva!", gritou este último, ao me ver entrar.

"Selva!", ululei de volta.

O gabinete estava hiper-refrigerado. Eu logo senti frio. Mas o Subcomandante parecia estar bem confortável, metido numa pelerine.

Expliquei a que viera. Ele disse que o Comandante voltaria em poucos minutos e mandou o recruta me trazer cafezinho. Falamos sobre coisas aleatórias e, como não poderia deixar de ser, a conversa descambou para os lados da Segunda Guerra Mundial. Então, o Subcomandante, que tinha Benito Mussolini na conta de um grande estadista, se pôs em pé e começou a imitar as maneiras do ditador italiano, com gestos exagerados e patéticos. A cada volta que ele dava no meio do gabinete, a pelerine esvoaçava como as saias de uma bailarina espanhola. Eu estava perplexo, mudo, achando ter errado o endereço. Talvez fosse um manicômio.

"Stafermo!", disse uma voz enérgica, vinda de uma porta interna. Stafermo era o Subcomandante.

Aquela voz parecia conter uma nota de reprovação ao show de disparates que eu acabava de presenciar. Mas, para o meu espanto, o dono da voz, o Comandante em pessoa, era ainda mais inverossímil do que seu subalterno: além de todo camuflado, ele tinha plaquetas de identificação penduradas no pescoço, bigodinho pontiagudo à la oficial britânico e um bastão marcial enfiado debaixo do braço.

"Então você é filho do Pozzobon?!", disse ele com um aperto de mão desses de esmagar dedos. "Eu gosto muito do seu pai. Um verdadeiro militar, um estudioso, um estrategista, um filósofo, um patriota, um verdadeiro brasileiro!", completou, num brado retumbante.

Corria o ano de 1981, época em que o Brasil estava recém-entrado no período de abertura democrática. O General João Batista Figueiredo era o Presidente da República. Seu irmão Euclides era o Chefe do Comando Militar da Amazônia. O muro de Berlim nem sonhava em ser derrubado. As ogivas nucleares estavam apontadas de parte a parte. Sentindo-se os defensores do mundo livre, os militares se expressavam por meio de brados retumbantes.

O Coronel Napoloni – esse era o nome do Comandante – mandou um ordenança comprar minhas balas e me convidou a almoçar com ele, no refeitório dos oficiais. Enquanto rumávamos para lá, ele me mostrava orgulhoso as instalações da guarnição.

Havia uma turma de recrutas em forma diante do refeitório dos soldados. Vendo seu Comandante, o sargento responsável berrou:

"Selva!"

"Selva!", respondemos eu e o Coronel Napoloni.

"Selva!", bradaram os recrutas em contraponto.

"Veja, Pozzobon", disse Napoloni, indicando-me os recrutas. "Isso que nós temos aí é a autêntica raça brasileira."

De fato, era gente de traços indígenas indisfarçáveis, como indisfarçáveis eram também os estigmas de sua pobreza: pele macilenta, cabelos opacos, dentes faltando. Napoloni continuou em seu tom moral e cívico:

"No cômputo geral, o elemento regional é muito primitivo. Mas nós estamos aqui para forjar a nacionalidade no espírito dessa gente."

Entramos no refeitório dos soldados, que o Coronel estava cioso de me mostrar. Ao ver seu Comandante - além de tudo acompanhado de um civil, que era eu - o Sargento Chefe da Cozinha deu um grito estridente:

"Atenção, refeitório!"

Os recrutas se levantaram a um só tempo, espavoridos, derrubando canecos, talheres e pedaços de pão.

"Selva!", urraram eles em uníssono bestial. As janelas estremeceram.

Visto isso, saímos e tomamos o rumo do refeitório dos oficiais.

No meio do caminho havia uma palhoça de ares indígenas.

"Porque aqui nós temos índios", explicou Napoloni. "Eles são os nossos guias na selva. Nossos *scouts*. Um exército que não sabe aproveitar os conhecimentos do elemento regional está fadado à derrota. Vide Viet Nam. Quer ver o nosso índio?"

Sem esperar minha resposta, gritou um nome indígena através das mãos em concha:

"Fulano! Venha cá! Acelerado!"

Um Yanomami baixinho saiu da choupana e veio correndo em nossa direção.

“Chéuba”, disse o índio, meio sem vontade.

“Selva!”, respondeu gritando o Comandante ao passar um braço sobre os ombros do indígena. Puxou-o contra si e fez as apresentações:

“Você é índio. Ele é antropólogo. Antropólogo estuda índio. Fala aí alguma coisa pra o antropólogo.”

O Yanomami começou uma frase em sua língua, mas foi logo interrompido por Napoloni:

“Tá bom! Pode ir embora!”

E o indiozinho sumiu correndo. Ou melhor, acelerado.

Após o almoço, quando tomávamos um refresco de abacaxi no gabinete do Comandante, o ordenança voltou com as minhas balas. Napoloni segurou o pacote com uma das mãos e me pôs a outra sobre o ombro. Assumiu um ar varonil e declarou, com olhos fúlgidos:

“Pozzobon, você é jovem. E, como jovem, você está sujeito a ideologias alienígenas que nada têm a ver com a realidade nacional.”

Fez uma pausa solene e continuou:

“Você vai estudar os Maku. Os Maku são uma tribo. E, como tribo, tudo o que estiver entre eles e os seus objetivos eles eliminam.”

Disse isso e assumiu um ar conspiratório:

“Você não se deixe influenciar pelo jornal Porantim, nem por esses comunas infiltrados na Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.”

E, após mais uma pausa solene, veio a arrancada triunfal:

“Porque o Brasil é como uma tribo! E tudo aquilo que estiver entre o Brasil e seus objetivos será eliminado.”

E me entregou as balas.

Iniciação

Ao ver meu guia sumir com sua canoa numa curva do Igarapé Castanho, não pude evitar a sensação de abandono. Não que eu estivesse sozinho. Pelo menos trinta índios Yuhup assistiam à cena, parados na barranca perto de mim. Mas aquela gente estranha não me dava o mesmo sentimento de segurança que Waúro, o guia Tukano que agora desaparecia irremediavelmente.

Os Tukano da região do alto Rio Tiquiê já tinham convívio com missionários desde os anos 1960. Frequentaram a escola primária e receberam a catequese, de modo que era fácil conversar com eles, tirar informações ou acertar serviços – tudo de que um antropólogo novato como eu precisava. Não era o caso dos Yuhup e outros índios da nação Maku. Mesmo depois de 20 anos da chegada dos missionários, eles ainda eram arredios à catequese e à educação escolar. Caçadores seminômades, os Maku são avessos à vida sedentária. Vagam no interior da floresta, longe dos rios navegáveis, estabelecendo-se temporariamente em aldeias de difícil acesso. A maioria nem fala a nossa língua.

“Porque tu aqui?”, me perguntou um deles num português aproximativo.

“Vim aprender a língua de vocês”, respondi. “Vim aprender como são vocês. Waúro não explicou?”

Eu pedira ao guia Tukano que lhes explicasse os propósitos da minha visita (os Maku sabem falar Tukano, embora a recíproca não seja verdadeira, pois os Tukano consideram a fala dos Maku um amontoado de sons quase animais).

“Waúro não explicou?”, eu repeti. O índio me fitou com olhos opacos e logo me deu as costas. Subiu a barranca do igarapé e foi aos seus afazeres, assim como o resto dos Yuhup que estavam observando a cena. Também subi a barranca, mas sem vontade, carregando a minha mochila quase de arrasto.

De repente, me senti um fantasma, parado ali no terreiro daquela aldeia. Ninguém parecia tomar conhecimento da minha existência. Alguns homens rachavam lenha, outros desapareciam na floresta, carregando zarabatanas, flechas e porretes. As mulheres preparavam comida. As crianças mantinham distância de mim. Os cachorros rosnavam.

Minha situação era bastante desconfortável. Primeiro, porque eu me sentia completamente sozinho em meio àquele povo calado e indiferente. Segundo, porque eu estava lá para escrever uma tese de mestrado sobre os Yuhup, mas desejava voltar para os Tukano. Ao lado das figuras altivas e zelosas que eram estes últimos, os Yuhup me pareciam o antiíndio.

Parado no terreiro da aldeia, me pus a observá-los num misto de surpresa e desgosto. Cobriam-se com trapos velhos de cor indefinida, à guisa de tangas e saias, sem qualquer padrão no vestir. As mulheres tinham os cabelos desgrenhados e sujos. Aliás, todos eram desgrenhados e sujos, até mesmo os bebês.

A aldeia era um desmazelo só. Dava a impressão de que não se podia estar realmente morando lá. As casas, cinco ao todo, não passavam de tapiris de aparência precária, sem paredes, distribuídos aleatoriamente numa clareira invadida pela vegetação. O tamanho tampouco era uniforme. Em três deles, mal se podia ficar em pé. Viam-se amontoados lá dentro os membros de uma única família: marido, mulher, filhos solteiros e cachorros reunidos em volta do fogo. Pareciam um bando de mendigos debaixo de uma ponte do Rio Tietê.

No tapiri maior, três famílias mantinham fogos vizinhos, mas independentes. Jogados no chão, havia paneiros, andrajos, cuias emborcadas, panelas velhas de alumínio, facões e machados apanhando ferrugem. Tudo parecia ter lugar incerto.

Um temporal estava se armando. Avistei um tapiri vazio e rumei para lá. Ninguém pareceu se importar quando me estabeleci, armando a rede. Passei alguns minutos escrevendo bobagens no meu caderno de campo – pensamentos nebulosos sobre a indiferença e o desleixo daquele povo.

Quando a chuva desabou, tive que mudar a posição da rede, pois havia goteiras por todo o lado. Olhei para os outros tapiris. Os Yuhup faziam exatamente a mesma coisa. Também mudavam a posição das redes devido às goteiras. Depois da chuva, bebês se divertiram brincando com filhotes de cachorro nas poças d'água. Cocô de criança, cachorro e macaco domesticado se acumulava em torno dos tapiris, com cascas de mandioca, pêlos e plumas de caça, velhos paneiros podres. Entre esses monturos, cresciam pimentas, tabaco, puçangas

e algumas bananeiras. Em volta, a floresta avançava como uma muralha verde e sombria, a reclamar antigos domínios. O canto obstinado e murrinha do pássaro trovão dava o retoque final.

Ao anoitecer, houve uma festa no tapiri maior. Os homens mais velhos, de cócoras em volta da fogueira, conversavam animados e passavam de mão em mão os charutos cerimoniais. Duas cabaças de coca moída seguiam o mesmo curso. Cada um pegava o seu bocado, enchendo as bochechas. As mulheres serviam caxiri em grandes cabaças. Casais mais moços dançavam no centro ao som de flautas. Às vezes a música dos moços era dominada pelo coral grave dos mais velhos.

Comecei a me sentir bem melhor, achando que a frieza da chegada se compensava largamente com aquele espetáculo nativo. Puxei conversa com alguns homens, que me responderam polidamente em yuhup, sem entender o que eu dizia. Distribuí cigarros. As pessoas se apinharam em torno de mim. Fiquei contente.

Por volta das três da madrugada, dois rapazes começaram a brigar por causa de uma garota. Um deles pegou uma acha de lenha que crepitava numa fogueira e bateu no peito do outro. Fagulhas encheram o ar. Caído no chão, o oponente atingido apanhou uma pedra de afiar machado e atirou na testa do agressor. De repente, vários moços se envolveram. Alguns, muito bêbados para contribuir com o pugilato, erravam perdidos entre empurrões, socos e pontapés. Outros, divertiam-se a observar a cena de uma distância prudente. As palavras cheias de ameaça, os gritos inúteis das mulheres, o choro amedrontado das crianças, os latidos dos cachorros e os cacarejos das galinhas esvoaçantes completavam a cena. Quanto à garota, limitava-se a brincar com um filhote sem sequer olhar a confusão.

Na manhã seguinte, havia homens bêbados estirados no terreiro, roncando. O sol já começava a esquentar. Um deles, cheio de hematomas, espumava pela boca, mas ninguém parecia se importar. Três famílias juntavam as tralhas para ir embora. Um dos rapazes brigões da noite anterior estava entre os que partiam. Seu rival ficava na aldeia, assim como a garota que fora o motivo da briga. Enquanto eu observava a cena sem entender mais do que isso, escutei por trás dos ombros:

“Aqui é assim mesmo. Nas festas a gente bebe muito, namora a mulher dos outros e briga até cair. Depois a gente some no mato e fica lá até a raiva passar.”

Virei-me surpreso. O homem era sem dúvida um Maku – baixo, magro, os cabelos meio encaracolados, a cara impassível mas os olhos muito vivos. Não diferia dos outros, exceto pelo português quase perfeito. Aquilo me deu uma sensação meio alucinatória.

“De onde saiu você?”, eu perguntei incrédulo.

“Eu tava caçando. Cheguei hoje de manhã. Mas vou embora com essa gente”, disse ele apontando com os beijos o grupo que partia.

“Vou junto”, disse eu sem vacilo. Ficar naquela aldeia caótica e indiferente era coisa que me aborrecia.

Partimos no dia 19 de dezembro de 1981 em direção ao Rio Traíra, na fronteira Brasil-Colômbia, onde os viajantes queriam se juntar a parentes que não viam há muito tempo. Éramos 14 ao todo, entre homens, mulheres e crianças. Para chegar ao Traíra, deveríamos atravessar o largo divisor d'águas entre a bacia do Rio Negro e a do Japurá. Olhando bem o mapa, a idéia me pareceu um disparate, pois eram uns 200 km de caminhada no meio do mato. Mas como havia mulheres e crianças naquela improvável caravana pedestre, eu me senti desafiado e fui.

Na viagem, os homens carregavam apetrechos de caça: zarabatanas, dardos, arcos, flechas, assim como terçados e machados. Também traziam jamaxins atados às costas, com as miudezas, potes de curare, redes de dormir, anzóis. As mulheres levavam paneiros com farinha de mandioca sobre a cabeça. Algumas tinham bebês escanchados em largas bandoleiras de casca de tururi. Meninas maiores também carregavam os pequenos, enquanto os curumins se divertiam o tempo todo, caçando lagartos e borboletas ou enticando uns com os outros.

Todos os dias, começávamos a caminhada lá pelas sete da manhã, avançando muito devagar por causa das crianças. Os homens partiam antes, para tirar melhor proveito da caça. Também “batiam” a trilha, que já estava muito apagada. Sinais com folhas e galhos indicavam o bom caminho ao restante da caravana. Tentei por várias vezes acompanhá-los nesse afã de batedores,

querendo estrear o meu rifle 22. Mas fazia muito barulho pisando em galhos e espantava a caça, de modo que me resignei a caminhar com mulheres e crianças.

Pela metade da tarde, encontrávamos os homens descansando defronte ao acampamento que acabavam de montar: uns tapirizinhos ainda mais precários do que os tapiris das aldeias. Muitas vezes já tinham o fogo aceso e a caça quase pronta para o consumo. Chegar cansado e com fome na beira de um fogo onde arde uma bela carcaça de macaco guariba ou porco queixada é uma experiência incomunicável. Só quem cravou os caninos num bicho desses pode saber.

Cada família ocupava um tapiri diferente. Eu fiquei com a família de Toh, o homem que falava português. Pohoy, o rapaz que brigara na festa, dormia com a família de Bɛɔgnkok, seu pai. Um terceiro tapiri era ocupado pela família de Hedn. Eram todos parentes: os irmãos Toh e Hedn eram cunhados de Bɛɔgnkok e tios de Pohoy. As crianças circulavam livremente entre os tapiris.

Às vezes eu ficava observando o acampamento. As famílias que se viam amontoadas sob aqueles tetos minguados, comendo em círculo em volta da fogueira, davam a impressão de uma intimidade especial, uma intimidade bem mais intensa do que nas aldeias. Os corpos se aconchegavam. As pessoas catavam piolhos e micuins umas nas outras. Conversavam em voz baixa num clima doméstico e sereno. Foi neste clima que eu passei o natal de 1981.

Com as explicações de Toh e a observação direta das pessoas, a indiferença dos Maku, que tanto me incomodara no primeiro contato, começou a fazer sentido. Trata-se de um povo que vive um duplo ritmo: o da aglomeração em aldeias e o da dispersão na floresta. A aglomeração serve para as tarefas coletivas, como abrir roças de mandioca. A dispersão é o momento da caça. As brigas eram motivos adicionais de dispersão. Mas a dispersão também podia resultar em novas aglomerações. Essa viagem que fazíamos agora era um exemplo, pois os viajantes pretendiam se juntar a uma aldeia de parentes no Rio Traíra. Quanto ao desleixo, ele vinha do nomadismo: ninguém investia muito na aparência das casas e na limpeza da aldeia, sabendo que em pouco tempo poderia estar acampado, caçando no mato, ou se integrando a outra aldeia por causa de um desentendimento. Da rejeição inicial, passei a admirar esse povo, com sua forma simples e eficaz de viver em sociedade.

Com o tempo, o clima ameno e familiar da nossa caravana foi se deteriorando. A farinha de mandioca já estava no fim. Além disso, nossa velha trilha passava agora por um largo trecho de campinarana, é um tipo de floresta baixa, de solo arenoso e pouco amigo d'água. Quando chove, o chão vira um atoleiro, dificultando muito o avanço do caminhante. Mas o que mais incomoda na campinarana é a carência de caça no mato e o vazio de peixes nos igarapés.

As crianças choravam de fome. As mulheres reclamavam dos maridos, que se apanemavam naquela mata doída. Veio o racionamento. A pouca farinha restante era consumida agora como farofa, com larvas e lagartas, para dar mais substância. Na campinarana não existe aquele tapuru carnudo e gostoso da bananeira braba. Na falta dele, o jeito era suportar as larvas reimosas da caba e o amargo dos marandovás.

Os últimos três dias de caminhada foram um martírio, porque os batedores já se sabiam muito perto do destino e não se davam ao trabalho da caça, a fim de economizar tempo. E o ritmo apressado deles atrapalhava a coleta das mulheres. A comida passou a ser chibé – farinha com água. Só isso e pronto, sem caba, sem ao menos um marandová, lhufas.

Finalmente, no dia 2 de janeiro de 1982, após duas semanas de caminhada, chegamos à beira do Rio Traíra. Montamos acampamento e passamos cinco dias pescando, caçando ou simplesmente descansando da viagem. Nessa parada, aproveitei para organizar as minhas anotações e minhas cadernetas de campo, além de curar feridas e bolhas nos pés. Percebi que nem sequer lembrara da passagem do ano. Simplesmente não vi chegar 1982. Comecei a gostar daquela percepção arcaica do tempo e do espaço. As distâncias não eram mais calculadas em quilômetros mas em dias de caminhada. E as fronteiras internacionais pouco significavam. A Colômbia estava bem ali, na margem oposta do Traíra, a 40 metros de nós, mas isso não se notava de modo algum. Era tudo mato ermo, sombrio e indiferente às divisões políticas do planeta.

No dia 7 de janeiro, Toh, Pohoy, Bagnkok e Hedn fizeram uma balsa de talos de buriti. Atravessamos o Traíra a montante da famosa Cachoeira do Machado. Na margem oposta, havia um caminho de apenas hora e meia, que nos conduziu a uma aldeia dos índios Bará, já dentro do território colombiano. De lá, deveríamos rumar para a aldeia dos parentes Yuhup.

Ao chegarmos aos Bará, só encontramos uma velhinha muito assustada. Olhava-me com terror, como se eu representasse grande ameaça. Os Maku afirmavam que eu era amigo, mas o medo ainda permanecia em seu rosto rugoso. Pôs-se a falar freneticamente e depois desapareceu por trás de um bambual. Toh me explicou. É que a maloca fora visitada há um mês por produtores de cocaína, que vieram recrutar índios para o trabalho nas plantações. Pelo medo da velha, imaginei que seus métodos de persuasão não eram lá muito suaves.

Nossa caravana se estabeleceu em tapiris improvisados atrás das plantações de mandioca, na orla da floresta, como costumam fazer os Maku em visita a outros índios. Enquanto erguiam tapiris, fui dar uma olhada na magnífica maloca Bará.

Maloca, palavra de origem araucana, não significa casebre, como se pensa, mas "casa grande." As aldeias Bará, assim como as aldeias dos outros subgrupos da nação Tukano, consistem numa única maloca. Costumam ser espaçosas, frescas e decoradas com pinturas clônicas na frontaria, que sempre se volta para o rio. Algumas são tão grandes que abrigam 15 ou 20 famílias. Pelo número de fogos entre os esteios que sustentavam o teto, a maloca Bará devia abrigar umas dez famílias.

Enquanto eu contemplava o interior da morada, os habitantes chegaram, porém já haviam sido prevenidos pelos Maku de que eu estava lá, de modo que não houve muito susto ou transtorno.

"Buenas tardes señor brasileño", disse um Bará. Aqui a língua dos brancos era o espanhol. "¿Como se llama usted?"

"Jorge", eu respondi. "E você, como se chama?"

"Don Sebastián Guillermo Mejías Santiago Cabeza de Toro y Borbón de la Maloca del Río Taraira y Confines."

"Ah, é? E como devo chamá-lo?"

"Pepe."

A prolixidez e o orgulho ibéricos pareciam combinar perfeitamente com a personalidade daquele índio. Disse ser o chefe da maloca, dando-se ares de grande importância. Depois se pôs a falar pelos cotovelos a respeito de problemas internacionais, demarcação de fronteiras, contrabando, guerrilha, missões

religiosas, tráfico de cocaína, preço do petróleo, sem me dar tempo de dizer o que fosse. Ofereci um cigarro para que se calasse, mas pouco adiantou.

No entardecer, fiz menção de me juntar aos Maku, para comer e dormir, mas Pepe me impediu:

“Estos Makusitos no sirven, doctor. Usted va quedarse con nosotros.”

Não soube resistir e me deixei ficar na maloca dos Bará, muito a contragosto. As coisas se tinham invertido em meu espírito. Agora eu me sentia bem melhor com os Maku do que com aquela gente cheia de formalidades.

À noite, houve uma pequena festa em minha homenagem. Entoaram cantos evocativos aos ancestrais, tocaram flautas e sobretudo me pediram tabaco e os outros presentes que eu trazia dentro da mochila (linhas de pesca, anzóis, caixas de fósforo). Incomodava-lhes a idéia de que esses brindes pudessem parar diretamente nas mãos dos Maku, que eles consideram gente inferior.

No dia seguinte, os Yuhup haviam partido. Aquilo realmente me transtornou, porque me senti um idiota de ter permanecido na maloca Bará, em vez de dormir nos tapiris dos meus amigos. Pedi a Pepe que mandasse alguém me levar até os Maku, coisa que visivelmente ele não queria fazer:

“No, doctor. Quédese con nosotros. Voy enseñarle los antiguos rituales de los Bará. Usted va escribir un gran libro.”

Diante da minha insistência, passou a me engambelar com evasivas disparatadas. Deu instruções aos demais moradores da maloca para fazerem o mesmo. Não me tratavam mal. Pelo contrário, eu comia do bom e do melhor e dormia bem aquecido em volta do fogo de Pepe. Mas não deixava de me sentir um prisioneiro. No terceiro dia, vagando pelas imediações da aldeia, topei com os tapiris onde estiveram os Maku. Um caminho se perdia no mato, partindo dali. Apareceu um velho Bará, que voltava de colher lenha. Por sorte, em todos os povos do mundo há velhos que pouco se importam com os conluios dos jovens. Aquele bendito velho me confirmou que o caminho dava na aldeia para onde teriam ido os Maku. Perguntei pelo tempo de caminhada.

“Solo dos horitas, señor.”

Peguei a mochila e me pus em marcha, sob os protestos de Pepe e os seus.

Já desde a boca do caminho, fui observando os sinais da passagem dos Maku: umas folhagens decepadas aqui, um espinheiro afastado acolá, pegadas de adultos e crianças nalgum lugar barrento, um cocô na beira do caminho... coisas que me asseguravam estar no rumo certo. Mas ao cabo de umas quatro horas de caminhada, ainda não chegara a lugar algum.

Na boca da noite, veio um daqueles temporais que só existem na Amazônia. A floresta estremeceu com trovões e vendavais e depois se engolfou numa espessa cortina d'água, que batia oblíqua e obstinada na copa do arvoredo. Uma enorme árvore despencou bem na minha frente com grande estrondo, arrastando várias árvores menores consigo. Passado o susto, cacei abrigo dentro da copa da árvore caída, supondo que outra não lhe cairia em cima.

A chuva parou só lá pelas vinte horas. A noite foi um calvário. Tentei acender fogo, mas os paus estavam molhados ou verdes. Não tinha coragem de me afastar do meu abrigo para procurar lenha. Pus roupa seca, espalhei uma jaqueta de nylon no chão e me deitei sobre ela, abraçado ao meu rifle. A cada estalido de galho, grasnado de ave longínqua ou coaxar esquisito de sapo, eu acordava em sobressalto.

Na manhã seguinte, uma voz familiar me despertou:

“Achei uma anta! Achei uma anta bem aqui!”, dizia Toh às gargalhadas.

É que as antas costumam dormir sobre galhadas decaídas como aquela. Os outros Yuhup que estavam caçando com Toh vieram. Riram muito ao me ver todo encarangado debaixo do meu abrigo de anta.

Pouco tempo depois, estávamos na aldeia do Igarapé Espinho, destino final da nossa caravana. Ao chegar, fui saudado pelos membros da caravana e pelos moradores locais com um belo quarto de paca defumada.

Passei os meses de janeiro, fevereiro e março de 1982 nessa aldeia, em pleno território colombiano. Pude observar a olho nu o processo de integração de três famílias a uma aldeia onde tinham parentes, coisa que me valeu uma dissertação de mestrado. Porém, nada teve maior valor do que isto: num daqueles acampamentos de caça, enquanto eu limpava o rifle tranqüilamente debaixo do tapiri, um grupo de mulheres e crianças se pôs a catar micuins e piolhos na minha cabeleira desgrenhada e suja.

Caderno de campo

14 de abril de 1982

Para seguir rastro de caça antes da chuva, é só observar o chão, que os bichos sempre acabam virando as folhas mortas quando passam. O lado da folha que estava para baixo sempre é mais úmido, mais escuro. Então, você tem que seguir aquelas folhas úmidas e escuras. Mas se for logo depois da chuva, você faz o contrário, porque as folhas reviradas pela passagem do bicho estão agora mais secas que as outras.

Para saber que bicho passou, é preciso observar vários aspectos. Se tiver um trecho de mato meio barrento, como na beira dum igarapé ou dum olho d'água, é fácil, porque a pegada dele fica lá. Cada animal tem a sua pegada. Mas se só tem folha morta no chão, sem lama, aí fica mais difícil. Você tem que avaliar a distância entre as folhas: as que foram viradas pelas patas dianteiras e as que foram viradas pelas traseiras.

Pela distância, dá para saber o tamanho do bicho. E pelo tamanho, dá para dizer se é uma paca, um veado, uma anta. Mas não é certo, porque com animais pequenos nem todas as folhas pisadas se viram, só com anta, capivara, veado... Para saber mesmo, você tem que prestar atenção nos outros sinais. Que folhagens o bicho mastigou? Quais frutas ele comeu? O cocô dele, como é? Essas coisas dizem que bicho passou por ali. Se tiver macucu roído, é paca. Muito caroço de bacabinha sem resto de polpa no chão, é macaco de cheiro ou macaco barrigudo.

Essas coisas também dizem há quanto tempo o bicho passou. Para saber quanto tempo faz, observe a folhagem mastigada, os caroços e a casca das frutas, o cocô. Se faz muito tempo, mais de meio-dia, já começam aparecer uns pretos de ferrugem suja na beirada do restos mastigados, na casca da fruta, nos pedaços de polpa grudados no caroço. Se faz pouco tempo, não preteia. Agora, o cocô: se faz pouco tempo, ainda está quente; se faz um pouco mais, ainda está fresco; se faz muito, já começa a ter crosta seca.

Tudo isso me contou o velho Nyaam Hi, hoje à tarde, num passeio pelo mato. Enquanto ele falava, eu gravava as explicações, a fim de escutar mais

tarde e aprender a língua Hupɖɔ, que ainda entendo mal. Felizmente, aprendi um pouco de Yuhup na Colômbia. Esses dois idiomas Maku são bem semelhantes, de modo que consigo pescar o sentido do que o velho conta. Porém o que mais ajuda não é minha facilidade para línguas, e sim o fato de ouvir explicações tão precisas *in loco*, no meio do mato, com os exemplos pululando diante do meu nariz.

21 de abril de 1982

Meu cotidiano já é meio rotineiro. Passo horas caçando com o velho Nyaam Hi e seus filhos. Se não estou no mato com eles, fico organizando minhas anotações, tirando fotografias na aldeia ou gravando o que dizem sobre os mais diversos assuntos. Meu estoque de pilhas está no fim. Tive que “aposentar” o radinho. Faz três meses que não tenho notícias da “civilização.” Às vezes me pergunto o que pode estar acontecendo lá fora. O mundo ainda mantém seu curso aborrecido, guerra após guerra, invenção após invenção, renda bruta, taxas de suicídio, epidemias e crises de fome?

28 de abril de 1982

Hoje ninguém saiu para caçar. Ficaram se espreguiçando nas redes, brincando uns com os outros. Aproveitei para curar as feridas e bolhas dos meus pés, enquanto os observava em silêncio.

Essa gente é muito divertida. Tshay, o filho mais velho de Nyaam Hi, chamou o filhinho de quatro anos, dizendo que ia lhe ensinar a pescar. Outros guris foram junto até a beira do Igarapé Cabari. Entraram numa canoa diminuta, feita de casca de paxiúba gorda, que virava todo o tempo, fazendo o bando cair n'água. Não houve pescaria nenhuma. Na verdade, foi um banho que durou a tarde toda. Tshay e a gurizada fizeram uma competição para ver quem se atirava de modo mais cômico no igarapé.

Pedn, um dos genros do velho Nyaam Hi, também teve seus momentos de *dolce farniente*. Passou toda a manhã deitado na rede, dormitando. A certa altura, quando a mulher dele trouxe uma cuia cheia de mingau de banana, molhou um pedaço de beiju no líquido e ofereceu ao mesmo tempo a um cachorro e a um tucano domesticado que eles criam. Cada vez que o cachorro se aproximava do beiju, o tucano desferia dolorosas bicadas no nariz do quadrúpede,

enquanto a platéia caía na gargalhada. Se quisesse, aquele cachorro poderia quebrar o pescoço do pássaro numa só dentada. Porém, ele se submetia à tortura por fidelidade ao dono.

No fim da tarde, umas mulheres que tinham ido catar frutas no mato chegaram dizendo haver rastros de anta do outro lado do Igarapé Cabari. A conversa foi animada. Os homens prepararam arcos e flechas. Amanhã decerto tem caçada.

2 de maio de 1982

Hoje de manhã saímos bem cedo atrás das antas, todos os homens adultos da aldeia: o velho Nyaam Hi, seus genros Pedn e Mehtshɔ, seus filhos Tshay, Tok, Dogm – e eu. Os índios levaram arcos, flechas e porretes. Eu empunhava o meu 22. Não que eu esperasse matar uma anta com ele, mas, por via das dúvidas, apanhei a arma e me pus em marcha. Junto conosco, os três cachorros caçadores da comunidade: o Motosserra, o Padre Norberto e a Irmã Tereza. Os Maku se divertem dando nomes de brancos aos cachorros; missionários e seus implementos agrícolas estão sempre à mão.

Caminhamos uma hora e topamos com rastros frescos, bem onde as mulheres disseram. Era um olho d'água, nascente de igarapé. As antas gostam desses lugares, porque sempre têm sal para lamber. A lama em volta da vertente estava toda pisoteada. Havia marcas de filhotes, de mães e de machos. Uma rede de caminhos de anta irradiava em várias direções. Pegamos o caminho mais marcado. Os índios concluíram ter sido feito por uma fêmea prenhe, porque as marcas no chão eram realmente fundas, sobretudo as marcas das patas traseiras. Mas antes de perseguir a fêmea prenhe, os índios amarraram as fuças da Irmã Tereza e do Padre Norberto com cipó. Só o Motosserra compreendia que não era para latir antes da hora.

Mais uns 40 minutos de caminhada – e lá estava um cocô recém-feito, majestoso, bonito, denunciando a sua dona. Mais adiante, um arbusto derrubado. Folhas mastigadas, bem frescas.

Nyaam Hi fez sinal para que parássemos e seguiu em frente sozinho, pé ante pé. Ainda não tinha contato visual, mas estava muito perto. Demorou acho que meia hora para andar dez metros. Quase não o víamos mais, atrás da

vegetação. Parou e armou a flecha lentamente. A essa altura, o animal decerto já estava sob o seu olhar exato.

Mas a anta é um bicho muito mais esperto do que se pensa. No momento em que a flecha disparou sibilando, o bicho saltou para frente. O projétil atingiu o lombo, em vez de se cravar no pé do ouvido, como Nyaam Hi queria. Flechada no lombo não derruba anta adulta. O animal saiu em disparada mato adentro.

Nyaam Hi olhou para trás, apontando-nos a direção tomada pela anta.

"Hamay! Hamay, ah tehdi!", gritava ele. "Vão! Vão, meus filhos!"

Os três filhos desamarraram os focinhos dos cachorros e se puseram a correr atrás da anta numa algazarra medonha de gritos e latidos. Nyaam Hi e os genros ficaram alguns segundos parados a escutar a algazarra, que se distanciava rápida pela selva.

"Nu sho!", exclamou o velho. "É pra cá."

E saíram correndo numa direção que divergia uns trinta graus da direção tomada pelo bicho em fuga e seus perseguidores barulhentos. Achei estranho, mas acompanhei Nyaam Hi e os genros sem dizer palavra.

Ao cabo de uns quinze minutos de correria, os gritos dos filhos e os latidos dos cachorros começaram a se tornar mais fortes. Pouco tempo mais, eles estavam realmente perto, quase paralelos a nós, quase nos encostando, embora ainda não pudéssemos vê-los através da floresta. De repente, Nyaam Hi parou de correr.

"Nu kan", disse ele. "Aqui."

Os outros também pararam, armando as flechas. Engatilhei o meu rifle. Ficamos os quatro ali petrificados, apontando as armas para o lugar de onde vinham crescendo os gritos e os latidos. Começamos a ouvir o pataleio grave e acelerado da anta em fuga, vindo bem na nossa direção. *Puru-tum, puru-tum, puru-tum...* Meu coração batia no mesmo ritmo.

De repente, o bicho surgiu do meio de uns arbustos, apavorado, com os cachorros nos calcanhares. Levou três flechadas no pescoço e mais o meu tiro de rifle, que pegou bem na peitarra.

Logo após, chegaram os filhos de Nyaam Hi, esbaforidos e contentes.

O Padre Norberto e a Irmã Tereza saltitavam em volta do corpanzil da anta morta, lambendo as ventas e os ferimentos do animal. O Motosserra latia para nós, numa saudação cheia de orgulho.

Depois Nyaam Hi me explicou com palavras, gestos e desenhos no chão. Quando não se consegue derrubar a anta na primeira tentativa e ela dispara, o grupo de caçadores se divide em dois. O primeiro grupo persegue o animal com muito alarido, para o outro grupo saber a direção da fuga. A trajetória da anta em fuga sempre descreve um longo arco. Pelo barulho dos perseguidores, o segundo grupo sabe qual a direção do arco: se vai dobrando para o norte, o sul, o leste ou o oeste do ponto em que começou a fuga. Então, o segundo grupo sai em linha reta, cortando o arco justo no lugar onde tem certeza que o bicho vai passar. Quando ele chega lá, é recebido com uma saraivada de flechas pela frente. Mas é preciso ser safo, do contrário a anta leva a gente de roldão. É dar o tiro e saltar para o lado.

3 de maio de 1982

Estamos acampados no local onde a anta foi morta. Era muito grande para ser carregada até a aldeia. Em vez disso, mandamos vir as mulheres e as crianças, para passarmos uns dias no mato, esquetejando o bicho, moqueando a carne, comendo até se fartar.

Construímos três tapiris. Tshay e Dogm, com suas famílias, ocupam um deles. No outro, estamos Nyaam Hi, a mulher, Mehtshê e eu. Tok e Pedn, com suas famílias, ocupam o terceiro. As crianças circulam de um tapiri para outro, brincando com os cachorros.

Uns curumins amarraram uma palma seca no rabo do Motosserra e atearam fogo. Todos riram do cachorro fugindo, aterrorizado. Depois, o Padre Norberto montou no lombo da Irmã Tereza e ficou engatado nela, sem conseguir sair. Os curumins os imitavam às gargalhadas e o casal olhava triste, parecendo entender o deboche. Seguiu-se um diálogo entre os adultos, entrecortado de risos. Não entendi tudo, mas o sentido foi o seguinte:

"Tribo estranha essa dos missionários", disse Nyaam Hi. "Como é que essa tribo continua, se as pessoas não fodem?"

"Deve ser mentira", disse Pedn com ar matreiro. "Acho que fodem, sim. Olha lá o Padre Norberto! Tá gostando, Irmã Tereza?"

7 de maio de 1982

Sobraram bons pedaços de anta defumada. Tshay, Pedn e Mehtshu resolveram ir à aldeia Tukano mais próxima para oferecer carne de caça em troca de farinha de mandioca e beijus. Decidi acompanhá-los.

No caminho, Tshay e seus dois cunhados foram enticando uns com os outros o tempo todo. Tshay chamava Pedn de *dow ket*, pênis de bebê.

"*Am eydu ah dow ket pogn tukuy*", respondeu Pedn. "As tuas irmãs gostam muito do meu pênis de bebê."

"*Tamū eydu tukuy nihu ketdu*", completou Mehtshu. "As irmãs dele gostam de todos os pênis."

"*Tshah aydu keyey am, Yossi?*", perguntou-me Pedn. "Você conhece mulheres negras, Jorge?"

Adivinhei logo as intenções do índio. "*Tshah aydu boy naw aptshap niy*," informei. "As negras têm vagina gostosa."

Eles riram muito da minha resposta, acho que mais pela formulação do que pelo conteúdo.

"*Yossi Hup udn uduy*", disse Tshay com certo orgulho. "O Jorge fala a língua da gente."

"*Nah am nenep, tshah ay am donen tegrn*", disse Pedn. "Na próxima vez que você vier, vai trazer mulher negra."

Acho que já faço parte do bando dos cunhados. Cunhados são assim. Sempre brincando uns com os outros.

8 de maio de 1982

Ontem, quando estivemos com os Tukano, o barco do comerciante Sabá Preto estava atracado no porto da aldeia. É um maranhense que chegou à região já nos anos 60. Trabalhou para os missionários, depois virou comerciante, patrão de índio. Os Tukano trabalham para ele na coleta da piaçaba. Sabá Preto paga em gêneros, por isso tem o barco sempre cheio de mercadorias. Aproveitei e comprei pilhas para o rádio.

Hoje, ao voltar para o acampamento da anta morta, lá pelas 7 da noite, coloco as pilhas e tento sintonizar a Radiobrás, mas a Radiobrás ainda não pega aqui na fronteira com a Colômbia. Sintonizo a BBC. O noticiário fala sobre uma guerra entre a Argentina e o Reino Unido.

Será que é delírio ou será que esqueci a língua inglesa? Inglaterra guerreando com Argentina não faz o menor sentido. Não tem registro. Faz meses que eu não falo uma língua ocidental, nem mesmo o português. E ainda não aprendi direito a língua Hupdu. Estou mudo, sem nenhum verdadeiro interlocutor para dividir meus pensamentos. Posso estar confuso, só isso.

9 de maio de 1982

Volto ao radinho de pilha, obcecado. O *BBC World Service* continua falando na tal da guerra entre o Reino Unido e a Argentina. Por via das dúvidas, mudo para a *Voice of America*. Lá está o raio da guerra outra vez. Tento *La Habana*. Não posso me enganar em espanhol, a final de contas eu nasci na fronteira com o Uruguai. Fidel Castro dá um discurso contra o imperialismo Anglo-Americano e defende a Argentina. Fidel Castro defende a Argentina? Uma ditadura de direita, instalada com ajuda norte-americana justamente para brear o avanço do comunismo? Isso não faz sentido. Mudo para a Rádio Moscou, procurando uma emissão em português ou espanhol. Acho uma em português. Num perfeito sotaque paulista, o locutor mostra que os soviéticos também criticam o imperialismo Anglo-Americano e se colocam a favor dos argentinos.

Caramba! O Pacto de Varsóvia já deve estar com os tanques de guerra e os transportadores de mísseis perto da fronteira da Alemanha Ocidental. Qualquer dia desses, aparece a notícia de que a OTAN foi atacada. Ogivas nucleares cruzarão os céus de leste a oeste, de oeste a leste, num traçado sinistro. Os B52 voarão rumo a Vladivostok para despejar a carga mortífera. Submarinos nucleares atravessarão o Pólo Norte por baixo d'água buscando as melhores posições para lançar os temíveis Poseidons. Cidades inteiras vão desaparecer – e eu aqui, no meio desse mato.

Lembro de uma declaração de Einstein a respeito dos conflitos nucleares: "Não sei como vai ser a Terceira Guerra Mundial, mas sei como vai ser a Quarta. Vai ser com paus e pedras."

Acho que estou preparado.

Vocês, brancos, não têm alma*

Beré e eu procurávamos ansiosos por um trecho seco de floresta nas margens inundadas do Rio Marié, quando a silhueta negra de uma colina apareceu de repente contra o pôr-do-sol. Desliguei logo o motor do meu bote. Só Deus sabia se encontraríamos outro lugar alto para passar a noite. Uma grande tormenta se aproximava. Levantamos às pressas um abrigo de folhas de palmeira, pouco antes do aguaceiro desabar. Atamos nossas redes, pulamos para dentro e caímos no sono, tentando esquecer a fome e os grossos pingos de chuva que vazavam o teto do nosso abrigo desajeitado.

Este era o nono dia de uma incursão nas cabeceiras inexploradas do Marié, onde eu esperava encontrar o chamado Povo da Zarabatana, um grupo Maku que supostamente vivia nessa área, em total isolamento de qualquer contato com os brancos ou mesmo com outros índios.

Nos últimos dias, vínhamos comendo apenas formigas, cupins e larvas, uma vez que durante o pico mais alto do período chuvoso - como era o caso naquele tenebroso julho de 1982 - o peixe tende a se dispersar muito dentro da floresta inundada e os animais selvagens raramente aparecem para o caçador faminto que ousa se aventurar em terras desconhecidas, como essa que estávamos explorando. O Marié corre numa planície chata, inundando enormes trechos de margem durante a estação das chuvas. A caça é naturalmente rara nesse tipo de paisagem. E não há lugares secos para plantar mandioca. Por isso, não existem índios ou outros moradores ao longo de seu extenso curso em direção ao Rio Negro, exceto pelas três aldeias Tukano perto da embocadura, onde as margens são altas, e talvez o Povo da Zarabatana na região das cabeceiras.

De acordo com minhas estimativas, nós devíamos estar agora chegando perto do destino. Esse barranco alto onde levantamos o abrigo podia muito bem

* Publicado originalmente sob o título "You white people have no soul (the anthropologist as a patient in a healing process by a Tukano shaman)," em *Zeitschrift Leipziger Museum für Völkerkunde*, vol. XLVII: 365-373. Leipzig, 1997.

ser o início de um trecho de terra firme, onde eu esperava achar o que estava procurando.

Na barra do dia seguinte, enquanto eu pensava em silêncio sobre essas coisas debaixo daquele abrigo cheio de goteiras, Beré se levantou da rede como se ouvisse algo. E logo começou a imitar gritos de macaco barrigudo com uma corneta improvisada com folhas de parasitas. De repente, os macacos despontaram no dossel da floresta, a uns 30 metros acima das nossas cabeças. Peguei meu rifle e atirei num deles. Mas como eu estava demasiado ansioso por um pedaço de carne quente nas entranhas, atirei de um ângulo precário e atingi apenas uma das pernas do animal. Ele fugiu com os outros, pulando de galho em galho, com a perna quebrada sangrando e balançando solta – uma visão bem lamentável aquela do café da manhã sumindo para morrer em vão.

“Isso é ruim”, disse o meu parceiro. “Boraró não gosta quando isso acontece.” Boraró é o nome Tukano para uma entidade sobrenatural que se acredita proteger e multiplicar os animais de caça. Ele é descrito como um humanóide alto e peludo, com garras afiadas e presas enormes. Está sempre de mau humor e costuma atacar as pessoas com dardos invisíveis, causadores de doenças graves. Para evitar esses ataques, o caçador tem de oferecer algo em troca dos animais que abate. Os índios Maku dizem que basta jogar os pêlos ou as penas de suas vítimas na floresta enquanto murmuram fórmulas mágicas evocativas, para que Boraró possa fazer um novo animal com os restos mortais do outro. Mas segundo os Tukano, é preciso ofertar-lhe almas humanas.

Logo após um desjejum frugal - larvas com alguns punhados de farinha de mandioca - começamos a inspecionar aquele trecho de terra firme na margem esquerda do Marié, procurando trilhas, velhos abrigos ou qualquer traço de presença humana. Em poucos minutos de caminhada, achamos uma velha trilha que ia para o norte, afastando-se do rio. Não havia sinal de golpes de facão ao longo da trilha. Fora aberta inteiramente à mão. Isso era um sinal claro da presença de índios isolados, já que os grupos indígenas em contato regular com os brancos usam facões para abrir e manter suas trilhas.

Quando se cortam árvores novas da floresta tropical a golpes de facão, elas secam e morrem. Mas se forem apenas quebradas com à mão em vez de decepadas por completo, elas formam um nó no lugar quebrado e continuam

crescendo. Os índios sabem dizer a idade de um caminho aberto a mão pela altura das arvorezinhas do chão até o nó. A trilha em que estávamos devia ter aproximadamente um ano de idade.

Caminhamos sem parar ao longo dessa trilha até o começo da tarde. Então, ela descambou num declive acentuado, desaparecendo abruptamente num enorme pântano. Era o fim da terra firme. Estávamos outra vez no nível do rio. Convenci meu parceiro a caminhar mais algumas horas no pântano, tomando a direção geral indicada pela trilha. Mas nenhum de nós podia suportar tal esforço, famintos e cansados como estávamos. Voltamos sobre os nossos passos e construímos um novo abrigo na orla do pântano.

Ao pôr-do-sol, enquanto uma tempestade se aproximava, fiquei deitado na rede, pensando sobre o meu trabalho. Eu já havia feito seis meses de pesquisa de campo entre os índios Maku do Rio Tiquié, sobre os quais eu escrevia a dissertação de mestrado. Comparados aos Tukano, esses Maku estavam razoavelmente isolados do mundo dos brancos, mas aos vinte e seis anos de idade isso me parecia insuficiente. Queria ser o primeiro branco a fazer contato com os Maku da Zarabatana, os últimos índios em total isolamento na região do Rio Negro. Sendo assim, comprei um bote motorizado e entrei no Marié. Mas logo percebi que seria uma tolice viajar sozinho naquele vasto trecho de floresta. Então, parei na última aldeia Tukano e perguntei aos habitantes se algum deles se dispunha a me acompanhar até as cabeceiras mediante um pagamento razoável.

Um homem branco saiu de uma palhoça e afirmou que nenhum dos habitantes podia me acompanhar, uma vez que todos lhe deviam trabalho. Na verdade, trata-se de uma forma disfarçada de escravidão. Comerciantes brancos como aquele costumam oferecer cachaça, remédios e outras mercadorias aos índios em troca de látex, cipós, peles de onça, peixes raros e outros produtos da floresta. Uma vez que os índios não entendem o valor monetário das coisas, os comerciantes os enganam o tempo todo, dizendo que eles não produzem o suficiente para saldar as dívidas. E se eles reagem, os comerciantes cortam o suprimento de cachaça e remédios. Os índios quase sempre se rendem.

Diante da negativa, eu insisti, dizendo não poder viajar sozinho às nascentes do Marié. O comerciante retrucou impassível: “Você me paga a dívida de um desses caboclos, e ele fica sendo seu.”

“Mas qual?”, eu perguntei perplexo.

“A escolha é sua, companheiro”, disse o comerciante com um sorriso malévolo. Tive a impressão de que ele debochava do meu embaraço moral por ter de comprar um ser humano.

Fazia muito calor. Pulei n'água, em frente ao porto da aldeia, mas esqueci de tirar os óculos. Eles foram ao fundo. Quando emergi, praguejando tê-los perdido, os índios que estavam por perto mergulharam. Escolhi o índio que achou meus óculos.

“Cem dólares”, disse o comerciante.

Eu paguei. E, agora, lá estava ele comigo, nos confins de um trecho de floresta que nunca visitaria se eu não lhe tivesse pago a dívida. O curioso é que se obstinava numa atitude servil, apesar de eu ter dito várias vezes que não me devia nada e que seria pago pelos serviços que me prestava. Enquanto a chuva caía sobre o nosso abrigo na orla do pântano, eu me perguntava por que ele ainda mantinha aquela atitude. Talvez eu devesse lhe dar a chance de me pagar com algo para ele mais valioso do que o simples trabalho braçal. O que poderia ser?

Eu estava adormecendo quando o primeiro estrondo reverberou nas sombras da noite, vindo de dentro do pântano. Ao segundo estrondo, bem mais alto que o primeiro, Beré reavivava o fogo com o medo estampado na cara, e murmurava fórmulas rápidas e repetitivas em língua Tukano. Ao terceiro estrondo – este então estava quase em cima de nós – ele acendeu um charuto feito de folhas largas de parasitas e começou a soprar a fumaça em torno do nosso acampamento, repetindo as fórmulas de um modo quase histérico. Então, os estrondos começaram a ficar cada vez mais fracos, como se retornassem ao pântano. Beré abaixou a voz e continuou com sua monótona litania até o amanhecer. Eu dormitava de tempos em tempo e, ao acordar, lá estava ele em sua oração sem tréguas.

Na manhã seguinte, ele se mostrou especialmente lacônico, enquanto arrumávamos a tralha para voltar à beira do rio.

“Que foi aquilo ontem à noite”, eu perguntei.

“Boraró”.

“O que te dá tanta certeza?”

“Ele sempre aparece assim, estourando dentro da escuridão.”

“Como é que ele faz aquele barulho?”

“Batendo nas árvores com um porrete pesado que ele tem.”

“Por que é que ele veio até aqui?”

“Isso aqui deve ser uma casa de caça. Você sabe, as bolas de terra alta como essa são as casas onde o Boraró forma a caça nova.”

“Ele tá zangado com a gente?”

“Claro!”

“Porque eu feri uma cria dele pra nada...”

“E porque ninguém deu nada em troca, pra que ele pudesse fazer outra.”

“O que era aquilo que você ficou murmurando a noite toda?”

“Uma reza pra mandar ele embora.”

“Você poderia traduzir pra o português?”

Não sou capaz de reproduzir todos os detalhes dessa reza surpreendente. Apenas me lembro de seus traços gerais. Ela consiste de um refrão invariável, “*Vai embora, porque nós somos gente. Gente mora em aldeia.*” Depois desse refrão, vem uma fórmula preparatória, “*Na aldeia, tem...*”, seguida de uma longa enumeração de objetos. Por exemplo, “*Na aldeia, tem a maloca. A maloca é feita de esteios, paredes e teto. Há três tipos de esteios: os esteios dos homens, os esteios das famílias e os esteios das mulheres.*” Então, a reza continua descrevendo o teto e as paredes da maloca. Quando a descrição da maloca termina, a reza volta à fórmula repetitiva: “*Por isso vai embora, porque nós somos gente. Gente mora em aldeia. Na aldeia tem...*” Então vêm sucessivamente o conjunto de objetos rituais, o conjunto dos equipamentos de pesca, de caça, de processamento da mandioca, os objetos de cozinha e assim por diante, sempre repetindo a fórmula principal, “*Por isso vai embora, porque nós somos gente.*”

“Caramba!”, eu disse para mim mesmo. “Lévi-Strauss acertou na mosca! Isso é um exemplo e tanto da oposição natureza-cultura. Boraró representa a fúria da natureza, e como a gente está em seus domínios, longe de qualquer aldeia indígena, Beré rezou para simular uma aldeia, com todos os elementos da cultura.”

O papel destacado da maloca nessa reza não é gratuito. As aldeias tradicionais dos Tukano consistem de uma única maloca, normalmente com uns 20 m de comprimento. Cada maloca abriga um clã diferente. Os clãs se transmitem em linha paterna. Todos os homens e crianças de uma dada maloca se relacionam por meio de laços masculinos de parentesco. As mulheres casadas vêm de outras malocas (outros clãs) e as solteiras, quando casam, vão embora, morar com os maridos.

As malocas tradicionais têm sempre a mesma estrutura básica. Face à barranca do rio, está a porta dos homens. Do lado oposto, face às plantações de mandioca e da floresta, está a porta das mulheres. Entre esses dois extremos, ficam os compartimentos familiares. Os esteios que sustentam o teto são classificados segundo essa repartição do espaço interno.

O ritual Tukano mais importante é conhecido pelo nome de Jurupari. Nele, os homens adultos entram pela porta masculina, tocando flautas sagradas, que as mulheres não podem ver. Para os índios, esse ritual encena o começo do mundo, quando os vários clãs Tukano vieram até os trechos de rio que atualmente ocupam. A maloca é tão importante para esses índios, que seus mortos são nelas enterrados. Os homens, debaixo da pista de dança do ritual Jurupari; as mulheres, no piso dos compartimentos familiares.

Obviamente, a reza de Beré estava reproduzindo de alguma forma a maloca tradicional, embora ele não vivesse mais numa delas desde a tenra infância. "Para lutar contra a criatura mais perigosa da floresta," eu pensei, "ele tem que evocar o mais forte elemento de sua cultura, a maloca tradicional. Fazendo isso, ele manda a natureza de volta à selvageria que lhe é própria, tamanho é o poder mágico das palavras."

Poucos metros depois de tomarmos a trilha de volta ao rio, encontramos um lugar onde as folhas mortas do chão haviam sido amassadas por algo grande e pesado.

"Uma onça passou a noite toda bem aqui", disse Beré. "Ela ficou nos vigiando."

"Talvez à espera de restos de comida", eu respondi.

"Duvido... Isso não é uma onça que existe."

"Mas então o que é?"

"Coisa ruim."

"Mas que tipo de coisa ruim, ora?"

"Boraró."

"Eu pensei que a tua reza tinha mandado ele embora."

"Eu também. Mas ele se transformou numa onça e voltou bem quieto.

Eu não me dei conta. Aí, eu baixei a força da minha reza e quase peguei no sono. Bem esperto esse Boraró."

"Nem todos os Borarós são tão espertos?"

"Ah não! Alguns são muito lesos... Mas não esse aí."

"Então, é melhor a gente empacotar a tralha e dar o fora."

"Agora você falou direito."

Eu tinha sentimentos dúbios. Às vezes, me dava a impressão de que ele temia muito o encontro com o Povo da Zarabatana. E sabendo que eu não partilhava seu medo, talvez quisesse me apavorar com essas histórias nativas de terror, para que eu desistisse da procura. Por outro lado, havia aqueles estranhos estouros da noite anterior. Eu realmente não sabia o que pensar a respeito - e, por sinal, ainda não sei.

Continuamos conversando ao longo do caminho de volta à beira do rio:

"Os dardos mágicos são a única arma do Boraró?", eu perguntei.

"Não. Às vezes, ele tonteia as pessoas pra sugar o sangue e os miolos delas. O que ele mais gosta são as mocinhas."

"É mesmo?"

"Diz que no ano passado Boraró andava namorando as mocinhas das aldeias que ficam perto de Miraflores, na Colômbia. Ele se transformava num rapaz bonito e fodia elas. Quando a mocinha começava a gozar, Boraró voltava à forma natural e devorava ela inteirinha."

"Ele matou muita mocinha desse jeito?"

"Sim. As mulheres não iam mais à roça. As pessoas estavam morrendo de fome."

"E daí?"

"E daí que eles chamaram a polícia. Polícia colombiana. A mesma que anda lutando com os guerrilheiros. Veio um grupo armado de metralhadoras. Eles encontraram o tal rapaz perto de uma roça e esvaziaram os cartuchos nele.

Aí, os policiais se aproximaram do corpo, achando que ele tava morto. Mas de repente, Boraró virou onça enorme e sumiu urrando mato adentro.”

Finalmente chegamos à margem esquerda do Marié. Verificamos se o bote estava em ordem e começamos a inspecionar a margem oposta, em busca de traços da velha trilha. De fato, ela continuava na margem oposta. “Se ela corta o curso do rio perpendicularmente e acaba num pântano ao norte”, eu pensei, “então seu ponto de origem deve estar ao sul do rio. O Povo da Zarabatana deve estar em alguma parte naquela direção. Provavelmente eles vêm até aqui na estação seca para pescar no rio principal e capturar rãs no pântano. Isso explica o aspecto abandonado da trilha. Eles a usam somente no período seco.”

Caminhamos para o sul ao longo da trilha velha, esperando estar desta vez num terreno alto e seco, grande o suficiente para sustentar um grupo de índios caçadores. Mas no começo da tarde, estávamos novamente face a um pântano sem fim. Isso me deixou muito confuso.

“Mas quem foram os merdas que fizeram essa trilha, cacete?”, eu praguejei.

“O Povo da Zarabatana,” respondeu Beré, com toda a calma do mundo.

“Pra quê, se ela vai de um pântano ao outro?”

“Eu não sei. Quem sabe eles fizeram essa trilha pra enfeitar a casa do Boraró? Você sabe, os Maku são amigos dele”.

“Mas os Maku têm medo dele, como todos os outros índios”.

“Isso é verdade só pra os Maku da nossa vizinhança. A gente ensinou eles a se comportarem como gente. Foi conosco que eles aprenderam a plantar, a fazer casa, panela de barro, tudo que é coisa de gente. Eles não aprenderam bem porque são muito teimosos. Mas pelo menos aprenderam a ficar longe dos maus espíritos da floresta. Só que o Povo da Zarabatana vive muito longe das nossas aldeias, né? A gente nunca pôde ensinar nada pra eles...”

“Quer dizer que eles são meio parecidos com o Boraró,” eu sugeri.

“Isso mesmo. Pode ser que agora eles todos já tenham virado Boraró.”

“Como é que a gente vira Boraró?”

“Comendo só carne... e comendo as irmãs da gente...”

Os Tukano acreditam que os Maku não se comportam como gente porque preferem se casar entre habitantes das mesmas aldeias, em vez de procurarem mulheres nas aldeias vizinhas. Para os Tukano, casar-se dentro da mesma aldeia é o mesmo que se casar com a própria irmã. Sabendo disso, eu contestei:

“Mas os Maku da sua vizinhança comem as próprias irmãs. Por que eles ainda não viraram Boraró?”

“Porque nós ensinamos eles a plantar e fazer farinha de mandioca. Eles ficaram quase parecidos com a gente”.

Passamos a noite perto do novo pântano. Era muito tarde para retornar ao Marié antes da chuarada. Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito mal.

“Acho que eu tô com febre”, disse eu. Ele se aproximou e me pôs a mão na testa.

“Sim, você tá com febre”.

“Eu tive um sonho estranho”.

“Me conta”, disse ele.

“Sonhei que eu encontrava a minha irmã com duas outras garotas. Elas estavam comendo bombom. Muitos bombons. Quando eu apareci, elas riram e me provocaram, oferecendo os bombons molhados entre os lábios. Eu tinha que beijar cada uma na boca pra poder comer os bombons”.

“Sonho ruim”, fez ele.

“Por quê?”

“Parece que você foi envenenado”.

“Por quem?”, eu perguntei, já sabendo a resposta.

“Boraró”.

“Você acha que ele me atirou um dardo na outra noite?”

“Sim”.

Levamos mais de meio dia para voltar ao nosso primeiro acampamento perto do rio. Eu estava cansado e doente. E no resto do dia, enquanto Beré pescava um pouco, meu estado foi piorando. Ao pôr-do-sol, comecei a vomitar e a tremer como um miserável moribundo.

No dia seguinte, as coisas não melhoraram. Eu não podia levantar e caminhar, e nada do pouco que eu comia me ficava no estômago. Continuava vomitando e tremendo como um cachorro louco. Minha febre estava acima de 40° e subindo.

“Ô meu, irmão,” eu disse de dentro da rede. “Eu acho que eu tô no fim.”

“Eu acho que você tá,” ele respondeu em tom casual. “Aqui nessa região morre muita gente vomitando e tremendo que nem você.”

Eu não estava bem de acordo com a idéia de morrer daquele jeito. Peguei meu rifle debaixo da rede. Mas ele logo adivinhou o que eu tinha em mente:

“Não faz isso, por favor!”

“Me dá uma boa razão.”

“As pessoas vão pensar que fui eu quem te matou”.

Afastei de mim o cano da arma e disparei umas dez vezes sobre as árvores próximas, maldizendo o dia do meu nascimento.

“Bom”. disse ele.

Pouco depois, improvisou uma cama dentro do bote, arrastou-me para dentro e embarcou a tralha. Era o fim da minha tola aventura. Agora estávamos definitivamente descendo o rio. Decepcionado e doente, minha reação foi me deixar morrer em silêncio.

No fim do dia, a hélice do motor se quebrou contra uma árvore submersa. Não havia maneira de evitá-lo, já que eu estava deitado e Beré permanecia na popa, controlando o leme. Era preciso que alguém ficasse na proa, vigiando árvores submersas e outros obstáculos dentro do rio.

Eu estava muito fraco para fazer mais do que levantar a cabeça e vomitar fora da borda. Encarreguei Beré de substituir a hélice quebrada. Mas o motor daquele bote era complicado demais para o pouco conhecimento que ele tinha de mecânica. Além do mais, acho que fui muito confuso em minhas explicações de como consertar os danos. Eu não podia juntar nem mesmo duas idéias para formar um raciocínio. Alternava picos de delírio e estados de completo estupor. Então, Beré decidiu remar durante o dia e deixar o bote boiar rio abaixo durante a noite, para ganhar tempo. Construiu um teto de palmas sobre mim, para me proteger das tempestades e do sol equatorial.

Não sei dizer quantos dias ficamos à deriva. Eu continuava delirando e caindo naqueles medonhos estados de torpor. Lembro de uma certa rotina. O som dos remos se misturava à voz suave de Beré, murmurando rezas sem fim em língua Tukano. Cada vez que eu levantava a cabeça e vomitava fora da borda, ele se aproximava e me oferecia uma infusão onde soprava fumaça de cigarro e benzeduras curativas. Parece-me que a beberagem era feita de água do rio e ovos de tartaruga. Minha memória desses dias é feita de imagens desconexas. Mas lembro que às vezes ele encostava o punho cerrado em meu peito, sugava o ar através do punho e soprava para longe, dizendo fórmulas mágicas.

Uma noite, enquanto ele se ajeitava para deitar e dormir um pouco no espaço exíguo do meu bote, suas costas encostaram por acaso nos meus pés.

“Como os teus pés estão frios!”, fez ele. “Vou esquentar pra você”. Disse isso, abraçou meus pés contra o peito e dormiu.

Nessa noite, tive um sonho. Quando acordei, estava mais consciente do que de hábito. Contei o sonho de um só fôlego.

“O sol estava se pondo”, eu disse. “Nós remávamos uma canoa de índio no Rio Uaupés. Você ia na proa, eu na popa. Aí, nós chegamos à maloca do seu avô, pai do seu pai. Você subiu a barranca em frente à maloca, enquanto eu fiquei na canoa, esperando um convite. Então, eu escutei uma voz vinda de dentro da maloca: ‘Beré, quem é esse branco que vem aí com você?’ Era a voz do seu avô. Eu entendi aquilo como um convite e subi a barranca. Quando eu cheguei no terreiro em frente à maloca, você tinha desaparecido. Entrei na maloca pela porta dos homens. Estava escuro lá dentro. Quando acostumei os olhos, percebi várias sepulturas abertas no chão. Elas estavam cheias d’água e tinha um boto dentro de cada uma. O maior boto era o seu avô.”

Ele acendeu um cigarro e ficou fumando em silêncio por uns momentos. Então, começou a falar:

“Sonho verdadeiro. O boto é o símbolo do meu clã, os Buhuari Mahsa, quer dizer, Gente Aparecida. Você descobriu isso sozinho no sonho, porque você está morrendo. Por isso, você foi até a casa do meu avô procurar uma alma, procurar uma vida. Vocês brancos não têm alma. Quando morrem, vocês vão pro nada, enquanto a gente vai pra casa do nosso avô, a casa do nosso clã.

Você foi até lá pra achar uma alma, uma vida, porque sua vida tá se apagando. Agora eu vou te curar em nome do meu avô, que também é o meu próprio nome. O teu nome não é mais Jorge. O teu nome é... (não posso revelar). Agora você pertence ao meu povo. Agora sim eu sei qual é a reza que eu tenho que soprar pra livrar você do veneno do Boraró."

E começou uma longa reza, evocando seus ancestrais masculinos, desde o avô paterno até os fundadores do clã. Depois da reza, contou-me algumas passagens de sua vida. O avô fora um *yai* (pessoa-onça, pajé importante) na região do Uaupés. Já que Beré era o neto mais velho, herdou o nome do avô, como ocorre com frequência entre os Tukano. O velho o estava treinando para ser *yai*, mas morreu antes do menino terminar o treinamento.

"Por isso minhas rezas quase não tinham efeito em você", disse ele, desculpando-se. "Ainda bem que você achou o caminho até o lugar do meu avô. Ele me ajudou a encontrar a reza certa."

Depois da morte do avô, o pai de Beré o levou da região do Uaupés para a boca do Marié, para trabalharem os dois sob as ordens de um comerciante branco. Logo após, o pai morreu. Beré tinha apenas 15 anos de idade. Sem parentes próximos na região, vagou de aldeia em aldeia até que finalmente se estabeleceu na última aldeia do Marié, onde tinha uma tia paterna distante. Desde então, o marido desta tia, sempre endividado com os comerciantes, obrigava-o a trabalhar para saldar as dívidas. Beré não gostava dele, mas se sentia obrigado ao trabalho, já que este homem o acolhera sem que os dois fossem do mesmo clã.

Na manhã seguinte eu não vomitava mais e a febre estava bem baixa. Finalmente pude levantar e consertar a hélice quebrada.

"Então você é um *yai*, um pajé verdadeiro", eu disse.

"Ah não", ele respondeu. "Eu falo muito",

Dois dias depois, eu estava na aldeia de Beré, tomando uma deliciosa canja de galinha oferecida pela tia. O desagradável marido dela realmente não gostou de saber que Beré estava livre de dívidas. Depois da refeição, acendi um cigarro e me pus a contemplar a fumaça desaparecendo na brisa do entardecer. Notei então que Beré me observava com um sorriso amigoso.

"Eu ainda te devo alguma coisa?", ele perguntou.

Levantei e dei-lhe o meu rifle.

Doze anos mais tarde, voltei à foz do Marié, como membro da equipe da Funai que estava reconhecendo as terras indígenas no vale do Rio Negro, para uma futura demarcação. Perguntei por Beré ao desembarcarmos em sua aldeia. Os moradores me disseram que ele ainda morava lá, mas que sumira na floresta ao perceber que eu estava chegando.

"Ele não contou que me salvou a vida?"

"Não", responderam os índios. "Ele nunca fala muito".

Pedra lascada

Uma vez, eu fui até a Missão de Pari-Cachoeira acompanhado de um bando de índios Maku do subgrupo Hupd̄. Tão logo saímos do mato e ganhamos o descampado defronte à igreja, o bando passou a caminhar a uns cinco, seis metros atrás de mim, para demonstrar inferioridade. É que caíram sobre nós os olhares críticos dos índios Tukano e dos clérigos. Por motivos diferentes. Os Tukano estavam irritados porque repugnava que aquela “gente inferior” andasse com um branco. Os missionários nos fitavam com censura porque os índios que estavam comigo recusavam obstinadamente a catequese. Mas, no fundo, as razões eram as mesmas. Os padres praticavam com despudor o orgulho de ser branco. Usavam a autoridade sobre os Tukano para que estes usassem a autoridade sobre os Maku a fim de lhes impor a fé cristã. Catequistas e professores mandados pelos padres aos Maku eram sempre de fala Tukano, num óbvio desrespeito à língua nativa e à vontade dos índios.

Alguns grupos Maku acabavam cedendo por causa dos presentes em mercadorias e dos remédios oferecidos pelos religiosos. Mas os “meus” Hupd̄ eram campeões de resistência, de modo que me senti à vontade para pedir-lhes que andassem ao meu lado, só pelo desaforo. Eles aquiesceram. Os moradores paravam seus afazeres para observar aquele atrevimento: índios Maku andando lado a lado com um branco no meio do terreiro da Missão.

Os padres e os moradores me conheciam das minhas primeiras pesquisas de campo, no início dos anos 1980. Estavam um tanto surpresos, decerto porque me tinham na conta de alguém bastante tímido. De fato, em 1982, eu jamais teria tomado aquela atitude. Pela timidez e também pela ingenuidade, porque naquela época eu achava que o “relativismo cultural” – obviedade acadêmica que manda não julgar outros povos segundo seus próprios valores – deveria impedir que o antropólogo interferisse nos assuntos nativos.

Mas, agora, 7 anos mais velho, eu me dava o direito de ficar irritado com a soberba Tukano, sobretudo porque os padres a usavam para impor a religião católica aos Maku. Relativismo cultural neste caso seria puro cinismo. Por isso, fiz questão de demonstrar o meu aborrecimento com aquilo, de modo que entrei ostensivamente com os Hupd̄ no empório da missão, comprei redes

novas, anzóis, linhas de pesca, terçados, miudezas e lhes dei de presente diante dos rostos perplexos dos demais índios, das freiras e dos missionários que estavam por lá.

Saímos lado a lado e tomamos uma velha trilha, profunda e pensativa, que conduzia de Pari-Cachoeira até o Igarapé Cantagalo, onde moravam aqueles Hupd̄.

Ao contrário das trilhas de caça, que são sumárias e não querem perder tempo, essa velha trilha oferecia um sistema de sinais de trânsito. Era uma verdadeira *high-way* selvagem. Logo no início, havia folhas secas de palmeira espalhadas no chão, indicando a presença de formigas de fogo. Os Hupd̄ pararam para me explicar uns detalhes hilariantes. Duas varas estavam fincadas lado a lado no chão, perto das palmas secas. A maior era a vara dos homens. A menor, a das mulheres. Na ponta superior de ambas, havia rachaduras com tufo de pentelhos. A vara dos homens continha pentelhos femininos; a das mulheres, pentelhos masculinos. Quando alguém levava picadas de formigas de fogo, bastava escolher um ou dois pentelhos do sexo oposto, queimar e esfregar na parte afetada. Aquilo me fez rir muito e eu perguntei aos índios por que não passavam por ali correndo em vez de se dar ao trabalho de arrancar pentelhos para colocar na ponta das varinhas. Responderam que era divertido. Que melhor que aquilo só mulher catando piolho na cabeça da gente.

Os Maku vinham colhendo coisas na trilha e comendo todo o tempo: ingás, bacabinhas e outras frutas que eu não conheço. Diante do meu espanto com tanta comida do mato, eles me contaram que isso vinha do cocô dos viajantes. Quando usavam as longas trilhas de viagem, iam comendo o que tinha pelo caminho e espalhando as sementes ao defecar mais adiante.

Com duas horas de caminhada, passamos por um sinal peculiar: quatro varas fincadas no chão, formando um retângulo. Estava na boca de uma trilha menor, que saía da nossa trilha grande. Perguntei o que era aquilo.

“*Top ket tegnd̄ hamap tiyu*”, me responderam. “Esse caminho leva a um caranazal.”

Caraná é uma palmeira muito valorizada para fazer teto. O formato retangular do sinal sugeria a planta retangular dos tapiris, sustentado por quatro esteios principais.

Já que eu demonstrava interesse, vários outros sinais me foram explicados: indicativos de desvios quando o caminho passava por um atoleiro, sinalizadores de trilhas de caça e de acampamentos próximos.

Depois de quatro horas de caminhada, chegamos à *Motegn Hu* (Cachoeira Cana de Açúcar). Lugar muito bonito, com uma cascata terminando num remanso gostoso de se tomar banho. Antigamente, havia uma aldeia Hupd̄ nesse local. Aí os padres mandaram um catequista-professor Tukano, para ensinar as primeiras letras e a “verdade revelada” aos Maku. O catequista engravidou uma menina e caiu fora. Desde então, os Hupd̄ do Igarapé Cantagalo nunca mais quiseram saber de professores.

Na Cachoeira Cana de Açúcar havia uma bifurcação.

“*Nup Dehmi Tsha hamap tiyu*”, me disseram os Hupd̄. “Esta trilha vai para o Rio Papuri.”

A trilha principal seguia rumo solene selva adentro. Entendi o porquê de toda aquela sinalização: era uma trilha que ligava duas bacias fluviais diferentes, a do Rio Tiquiê, região onde estávamos, e a do Rio Papuri, a uns 40 km ao norte. Pegamos uma trilha secundária para chegar à aldeia do Cantagalo. Era bem mais modesta, meio apagada, como de hábito entre os Maku.

Logo depois de entrarmos na trilha menor, topamos com um bando de macacos barrigudos perto do *Nyaam Wobm Mi* (Igarapé Travessia de Onça). Três deles foram mortos a dardos de zarabatana antes que os outros se dessem conta do ataque e escapulissem pulando de galho em galho. Enquanto pegávamos os macacos caídos, um dos Hupd̄ colheu uma erva no chão e me mostrou: “*Nup hat yaw nawap ñd̄*”, disse ele. “Esta se chama erva de amansar doido.”

Mais adiante, outras ervas: *shiripi ño* (erva de andorinha) e *shugn ño* (erva de beija-flor). A gente colhe as duas, mistura e esfrega bem na palma das mãos. Produzem um cheiro muito bom. A primeira mulher que for tocada com aquelas mãos cheirosas não resistirá ao assédio e se deixará fatalmente seduzir. Colhi exemplares das duas e guardei num saco plástico.

Chegando à aldeia, terminou o divertimento. Tive que me entregar à tarefa enjoada de coletar genealogias, bater fotos, gravar entrevistas e anotar informações no caderno de campo – essas coisas murrinhas que aborrecem antropólogos e índios, mas que são indispensáveis a uma tese de doutorado.

Uma semana se passou neste trabalho inglório. Tão logo me vi livre, fui caçar com Kogn, o líder da aldeia do Cantagalo. Passamos dois dias no mato, tocando pacas e cotias. Até que foi produtivo. Voltamos contentes para a aldeia, mas, chegando lá, não havia ninguém para partilharmos nossa comida, só o pai de Kogn.

O velhinho nos contou o que ocorrera na nossa ausência: sabendo dos presentes que eu dera na Missão aos Hupda do Cantagalo, os Tukano da aldeia Jaburu vieram e confiscaram redes novas e terçados. Levaram para a aldeia deles, dizendo que se os Maku quisessem recuperá-los tinham que trabalhar na roça deles por um mês.

Aquilo me deixou indignado. Pedi a Kogn que me acompanhasse aos Tukano. Meu amigo relutou um pouco, dizendo que eu estava com muita raiva. Pedi ao pai que me acalmasse com uma infusão de erva de amansar doido. De fato, eu fiquei um pouco mais calmo com aquela beberagem, mas minha indignação era mais moral do que química. Insisti para que fôssemos logo aos Tukano de Jaburu, na beira do Rio Tiquiê.

Alcançamos a aldeia num momento em que a gente de Kogn estava em plena labuta. As mulheres Maku trabalhavam em outra roça, já aberta, sob as ordens das moradoras Tukano. Os homens, sob as ordens dos moradores, abriam uma clareira, para fazer roça nova. Trabalho duro e cansativo, que os Tukano delegam de bom grado aos Maku sempre que podem.

Perguntei a Kogn por que eles aceitaram de forma tão passiva as ordens do pessoal de Jaburu. O índio me explicou que ele e sua gente haviam feito uma promessa de trabalhar nas roças no ano passado, mas que a promessa não fora cumprida. Agora os Tukano cobravam.

Trabalhei um pouco com os Maku, para o espanto geral dos Tukano. Nunca pensaram que um branco pudesse assumir aquela atitude servil e trabalhar para eles. Olhavam-me desconfiados. Puxavam conversa, tentando sondar as minhas intenções. Mas eu estava de muito poucos amigos. Respondia por monossílabos e me dava aos meus afazeres sem lhes prestar atenção.

À noite, como de costume, dormíamos nuns tapiris que os Maku haviam montado na orla da floresta, atrás da roça onde trabalhavam suas mulheres. A princípio, eu pensava que isso só servisse para humilhá-los, colocando-os longe

do terreiro da aldeia. De certa forma, era verdade, mas com o tempo, fui percebendo que estar longe do olhar crítico de seus "superiores" durante a noite podia ser bastante vantajoso. Os Maku se punham a caçar e pescar com afinco, esgotando rapidamente a caça e a pesca nas cercanias da aldeia Tukano, enquanto na aldeia deles, Maku, a caça e a pesca tinham tempo de se renovar.

Após uns cinco dias de trabalho, os Tukano começaram a reclamar da falta de peixe e caça nas proximidades da aldeia. Passaram a sovinar comida, não mais distribuindo beijos e farinha entre os Hupda. Estes, sentido-se mal pagos, também se aborreciam. A situação estava ficando tensa. Além disso, eu insistia para que Kogn recuperasse os presentes que eu lhes dera. Acho que contribuí muito para aumentar a irritação geral. As mulheres Maku me davam razão. Ralhavam com os maridos. Queriam voltar para casa. E eu, botando lenha na fogueira.

Numa madrugada, lá pelas três horas, fui acordado por Kogn, que sussurrava no meu ouvido: "*Oh shupuy; Yossi. Hayam hat bayey.* Acorda, Jorge. Vamos voltar pra casa".

Ao pular da rede, percebi que Kogn e sua gente estavam se apressando para partir. Recolhi as últimas coisas em silêncio quase total. O ambiente era iluminado apenas pela luz escassa de uma tocha de tururi. Mas a pesar da escuridão, pude ver que mulheres e homens adultos carregavam na cabeça paneiros cheios de tubérculos de mandioca. Uns quinze paneiros, pelas minhas contas, fora os paneirinhos que levavam as crianças. Talvez uns 400 kg de mandioca no total.

Já longe da aldeia, os Maku começaram a rir de seus "mestres" Tukano. Aquilo era um grande roubo de mandioca. Eu quase não acreditava nos meus olhos. Sempre ouvira os Tukano dizerem que os Maku roubavam mandioca quando não estavam satisfeitos.

"Eles arrancam só raiz grande", eu escutara repetidas vezes. "Deixam a planta em pé por meio das raízes menores. Depois, somem no mato, levando toda a mandioca boa. Quando o dia já vai alto, a plantação começa a murchar. Mas aí, os Maku já estão longe. Maku é assim mesmo..."

Até aquela madrugada, eu pensava que saquear plantações ribeirinhas fosse pura lorota dos Tukano a respeito dos Maku. No entanto, ali estava eu, não

apenas assistindo mas participando daquela cena primeva: um bando de caçadores nômades saídos do coração da floresta acabava de saquear uma aldeia de agricultores. Súbito, eu me vi há dez mil anos, no final da idade da pedra lascada.

Aquilo me rendeu muitas reflexões no caderno de campo. E muita gabolice também. Escrevia em estilo aventuroso, como alguém que quisesse ser admirado por feitos heróicos. Felizmente, o dever me chamou de volta à chateação da pesquisa, o melhor antídoto contra o quixotismo do antropólogo solitário. Deixei de lado as minhas bazófilas e voltei a trabalhar direito. Estive em 12 outras aldeias Hupda, colhendo genealogias, batendo fotos e aquela coisa toda.

Meses depois, voltei à aldeia de Kogn, a fim de visitar meu bando particular de saqueadores da idade da pedra. A aldeia estava vazia, completamente abandonada.

De lá, rumei para Tshubm Bu, outra aldeia Hupda nas proximidades do Igarapé Cantagalo. Os moradores me contaram que os Tukano de Jaburu haviam expulsado Kogn e sua gente da antiga aldeia. Os moradores se espalharam em diferentes aldeias lá para as bandas do Rio Papuri. Kogn estava na Colômbia. Era uma verdadeira diáspora.

De repente, me baixou a consciência de que eu também praticara com despudor o orgulho de ser branco. Um orgulho ao contrário, bem entendido. Mas de qualquer forma, nefasto. Que direito eu tinha de provocar os Maku para que reagissem daquela forma? Que direito eu tinha de arriscar desfazer uma comunidade só porque me sentia afrontado pelos Tukano?

Carreguei essa culpa pelo resto de 1989.

No início de 1990, voltei a Paris, onde deveria terminar de redigir e defender a tese de doutorado. Passei a freqüentar a *Bibliothèque Nationale*, que além do charme da arquitetura setecentista e um ambiente requintado de trabalho, oferecia um acervo fantástico em obras raras. Encontrei um relatório do Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, datado de 1775. Havia nele a seguinte passagem:

"Os índios da nação Macú são vagos, não usam de agricultura, e se sustentam de caça, fructas, e do que roubão, e por isso nas novas povoações

são aborrecidos; porque nellas não perdem os seus costumes, sendo pouco o que se planta, para elles furtarem."

Bem, se isso não recuava a prática do saque até a idade da pedra lascada, pelo menos era uma boa prova de sua antigüidade.

Parei de me sentir culpado.

O papa diárias

Ah, isso aconteceu lá por 1994. A gente foi numa operação pra correr com os madeireiros que tavam roubando madeira da reserva indígena Nambiquara, no oeste do Mato Grosso, divisa com Rondônia. Era nós da Funai, os federais e um pessoal do Ibama. Eu entrei já mais pro final, só pra pegar umas diárias. Entrei foi de gaiato. Me botaram numa picada braba com um três oitão na cintura. Logo eu, um assistente de enfermagem. Eu lá sabia dar tiro com um trem daqueles, sô?

A noite não tinha lua. A picada corria toda torta no meio dum cerrado desconforme de graúdo. O Luizão, que chefiava os federais, tinha sumido no mato com os outros agentes, caçando um bando de peões fugidos num tiroteio. O Luizão me deixou com um federal, vigiando uns dez peões que não conseguiram escapar, um amarrado na perna do outro, outro no pescoço de um, de qualquer jeito, todos amontoados no pé duma arvorezona. As armas deles, tudo guardada dentro da Toyota da Funai, junto com as motosserras. Botei lá dentro, bem direitinho, que é pra não haver engano. Quando eu tou pensando qu'eu tou acompanhado dum valentão, o federa me diz:

"Essa operação tá muito esquisita, bicho. Eu nunca vi disso, não, bicho. Nunca tive numa operação tão estranha."

Aí, eu olho e vejo que o cara tá tremendo de medo. Aquilo foi me gelando a espinha, eu com o três oitão na cintura e uma 12 na mão. Os nêgo amarrado só olhavam pra gente com cara feia. O Walauê, um índio que cooperava com eles, tava amarrado também, ali no meio do bolo. Esse Walauê é um tremendo sem-vergonha. Foi ele quem trouxe os madeireiros para dentro da área indígena. Quer ficar rico, virar branco.

Tava escuro pra porra, colega. A gente não dava de saber se eles tavam se desamarrando, pra tentar um golpe na gente. O Walauê começou a gritar pro mato, na língua dele:

"Awawê! Awawê-aê! Awawê-aê-wawê!" E uma voz respondia no longe, se sumindo naquele cerrado do cão:

"Awê! Wawê-aê! Awê! Awawê, Walauê!"

Rapaz, eu não tava entendendo era porra nenhuma. Se fosse Nambiquara do Vale, a gente ainda entendia alguma coisinha, mas esses Mamaindê, Negarotê, Wawê, Sei-lá-o-quê, a gente não entende patavina, moço! Eles fala muito enrolado. O federa me perguntava:

“Tu tá entendendo o que ele tá dizendo, bicho?”

Ele sempre vinha com esse negócio de “bicho”. E eu:

“É claro, bicho, ele tá dizendo pra mulher dele que tá tudo bem por aqui, que não tem nenhum problema, bicho.”

E o cara ficava mais calmo. Acreditava ni mim. Mas quem devia de me acalmar era ele, que tinha estudo de polícia.

Moço, quando a gente tá no meio do cerrado assim com medo, a gente começa a ver coisas. Uma coruja que gorgolha p'los fundos dum capão de mato, a gente já vai logo pensando que é índio de tramóia, querendo jogar flecha. Os índios não ficam conversando assim no mato? Só com os gritos lá deles, em conversa de bicho, tipo uh, wuwu-êi, awê-á? Então?! Uma folha que cai, um animal que pisa num galho, uma lufada de vento numa moita... Tudo é a morte na espreita, colega!

Fiquei com dor de barriga: “Eu tou c'um pi-ri-ri danado nas tripa, bicho.”

Ai fui pro outro lado da Toyota e fiquei agachado lá, com a bunda dentro do tal do Córrego Água Suja. Arrumei foi um resfriado medonho, que eu demorei semana e meia pra sarar. É que o Luizão tinha-me dito: “Ô Moçambique! Quando começarem a espocar os tiros, você deita no chão. Trata logo de caçar um abrigo.”

Eu achei que era melhor caçar o abrigo antes de começar o tiroteio, moço.

“Você já terminou, bicho?” perguntava o federal novato, cheio de medo de vigiar peão brabo sozinho.

“Não, eu tou c'uma dor de barriga da moléstia, bicho.”

E fiquei lá, todo molhado, escondido dentro do Córrego Água Suja, atrás do raio daquela Toyota. Se o federal, que devia me proteger, tava com um medão da porra, eu é que ia ser o valente? Eu tava era com um medo inda mais medonho que o dele. Eu sou baiano, moço. Eu tenho medo, sim. Quem é filho de Deus tem medo. Já pensou, morrer lá naquele fim de mundo, sem pai nem mãe,

com uma azeitona plantada no meio do quengo? Coisa mais sem cabimento, meu irmão. Eu quero mais é morrer no colo d'u'a nêga me fazendo cafuné.

Quando o Luizão voltou, ele ainda botou os federais pra dar uma sapeada na área, negócio de ver se a gente inda encontrava mais alguma coisa. Só pro descarrego da consciência. Eu fiquei mais o Luizão, vigiando aquele monte de peão amarrado.

Daí vai, o federal novato mais um outro voltaram do mato com as metranças apontadas pras costas de um sujeito mal encarado p'a porra. O Luizão reconheceu esse um:

“Mas que surpresa agradável. É o China!”

Se virou pro federal novato e disse:

“Boa, garoto! Gostei de você.”

O novato chegou pra mim e disse:

“Caralho! Esse é o China, bicho! Eu nem acredito! Esse malandro podia ter me mandado comer capim pela raiz! Eu prendi o China, bicho! Eu prendi o China.”

O China era o jagunço mais malevo do presépio. Os donos das madeiras pagavam ele pra matar índio, Funai, Federal, Ibama, padre, repórter, vereador, os cacete a quatro. Tinha mais de cinqüenta mortes na cacunda. O novato e o outro só tinham conseguido prender o bandido porque o danado tava porre.

O Luizão cobriu o China de porrada. Foi logo dando um chute na boca do estômago. Depois, um murro no olho. Pra cada soco, ele botava um sentido: “Esse aqui é pela chuva que eu tomei na cara procurando você.” E blum, mais uma porrada.

“Esse agora é pelas noites que eu passei na barreira de controle, vigiando caminhão de madeireiro safado.” E tome porrada no China.

“Esse é pelo agente que você sangrou o pescoço e deixou morrer à míngua, seu filho do cão!” E mais porrada.

Mas o Chinês era durango. Não pedia penico. Ficava encarando o Luizão. Vocês sabem que nenhum polícia gosta de ser encarado, que é pra os bandidos não marcarem o cabra. O Luizão dizia:

“Não me olha, seu filho duma égua!”

Mas o China continuava encarando. Aí, o Luizão deu um telefone nele. Telefone é foda, colega! Duas taponas, duma vez só, uma em cada ouvido. O infeliz fica com a cachola zunindo que nem que tivesse um ninho de marimbondo lá dentro. Dói mais que dor de dente.

O China ficou ali caído. O Luizão mandou algemar ele. Depois de um tempo - a gente meio distraído, tomando café, comentando a operação - não é que o China consegue se arrastar e sumir no mato, sem ser visto? Cheio de porrada nos cornos, algemado e tudo? Bandido é bandido, mesmo, colega! Tivemos que voltar pra Vilhena sem o China.

No dia seguinte, a confusão tava armada na frente da Funai em Vilhena. Eu fui chegando com jeito, pra não chamar atenção. Fiquei meio de lado. Os Mamaindê-Sabanê-sei-lá-o-quê tavam a fim de invadir a Funai, tocar fogo, essas coisas. Eles eram tudo a favor dos madeireiros. Uma caminhonada de índio brabo, colega! Caminhão dado por madeireiro. E os índios lá, cheios de moral por causa da porra do caminhão. Rapaz, aquilo me fez muita raiva, olha. A gente na Funai com aquelas viaturas tudo arreventada e os índios em caminhão novinho, dado por madeireiro. Tremenda desmoralização.

Mas aí vai, apareceu um rapazim curuminzote, que tinha vazado no mato na noite anterior, quando a gente tava vigiando eles. Esse rapazim tinha chegado lá na aldeia deles todo lascado, por ter corrido a noite toda dentro das capoeiras, fugindo de nós. Inventou que tinha apanhado, que tinha sido chicoteado quando tava amarrado junto com os peões. Porra, colega, como é que nós ia chicotear alguém se a gente tava era borrado de medo naquela noite?

Os índios foram nos cercando. Eles tavam armados com flechas, espingardas 12, machados, facões. Um bando de filhos do cão, com aqueles facões levantados no rumo da nossa cabeça. Eu fui logo dizendo:

"O qu'ê que foi, gente? Calma, gente!"

Minhas pernas dobravam sem eu querer. Aí chegou o cacique deles e disse:

"Agora nós, índio, quer saber quem é que bateu nesse nosso pequeno!"

O sacana do rapazim foi apontando pra cada um de nós. Apontava e dizia:

"Luizão... Demerval... Maranhão... Parece que foi o Moçambique."

O Moçambique era eu, colega! Aí eu disse:

"Parece não, seu desgramado filho duma égua! Você aponte com certeza, se você é homem!"

Tem hora que se o nêgo não bancar o macho, ele se lasca todim. Os índios se espantaram com a minha macheza. O rapazim ficou meio na dúvida se devia ou não devia continuar com a lorota dele. Eu aproveitei e disse:

"Você ia lembrar quem é que te bateu, se tava um breu do cão, seu merda?"

Não bati nele, não, moço. Agora, aqui entre nós, você quer que eu conte o feito de verdade? Ele tava muito saliente. Xingou minha mãe, me chamou de corno, disse que ia desgraçar minhas filhas e o diabo. Um desbocamento da desgrama, sô! Índio, quando aprende a chamar nome feio, não pára mais nunca. Aí eu dei uns tapas nele, só pra ele parar com aquela presepada.

Mas continuando, o rapazim se aquebrantou com a minha macheza. Só que os outros índios inda tavam de facão alevantado, no rumo da cachola da gente. Rapaz, a situação tava meio cínica, meio íngreme, até meio filosófica, sabe como é? Aí o Luizão caçou um jeito de proteger o corpo. Se escorou na porta duma Toyota, engatilhou a 12 e gritou:

"Agora chega! Agora, pra cada índio que entrar na Funai, vai entrar um branco acompanhando! Ninguém vai invadir Funai nenhuma."

"É isso mesmo, Luizão!", eu disse, com a voz me faltando no gogó.

Nisso, veio o médico da Funai, um novato. Largou uma conversa fiada, imitando índio de banguê-banguê:

"Mim Dr. Cézár... Dr. Cézár ajuda índio... Dr. Cézár, bom... Índio, bom..."

O cacique não gostou daquela prosa e gritou com ele:

"Larga de ser besta, porra, fala direito!"

Aí o cacique fez questão de mostrar que era civilizado. Tirou uma comissão de índios pra ir com ele lá dentro, falar com o Administrador da Funai. No fim, não houve invasão. Mas quer saber duma coisa? Eu não sou profissional, não, moço. Nunquinha que eu vou me meter numa operação dessa de novo.

As diárias?

As diárias que vão pras quintas do inferno. Tenho carência delas, não.

Amocambados e na doutrina de brutos

"Fortim de Nossa Senhora do Nhé-Nhé,
aos 18 dias do mês de março
do anno da Graça do Senhor de 1798.

Ilmo. Sr. Major Antônio Maria Brandão Penna,

Venho aos pés de V. Sa. para arrolar os factos mui graves havidos neste Arraial de Nossa Senhora do Nhé-Nhé, cujo destacamento miliciano, como sabeis, coube-me comandar, encargo este que intentava exercer nos conformes, se para tanto me acudisse engenho e arte, os quaes temo agora não possuir.

O dito Arraial é habitado por uma dezena de nações selvagens, cada qual com seus próprios falares e usos, tendo sido ali reunidas as mesmas nações pelo Reverendo Padre Joaquim-Maria Bulhão Pato, S. J., que não poupou denodos e penares na catequese e no ensino da urbanidade a estas almas rudes, incumbência que vinha levando a bom termo, até que apareceram os Uacuenes.

Os índios deste gentio são demasiado insolentes e por isso nas novas povoações Missionárias são aborrecidos; porque nellas não perdem seus costumes e se põem a afrontar os demaes gentios com suas arrogâncias e patranhas e geram muita cizânia e escaramuças que empatam o trabalho nas plantações.

Contudo não é isto o mais penoso a relatar, pois saiba V. Sa. que o gentio dos Uacuenes usa da flatulência para dar noção do que lhe vai n'alma e que além de mostrar menoscabo ou malquerença por meio das indiscretas ventosidades, também se alegra com ellas em seus bárbaros torneios, em que cada um se esforça por vencer seus pares na pestilência dos execráveis gazes, na eloquência do ruído, em sua duração, assim como em sua bizzarria.

No intento de rir e fazer rir, usam elles de expediente assaz condenável, que consiste em postar o dedo índice nas beiradas do orifício traseiro, ocasião em que se põem a apertá-lo e a soltá-lo repetidas vezes, a fim emitir ventosidades com vibrato; e quando querem prolongá-las, ficam em pé, elevam uma das pernas e fazem com ella um movimento circular, como se pedalasse um infame

maquinário, para produzir hediondas melodias, que resultam em comoções de riso na platéia.

Alguns delles, dedicados a não deixar arrefecer a hilaridade de seus pares, utilizam-se de notável astúcia; iniciam sentados, com ruído modesto, após o que se soerguem lentamente, liberando as plissas anaes para vibrações cada vez mais loquazes, que culminam num salto medonho, semelhante ao de uma rã, ocasião em que o concorrente emite o traque final, estrepitoso e insuportável.

Notar-se-á que alguns traques findam em peremptórios gorgolhões, pois que em seus risos desmesurados, os competidores por vezes perdem o controle dos músculos terminaes, misturando aos ventos provenientes das entranhas certos humores menos gasosos, o que produz inevitáveis gargalhadas na platéia, gargalhadas estas que se articulam às flatulências num pavoroso contraponto, além de virem na forma de uivos bestiaes e cacarejos inesperados.

O Reverendo Padre Joaquim Maria Bulhão Pato contou-me entristecido que jamais logrou inspirar o temor a Deus no espírito destes bárbaros, pois que durante a Santa Missa, os mesmos sempre se dão a emitir os diabólicos ruídos e gases, rindo à solta, sobretudo no momento da Consagração, em que se exige todo o silêncio e respeito de que é capaz a humana criatura, sendo este o motivo que levou o dito Padre a aplicar-lhes repetidos e justíssimos castigos corpóreos, pois que os demaes índios se influíram com os usos dos Uacuenes e agora se entregaram por completo à abominável prática da flatulência collectiva.

Porém o resultado dos castigos foi inócuo e até malencontroso, pois que os índios todos se enjoaram da vida no Arraial e retornaram às primitivas aldeias, e por este modo vivem fora do Grêmio da Igreja, da verdadeira disciplina e da autoridade que emana d'El Rei, e vão continuando cada vez mais para o centro do mato, vivendo como amocambados e na doutrina de brutos, como antigamente eram.

O Arraial encontra-se deserto, pois mesmo os praças que eu havia incorporado ao nosso destacamento, sendo índios de pae e mãe, aderiram ao lamentável motim, voltando céleres e contentes à selvageria d'antanho, de maneiras que me encontro na companhia escassa do Reverendo Padre e de um

sargento em cujas veias, pela Graça de Deus e obra dos homens, corre um quartil do augusto sangue lusitano.

Por estas razões que me custam relatar, imploro a V. Sa. providências para que me sejam enviadas umas peças mestiças, digamos uma dezena, pois que sendo mais obedientes à hierarquia terrena e sensíveis aos chamados da cristandade, poderão socorrer-nos na incumbência penosa de forjar a civilização no espírito destes ímpios.

Que Deus dê muitos annos a Va. Sa., é o que deseja vosso humilde subalterno,

Alferes Manoel Maria Frazão Pinto”

“Arraial de Nossa Senhora do Nhé-Nhé,
19 de outubro de 1870

Ilmo. Sr. Coronel Ulysses Homem da Costa Franco,

Incumbiu-me Va. Sa. de soerguer o Fortim de Nossa Senhora do Nhé-Nhé, em total abandono desde o final do século XVIII. Dirigi-me então a estas paragens na companhia de vinte praças. Naturalmente, esperávamos poder contar com os nativos, pois que tais trabalhos, como bem sabe Va. Sa., demandam muitos braços.

Segundo informações, haveria no local uma boa quantia de índios, arregimentados para a catequese pelos Missionários. Qual não foi nossa surpresa ao encontrarmos o Arraial totalmente arrasado e quase deserto. Segundo o relato dos Missionários, os silvícolas deitaram fogo às casas, à capella e a todas as installações disponíveis. Ao questionarmos os desolados religiosos sobre os motivos de tamanho desvario, responderam-nos que a culpa era de uma certa Maria Deus-o-livre.

Antiga mulher de amores, gasta e repelida, Maria Deus-o-livre abriu casa de tolerância no Arraial a fim de servir aos aventureiros que ali vagavam em busca de ouro. Para tanto, fizera vir de Goyaz perdidas de vários matiz. Em pouco tempo, o pacato Arraial transformara-se num valhacouto de celerados e meretrizes, que viviam entre bacanaes e tiroteios medonhos. Os próprios índios

freqüentavam o lupanar, onde ofereciam carne de caça, peles de animais e artesanias em troca de serviços amorosos, especialmente os da nação Uacuene, que parecem ter tomado indisfarçável gosto por este aspecto da civilização.

Revoltados contra esta Sodoma tropical, os Missionários irromperam no prostíbulo vociferando a célebre passagem bíblica em que Jesus Cristo escorraça os vendilhões do templo. Os garimpeiros e as meretrizes, tementes a Deus, retiraram-se no dia seguinte, na embarcação de um comerciante.

Feito isto, os religiosos ordenaram aos índios que ateassem fogo ao lupanar. Porém os da nação Uacuene, provavelmente porque se viram em meio a um ato que lhes relembra antigas selvagerias, excitaram-se a ponto de deitar fogo ao Arraial inteiro. E os Padres e Freiras que reclamassem eram despidos, sendo suas nádegas tingidas de vermelho urucum, ao que os selvagens riam a desbragas deslavadas.

Após o incidente, os temíveis Uacuene, seguidos pelos demais índios do Arraial, dispersaram-se no fundo da matas, reassumindo os primitivos hábitos e rechaçando qualquer tentativa, por parte de Missionários e Autoridades, de fazê-los voltar à razão. Até mesmo os meus recrutas, todos mestiços e, em consequência, portadores de taras ancestrais no impuro sangue, não resistiram a este chamado da selva e se acanalharam com os demais silvícolas, vivendo agora entre orgias, pândegas e sextas intermináveis, numa demonstração incontestada de que as espécies em geral e o ser humano em particular nem sempre evoluem.

Por estes motivos, solicito a Va. Sa. providenciar o envio ao Arraial de um novo destacamento, composto preferencialmente de sulistas, para termos a certeza de que a lascívia tropical não lhes venha ebulir os humores a ponto de descuidarem dos deveres para com a Pátria e a civilidade, das quais somos os únicos guardiães nestas latitudes retrógradas e abandonadas.

Cordialmente,

Agamemnon de Almeida Schneider
Capitão Engenheiro”

“Cuiabá, 28 de setembro de 1995.

Do: Coronel Odenir de Oliveira,
Comandante da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso

Ao: Ilmo. Sr. Jorge Pozzobon,
D. D. Presidente Substituto da Fundação Nacional do Índio – Funai

ASSUNTO: Solicitação faz.

Prezado Senhor,

No dia 26 de setembro do corrente, na Cidade de Nossa Senhora do Nhé-Nhé, desenrolava-se amistosamente a partida futebolística entre a seleção do Nhé-Nhé Sport Club e o time dos índios Uacuene, quando os índios, ao tomarem o segundo tento a zero, reagiram distribuindo botinadas e safanões entre os adversários.

Ocasão em que o Sargento Walteir e seu destacamento, que se encontravam presentes no local para garantir a segurança do prélio esportivo, tentaram intervir a fim de apaziguar os ânimos já bastante exaltados dos indígenas, sendo porém imobilizados e desarmados pelos mesmos.

A seguir, o índio Pelé Uacuene, cacique da tribo e capitão do time silvícola, empunhou perigosamente um revólver e se pôs a dispará-lo, fazendo correr em debandada a torcida dos brancos, não sem muitos feridos por pisoteamento.

Ocasão em que a torcida indígena invadiu o campo, despiu os jogadores adversários, bem como o destacamento da Polícia Militar, e botou-os todos a correr completamente nus porta a fora do Ginásio Esportivo Municipal, com as nádegas tingidas de vermelho urucum.

A seguir, os índios invadiram o bar do ginásio, puseram a correr o responsável e se apoderaram de sanduíches e refrigerantes, bem como do troféu de primeiro lugar.

Ocasão em que se retiraram revoltosos para um acantonamento que mantinham às margens do Rio Nhé-Nhé, passando a se embriagar, dançar e dar tiros para cima, aos gritos de guerra na língua indígena e palavrões na língua pátria.

O Sargento Walteir, após providenciar novo uniforme, foi ter com eles, exortando-os a devolverem as armas apreendidas e o troféu, ao que, liderados pelo cacique Pelé Uacuene, responderam que não os devolveriam nem para a Polícia Militar, nem para o Exército, nem para o Ibama, nem para a Polícia Federal e nem tampouco para a Funai, pois eram troféus de guerra.

Após o que, retiraram-se para a aldeia Uacuene, onde se entrincheiraram em grandes preparos bélicos, com pinturas corporais, danças e gritos de ameaça. Ocasão em que enviamos um soldado de origem indígena, conhecedor do idioma nativo, a fim de dar melhor seguimento às negociações. Ao cabo de alguns dias, o referido soldado retornou com uma fita de gravador contendo a resposta dos índios, cuja fita contém apenas uma barulhenta soltura de gases intestinais e muita gargalhada.

Assim sendo, solicito que se envie imediatamente aos Uacuene uma equipe de especialistas deste órgão, para resgatar as armas que os nativos apreenderam, pois se trata de equipamento pertencente ao patrimônio do Estado, não podendo, por força de lei, permanecer em posse de terceiros, sejam índios ou não. O referido equipamento é o seguinte: quatro revólveres calibre trinta e oito, quatro cinturões com balas, quatro cacetetes, duas lanternas, duas algemas e quatro uniformes.

Na certeza de que a equipe da Funai saberá obter melhores respostas do que as fisiológicas, subscrevo-me

Atenciosamente,

Cel. Odenir de Oliveira,

Cmte. da Polícia Militar de Mato Grosso"

Teoria da punição (roteiro)

FADE IN:

EXTERIOR. FLORESTA. CAIR DA NOITE.

A câmera avança no lusco-fusco por uma trilha dentro da floresta. Ouvem-se grilos, sapos, aves noturnas ao longe. Aves com sotaque equatorial. Mosquitos. O zumbido grave de algum besouro gigantesco. Folhas largas de parasitas, palmas, cipós por vezes esbarram na câmera.

UMA VOZ (Em off, o passeio da câmera dura o tempo da fala): A gente fazia aquilo todos os anos, desde 1993. E todos os anos tinha que fazer de novo. Chamava-se Operação Yanomami. Era pra expulsar garimpeiros ilegais da área indígena. Gastava-se um dinheirão com diárias, passagens, combustível, aviões, helicópteros, munição, rancho, o diabo. Sempre saía caro. Nunca menos que três milhões. E sempre era ineficaz. Depois de alguns meses, os garimpeiros expulsos estavam todos de volta, trazidos pelo próprio governo de Roraima ou algum deputado. E lá íamos nós da Polícia Federal expulsar garimpeiro outra vez. Por que diabos a área foi demarcada, se o próprio poder público, que demarcou, estimula a invasão? Isso aqui é um arremedo de país.

FUSÃO:

EXTERIOR. FLORESTA. NOITE.

No final da trilha aparecem cinco homens deitados em redes, em volta de uma fogueira. A luz bruxuleante do fogo mostra, mal iluminados, os grossos troncos das árvores equatoriais, cipós que pendem do alto, largas folhas de parasitas e o pequeno teto de palmas erguido às pressas sobre as redes. Os cinco homens conversam.

O AGENTE TAVARES (brutamontes, olhos muito juntos, maxilar inferior proeminente): Delegado.

O DELEGADO (é dele a voz que falou no início do filme, agora impaciente): O que é que foi dessa vez?

O AGENTE TAVARES: Que que a gente vai fazer amanhã? A operação acabou ou não acabou?

O AGENTE PEIXINHO (nariz adunco, olhos ligeiros): Pois é, delegado, nós já tamos ficando enjoados dessa mata doida. Tá certo que um punhado de garimpeiros conseguiu fugir. Mas era só uma meia dúzia. O grosso deles foi preso.

O AGENTE MISÉRIA (voz lamentosa e jeito de quem passou fome na infância): O que eu não achei certo foi a gente vir a pé, enquanto os garimpeiros presos vão nas lanchas e nos helicópteros.

O DELEGADO (limpando a metralhadora de mão, irritado): E o que é que você queria, Miséria? Que aqueles garimpeiros todos fossem conduzidos a ferros, mata a dentro, até a base de operações? Já imaginou o trabalho? Um despenca numa pirambeira e quebra os cornos, outro cai num riacho e morre afogado, neguinho aproveitando a confusão pra sumir no mato...

O AGENTE MISÉRIA: É, mas as outras equipes da Federal também voltaram de helicóptero. Só a gente é que teve que voltar a pé. Tá certo que não tinha lugar pra todo mundo nos helicópteros. Mas você foi logo dizendo que a nossa equipe ia a pé. Sacanagem, pô.

O DELEGADO (dirigindo-se ao homem que se manteve em silêncio até agora): Conta pra eles, meu chapa.

O INDIGENISTA PÉ DE BICHO (pequenino, cata bichos do pé com a ponta do canivete, deitado no oco da rede): É que tem um tanto deles aí pelas bandas da Serra Guimarães Rosa, nesse costão de onde brota o Rio Cauaboris. A gente aprumou pra lá, que é pra ver se dá de apanhar eles no susto da surpresa.

O AGENTE PEIXINHO: Mas uma hora dessa, eles já vazaram, colega! Deitaram o cabelo nesse meio de mundo (faz um gesto de caminhoneiro para indicar sumiço). Não vamos achar eles mais nunca.

O INDIGENISTA PÉ DE BICHO: Os Yanomami dizem que eles inda tão lá, caçando ouro...

O DELEGADO: Pois é. Nós vamos até lá pra pegar esse bando de sacanas.

O AGENTE MISÉRIA: Pô, delega, você podia ter avisado a gente, né? E eu crente que a gente tava era voltando pra base de operações.

O DELEGADO: Não enche, Miséria. Eu não tenho que ficar explicando as minhas ordens pra vocês. Prestem atenção. Eles não são muitos. E certamente acreditam que a gente não vai até lá, porque é longe. Mas a gente vai. Essa ação é exemplar. É pra não saírem dizendo que a Federal não conseguiu pegar os que estavam escondidos, como no ano passado. A gente pode até deixar eles irem embora, pra não ter que prender e transportar. Mas vão pagar pelo trabalho que estão nos dando, certo?

O AGENTE TAVARES (entusiasmado): Ah, vão pagar, mesmo. Pode deixar comigo, chefia (esfregando as mãos).

O DELEGADO: Escuta aqui, seu débil mental! Eu não quero saber de ninguém quebrando a cara de garimpeiro, fui claro? Hoje em dia esses camaradas têm sindicato. Vão pra televisão armar o maior barraco. Chamam o Ministério Público. E a gente é que acaba sendo os bandidos. Agora tratem de verificar se o armamento tá OK e depois, dormir. Pé de Bicho! Você fica montando guarda.

O INDIGENISTA PÉ DE BICHO: A noite toda, doutor? (Como não vem resposta, pragueja para si mesmo): Esses federais não valem uma picada de fumo. A Funai devia de ter poder de polícia. Aí a gente carecia mais deles não.

CORTE:

EXTERIOR. FLORESTA. ALTA MANHÃ.

Praia pequena no remanso de uma cascata. Acampamento de garimpeiros. Vê-se uma barraca de plástico negro sem paredes, sustentada por esteios

cravados na praia. Tambores e tamboretas de combustível estão arranjados ao lado da barraca. Um bote de alumínio com motor de popa foi içado até a metade na praia; a popa permanece n'água. Baganas de cigarro, garrafas vazias de cachaça e manchas de óleo sujam a areia. Uma balsa improvisada com troncos de árvores bóia no centro do remanso. Debaixo de um pequeno teto de plástico negro sobre a balsa, vê-se o maquinário.

SOM: cascata.

Um compressor envia ar por uma mangueira para o fundo do remanso. Uma bomba suga a lama do fundo através de uma mangueira alaranjada de grosso calibre e a despeja sobre um filtro.

SOM: cascata, bomba e compressor.

Sobre a balsa, um garimpeiro cuida os relógios do compressor. Outro observa o filtro. Dois outros garimpeiros estão nas redes, dentro da barraca na praia. Um último garimpeiro está tomando banho na cascata, com os três Yanomami.

CORTE:

EXTERIOR. CASCATA. ALTA MANHÃ.

Enquanto isso, o Delegado, o indigenista Pé de Bicho e os agentes Tavares, Peixinho e Miséria atravessam o riacho, sorratores, por cima da cascata, sem serem vistos pelos garimpeiros lá embaixo. Descem silenciosos por uma pequena trilha, que margeia o aclave de onde despenca a cascata. Ao chegarem no local onde a trilha se abre para a praia, andam abaixados e depois rastejam cuidadosos até chegarem a uma posição de tiro. Súbito, o Delegado se levanta e dá uma rajada de metralhadora. Os outros federais o imitam e correm, cercando os garimpeiros que estão na barraca. Dão tiros n'água, em volta da balsa. Confusão entre os garimpeiros.

SOM: tiroteio; imprecações; vozes de prisão.

O DELEGADO: Polícia! Todo mundo de mão na nuca.

O AGENTE TAVARES: Mão na nuca, porra!

Os dois garimpeiros que estavam na barraca fazem gestos de fuga, mas param diante dos tiros que se cravam na areia, aos seus pés. Os dois garimpeiros da balsa ficam sem ação.

UM GARIMPEIRO: Não atira, doutor. Não atira, que a gente se entrega.

O DELEGADO: Todo mundo de mão na nuca, eu já disse!

O sujeito que estava tomando banho perto da cascata sai da água com os Yanomami que o acompanhavam. Ele e os dois que estavam na barraca convergem para os policiais, de mãos na nuca. Os índios se aproximam e observam os federais, sem fazer caso das ordens do delegado, que parecem não entender. Os federais e o indigenista apontam suas armas para os garimpeiros, não tomando conhecimento da presença dos índios.

SOM: cascata, compressor, bomba.

O DELEGADO (berrando): Vocês aí da balsa, desliguem essa merda dessa bomba!

Os dois garimpeiros da balsa obedecem.

O DELEGADO (para os da balsa): Agora puxem o sujeito que tá lá embaixo e venham já pra cá.

Os dois garimpeiros da balsa ajudam o mergulhador, que estava no fundo do remanso. Ele sai da água e sobe para a balsa com certa dificuldade, por causa do escafandro pesado, da mangueira de ar e da mangueira de sucção. A seguir, ele sai do escafandro com o auxílio dos outros dois. Finalmente, aproxima a balsa da praia puxando-a por meio de um cabo amarrado a uma árvore da orla.

CORTE:

EXTERIOR. PRAIA. MANHÃ

Agora os seis prisioneiros estão de bruços na areia, no meio de um círculo formado pelos federais e o indigenista. Os três Yanomami passeiam em volta de todos, observando a cena, encantados. Olham-se, sorriem, comentam a ação na língua deles.

SOM: desligado o compressor, resta o borrião da cascata e a rima de algum grasnado, ao longe.

O DELEGADO: Pé de Bicho! Manda esses Yanomami embora. Diz pra eles que é pra voltar pra aldeia. Se eu pegar algum índio xereteando a gente, eu levo ele preso pra Manaus, fui claro?

SOM: Zoa a mamangaba, festejando o sol.
Voeja feroz entre as cabeças dos policiais.

UM YANOMAMI: Fui claro?

CORTE:

EXTERIOR. REMANSO DA CASCATA. SOL A PINO.

Plano médio sobre a balsa, na beira da praia. Um garimpeiro está diante do compressor e da bomba, com uma marreta na mão. Outro empunha uma motosserra, parado diante das mangueiras de sucção, embotadas sobre o convés. Ambos têm o olhar desolado.

SOM: A cascata. As aves que aqui gorjeiam. Os mosquitos. Um peido.

O GARIMPEIRO COM A MARRETA (suplicante): Mas, doutor, isso é tudo o que eu tenho na vida. Deixa eu levar as minhas maquininhas embora, pelo amor de Deus!

O AGENTE TAVARES (apontando o compressor): Quebra!

O GARIMPEIRO COM A MARRETA: Mas, doutor...

O AGENTE TAVARES (apontando o compressor): Quebra, porra! E você aí com a motosserra, quero ver um picadinho de mangueira. Vamolé, que eu já tô começando a sair do sério.

Resignados, os garimpeiros obedecem. O da marreta, arrebenta o compressor e a bomba. O da motosserra, secciona as mangueiras em pedaços.

SOM: golpes de marreta sobre ferro, tinidos, suspiros, ronco da motosserra.

Terminado o trabalho, o delegado se dirige aos garimpeiros, calmo.

O DELEGADO: Aquele motor de popa e o bote de alumínio estão confiscados pela polícia. A gente vai voltar nele pra Base de Operações. Agora, eu quero que vocês destruam a balsa.

O AGENTE TAVARES (aos garimpeiros da balsa): Comé que é? Vocês ouviram o Delegado.

A balsa é destruída com a motosserra.

O AGENTE TAVARES: Agora você da marreta, destrua a motosserra.

O garimpeiro da marreta desmantela a motosserra. Enquanto isso, os outros quatro observavam, algemados. Um deles, muito jovem, chora e trinca os dentes, de raiva.

O AGENTE PEIXINHO (cântarolando o samba): Pois chorando, eu vi a mocidade perdida.

O DELEGADO: Cala a boca, Peixinho. Não tripudia. (Pragueja para si mesmo, entre os dentes): Miséria...

O AGENTE MISÉRIA: Chamou, chefia?

FADE OUT.

Fim

Branco estúpido

Você já ouviu falar em chavascal? Chavascal é um tipo de floresta amazônica. Digo "um tipo" porque não existe "a" floresta amazônica. Existem dezenas, talvez centenas de florestas amazônicas. Mata de terra firme, mata de igapó, cerradão, campinarana, caatinga teúda, mata de várzea, mata de serra, mata de buriti, mata dentro de mata, mata em volta de mata – e chavascal.

O chavascal é um mundo aquático, mas não se confunde com o igapó. Esse é de beira de rio. Chavascal, não. Chavascal se forma nos divisores d'água - essas lombadas de quase serras que apartam rios. Se afigura em poça d'água desconforme no cimo dum altiplano, derramando igarapés para os quadrantes todos. É quase isso, um chavascal.

Todo chavascal fica longe. Para ir a ele, é preciso andar muitas horas na terra firme, tomando distâncias dos beiradões. Você vai seguindo os índios (ninguém atravessa o chavascal sem índios). Durante a jornada, eles tagarelam em voz baixa, que é para não espantar caça ou coisa assim, mas sempre alegres. Às vezes fazem troça uns dos outros, com apelidos genitais ou mimos de falsete, evocando antigas namoradas. Mas quando entram no chavascal, eles se calam. Só trocam palavras resumidas e rápidos olhares de alerta.

Índio sempre anda de mansinho. Não costuma calcar os pés com a empáfia conquistadora dos brancos em solo ignoto. Mas no chavascal, o índio fica ainda mais humilde. Ali parece que ele precisa respeitar os humores da natureza bem mais que nos outros ocos de floresta.

No chavascal só se caminha com água pelas canelas. Uma água escura. Preta, mesmo. Você não vê, mas vida pulula dentro do chavascal. Uma vida sorrateira e silenciosa. Escorpiões, caranguejeiras, sapos venenosos e cobras que se esgueiram entre raízes suspensas de árvores tristonhas. É sombrio, úmido, quieto e lúgubre. Você sente que está nos domínios de uma entidade malévola, tremenda, abissal. Os índios não lhe pronunciam o nome, para que não acorde. Nem mesmo quando estão fora do chavascal. Não, não é o curupira, não senhor. Não vou dizer o nome.

As aves que aqui gorjeiam nunca vão ao chavascal. Pica-paus, titis, tucanos, garças, gralhas e outros mais, quando passam, passam longe. Só se ouve o agouro sombrio do pássaro trovão. Parece que ele vai ao chavascal apenas para se reabastecer da tristeza necessária ao seu canto lastimoso. Mas quando cai a noite, até ele vai-se embora.

A noite num chavascal... Às vezes o chavascal é tão grande que a noite alcança o viajante. Neste caso, é preciso encontrar uma bola de terra. A bola de terra é o oásis do chavascal. Um oásis ao contrário. Colina pequena, onde se pode acender fogo e dormir fora d'água. Mas é melhor estar com os índios. Índios sempre sabem onde ficam bolas de terra.

Chegando à bola de terra, eles logo constróem tapiri e fazem fogo. Você ata a rede, se atira dentro dela e fecha os olhos, exausto. E logo aparecem as mulheres. Cachos de mulheres peladas, todas lindas, despencam do alto das árvores sobre a sua rede, e você bem em baixo, gostando do entrevero, mas temendo que se rompam os tirantes da rede. De repente, eles se rompem e você cai na lama do chavascal, com aquele monte de mulheres se agarrando ao seu pescoço, desesperadas, com medo de se afogar, e você, querendo ser gentil com todas elas, acaba submergindo entre sucuris, escorpiões, caranguejeiras e sapos venenosos.

Aí você acorda no meio do nada. Você pensa estar cego numa noite interminável. Não se ouvem os habituais grasnados noturnos da floresta. Não se ouvem nem os índios. Fora do chavascal, eles roncam como abades medievais. Mas lá dentro, nem respiram. Você olha o mostrador fluorescente do relógio de pulso: três horas para a barra do dia. Três horas dentro do nada. E você, todo enclacrado, com frio, encolhido no fundo de uma rede úmida e malcheirosa. Então você reduz a abrangência das inquietações metafísicas: em vez de se perguntar sobre o que está fazendo no mundo, você se pergunta sobre o que está fazendo no chavascal.

Em junho de 1996 eu varei um chavascal dos graúdos em companhia de uns índios Maku. A gente podia tê-lo evitado se tomasse o caminho que o contornava. Porém, meu tempo era curto. Tinha apenas um mês para determinar as coordenadas geográficas das 40 e poucas aldeias Maku do alto Rio Negro. Várias delas se concentram ao norte e ao sul deste chavascal. Se o

contornássemos, seriam cinco dias inteiros no caminho. Por dentro do chavascal eram só dois. Já tendo varado um que outro chavascal pequenote, eu podia muito bem imaginar o martírio de uma caminhada de dois dias inteiros no meio de chavascos e águas de toda feiúra, mas achei que o ganho de tempo valia o esforço. E lá fomos nós, entre sustos, escorregões, mudos praguejos e sonhos maus.

Ao cabo de dois dias caminhando nos bofes daquele chavascal, chegamos a uma aldeia Maku. Decepção completa, depois de tanta canseira: a aldeia estava deserta. Nós, que vínhamos imaginando mingaus quentinhos de banana e manicuera, tivemos de nos contentar com nacos frios e escassos de uma remota paca. A princípio, pensamos que os moradores estavam fora, na caça. Mas em pouco tempo, soubemos a verdade: o local fora tomado por exércitos de saúvas vorazes, furiosas, engalfinhadas entre si pela posse do território. As plantações já haviam sido completamente devoradas. Saímos de lá às pressas, dando tapas nas pernas.

Com meio dia de caminhada, chegamos a uma aldeia dos índios Tukano. Era a boca da noite e havia uma festa. Logo na chegada, os Maku que me acompanhavam foram conduzidos a um canto obscuro da maloca, junto a outros Maku, quem sabe os da aldeia vitimada pelas saúvas. Como branco, mereci lugar central, de par com tuxauas e pajés, para quem dançavam mocinhas brejeiras e rapazes altivos (mocinhas sempre são brejeiras; rapazes são sempre altivos).

Fiquei chateado. Meus amigos Maku estavam como sempre no lugar dos domésticos. Ainda não disse que os Tukano tomam os Maku por criados domésticos? Pois é assim mesmo. Só que eu já estava enjoado disso (nessa época eu já era doutor, não precisava mais aceitar como um aluno deslumbrado os idiotismos das culturas nativas). Tive ganas de me achegar aos Maku, para mostrar aos anfitriões que eu não aceitava aquelas cerimônias de patrão. Mas estava sem forças, por causa da travessia em meio a tanto chavasco medonho. Meu cansaço ia até a alma e passava dela. Deixei-me conduzir bestamente ao melhor banco ritual e fiquei olhando o desenrolar da festa, zozzo e apalermado.

Os dançarinos se entreveravam na dança do carissu. Carissu é um tipo de flauta de pã. O rapaz passa o braço esquerdo sobre os ombros da moça

e toca a flauta com a mão direita. A moça abraça a cintura do rapaz. Ambos marcam o ritmo com os pés. Forma-se uma coluna de vários casais, que serpenteia dentro da maloca, imitando os movimentos da Cobra-Grande, a mesma que rasgou os rios, trazendo a humanidade no ventre, para começar o mundo.

Durante as danças, uma fila de mulheres mais velhas serve o caxiri. É uma bebida à base de mandioca fermentada, forte como o nosso vinho. Uma seis ou sete mulheres vão passando e oferecem cuias de caxiri aos homens que estão sentados em volta da pista de dança. Cada cuia contém mais ou menos 300 ml. Você tem que esvaziar a cuia de todas as mulheres da fila, se não, é desfeita. Com isto, em pouco tempo você fica bêbado.

Felizmente, há o ipadu, que faz o efeito contrário. Ipadu é um pó feito de folhas de coca. Não tem nada a ver com cocaína. As folhas são secas na chapa de barro e depois reduzidas a pó num pilão. Não é refinado e nem vendido. É só para uso ritual. Põe-se o pó numa cuiazinha que passa de mão em mão, entre os homens. Cada qual tira um bocado e coloca na bochecha, para sorver aos poucos, entre uma tragada e outra dos charutos cerimoniais, ou entre um gole e outro de caxiri.

Os charutos cerimoniais também passam de mão em mão. Alguns chegam a ter dois palmos de comprimento. E são presos numa forquilha enfeitada, que os índios dizem ter a forma da vagina. Não fique pensando em Freud, que, aliás, também fumava charuto e certa feita disse a um discípulo atrevido: "Por vezes um charuto é apenas um charuto." Enquanto isso, as mocinhas e os rapazes continuam na dança do carissu.

Depois do carissu, os jovens se retiram. Vem um par de velhos tocando a grande flauta japurutu. Japurutu é sempre assim. Masculino, monótono, marcial. Os velhos vão e vêm na pista de dança. Vão ao fundo, onde estão as mulheres e as crianças. Voltam à frente, onde estão os homens. Fazem reverência aos principais. Eu entre os principais.

Agora é a minha vez de falar. Eles escutaram pelo Radiobrás que eu viria. Já sabem que fui o Presidente Substituto da Funai e que agora estou localizando as aldeias Maku. Querem saber por quê. Sempre desconfiam de branco que anda com Maku, já que se consideram patrões. É como se alguém

muito importante fosse à sua casa e se interessasse mais pela sua empregada doméstica do que por você.

Levanto e saúdo a todos.

Silêncio total.

Tomo ar e lá vou eu:

"Vocês sabem que o Ministro da Justiça assinou um papel mandando fazer a demarcação das terras indígenas na região do Rio Negro. Esse papel é papel de ministro. Vale mais que papel de prefeito e de governador. Esse papel diz que a região do médio e do alto Rio Negro é uma terra indígena contínua. O Governador do Amazonas é contra, mas não pode mais fazer nada."

Espero que um moço faça a tradução e continuo: "Muito bem, a demarcação vai ser feita no ano que vem. Já existe o dinheiro."

Aplausos. Comentários alegres na língua deles. Espero uns momentos e retomo a fala:

"Mas por que é que eu estou aqui? Por que é que eu estou andando com Maku no meio dessa mata doída onde vocês nem vão?"

Seguro o público.

"Eu ando com Maku pra botar no mapa as aldeias dele, os caminhos dele, os lugares onde ele vai caçar e pescar, o fundos de mato onde tem caranazal, pra ele fazer casa, onde Maku vai colher fruta, cipó, turi, maniuara, tapuru, muxiua, ingá... o passadio dele. E por que é que eu vou botar isso no mapa?"

Espero a tradução e continuo:

"Eu vou botar isso no mapa pra que ninguém mais possa dizer que existem vazios nas áreas indígenas. Vocês moram na beira dos rios. Os Maku moram no meio do mato. Mas como ninguém vai lá onde eles moram, tem branco dizendo que é muita terra pra pouco índio. Andam dizendo que vocês só precisam da beira dos rios. Isso é errado!"

Um rapaz com ar de quem já foi a Manaus me interrompe:

"Eles dizem isso porque querem fazer pesquisa de ouro."

"Isso mesmo", eu respondo. "Mas o índio precisa do interior do mato também, não é só de beira de rio que ele vive. Precisa até do chavascal."

Nem o Maku, que é do mato, mora dentro do chavascal. Mesmo assim, todo índio precisa do chavascal.”

O rapaz volta à carga:

“Ninguém pode mexer no chavascal. Se mexer, mexe nos igarapés que nascem lá dentro. E aí vai faltar peixe no rio grande.”

Esse era o gancho que eu esperava:

“Vocês vejam como o Maku é importante. Ele conhece os caminhos. Ele sabe onde estão as bolas de terra dentro do chavascal. Ele sabe onde tem cada coisa dentro da terra firme, da caatingona, do caatingote, da caatinguinha, do igapó, do pé de serra, do topete e do chavascal. Vou botar tudo no mapa. Os brancos vão ficar sabendo que não tem nada vazio. Índio anda por aí tudo.”

Depois da tradução, eles discutem entre si em língua tukano. Desconheço essa língua, mas falo a dos Maku, que também falam tukano, de modo que poderiam me contar o que os anfitriões estão dizendo. Mas seria uma quebra e tanto de protocolo, dado o caráter solene do momento. Permaneço calado e espero.

Depois de uns vinte minutos de confabulações entre si, os Tukano me fazem sentar para ouvir cantiga de mulher. É um solo à capela. Chama-se *handê-handê*. Para cantá-lo, a solista se põe em pé, frente ao homenageado, e improvisa versos, entre gestos doces e amistosos. A esposa do tuxaua canta o *handê-handê* para mim, chamando-me de “Jorgecito” (estamos perto da Colômbia). A melodia é lancinante, como se expressasse ao mesmo tempo dor, êxtase e redenção. Um rapaz traduz para que eu entenda:

*Handê-handê
Handê-handê-cô
Jorgecito, Jorgecito
é um pai para nós
Agora estamos felizes
porque vai cuidar de nós
Vamos ter muitas coisas
panela, machado, anzol.*

*Agora vamos ter médico,
remédio, escola, professor.
Jorgecito nosso pai
Nos protege, nos protege
dos brancos maus
que nos desgraçam
Jorgecito, Jorgecito
Handê-handê-cô*

Me comovem, confundindo demarcação de terras com assistência social, como se a simples demarcação fosse resolver todos os problemas. As mulheres observam surpresas, achando que me comove o cântico, que aliás é muito belo.

A emoção corta o efeito do ipadu e eu tomo consciência de que estou faminto e quase sem forças para ficar em pé. Meio tonto, me deixo cair numa rede. As mulheres me observam mais e mais. Sem querer, sorrio para a mais bonita. Ela se aproxima e me oferece mujeca de peixe. Mergulha pedaços de beiju quentinho dentro do líquido e me põe na boca, dizendo que sou seu primo e que vai passar a noite comigo.

Acho que ainda não contei essa história de primos. Os índios do Rio Negro, como muitos outros, gostam de casar com a prima. Então, quando uma daquelas índias chama você de primo, mesmo que seja em português, ela está sugerindo sedução, desejo, sexo, só coisa boa. Relaxo e pego no sono com a priminha me embalando a rede.

Acordo em meio a uma balbúrdia espantosa. Um homem bate em minha prima. Outros vêm defendê-la e batem no primeiro. Outros ainda batem nestes últimos. De repente, vários homens se envolvem, distribuindo socos e pontapés aleatórios. Não se sabe mais quantas facções estão em disputa. Alguns vagam perdidos no meio da pancadaria, bêbados demais para oferecerem seus préstimos. Gesticulam inutilmente e são empurrados de um lado ao outro. Um grupo de rapazes se diverte comentando às gargalhadas o desempenho dos pugilistas. Velhos balançam a cabeça em sinal de desaprovção. Mulheres gritam, crianças choram, cachorros ladram,

galinhas esvoaçam e a chuva cai. Me retirei e vou até a beira do rio, vomitar caxiri.

Quando volto, depois de meia hora, não há mais briga corporal, apenas troca de imprecações. Um mulher me olham, acusadoras, e xingam suas rivais, que também me olham, acusadoras, e devolvem os desaforos. Minha prima chora, encolhida num canto. Fico sabendo que o agressor é seu esposo. "Faz sentido," penso eu. "Faz sentido."

Procuro meus amigos Maku, em busca de apoio, já que todos parecem me acusar. Logo desisto de me sentir culpado, afinal de contas não fui eu quem começou aquela tolice de primo e prima. Além do mais, os índios realmente me aborrecem com essa mania de brigar quando bêbados. Mas onde estão os Maku, meu Deus? É sempre assim. Cada vez que a briga começa, eles somem.

Saio outra vez da maloca e vomito mais um pouco. Vejo ao longe, na orla do mato, o vermelho de umas brasas de cigarro. Lá estão os Maku, finalmente. Quando me aproximo, um deles se dirige a mim em tom irônico:

"*Am mehin, ɬ? Tshokwat ay tshopoy-an am nene?*," diz ele. "Sua prima, hem? Você veio para beijar mulher Tukano?"

E todos caem na gargalhada.

"*Ah keyhipah nɬ tɬ teh-ip niy!*", eu contesto. "Eu não sabia que ela é casada!"

Eles riem mais alto ainda.

"*Am hitshatshop tegn-ho-i*," diz um deles ainda rindo. "Você é um branco estúpido."

"Branco estúpido", repetem os outros amigavelmente.

Me oferecem cigarro:

"*Uh ta hot toydn, hitshatshop tegn-ho-i*. Fuma este cigarro, branco estúpido".

Pego o cigarro e dou umas tragadas. O mais velho deles pára de rir e me diz (sempre em maku):

"Você tem que aprender a não pensar em mulher dentro do chavascal. Você traz coisa ruim lá de dentro, fica doido, faz besteira".

"Como é que você sabe que eu pensei em mulher dentro do chavascal?", pergunto eu, surpreso.

"Porque você é um branco estúpido."

Teoria da barbárie (roteiro)

FADE IN:

1. SERRA DO TRAÍRA, FRONTEIRA BRASIL-COLÔMBIA, JANEIRO DE 2000.
EXTERIOR. DIA.

OBS.: locações sublinhadas indicam títulos na tela, sobrepondo-se ao início da cena.

Dois homens caminham por uma trilha na floresta equatorial. Na frente, vai o índio Puani, carregando na cabeça um balaio com seus pertences. Logo atrás, o antropólogo Theodor, de mochila nas costas. Louro e alto, ele sua aos borbotões, bastante desconfortável em suas calças cáqui e seu colete de explorador. O índio, de camiseta e calção, caminha bem mais à vontade. De repente, a mata se abre diante de um precipício aos pés dos caminhantes. No horizonte, vê-se um rio sinuoso e de águas negras.

PUANI: Aquele lá que é o Rio Traíra, seu Teodoro. Do outro lado dele já é a Colômbia. Aqui ainda é Brasil.

Vê-se que a trilha por onde eles vieram continua descendo a serra ao lado do precipício, serpenteando numa encosta íngreme, pedregosa e sem vegetação. Termina a uns 300 metros abaixo, numa aldeia indígena em meio a uma clareira no fundo do vale.

THEODOR (Ofegante): E aquela aldeia lá embaixo?

Theodor fala português com um forte sotaque alemão, porém se expressa gramaticalmente bem.

PUANI: Ali que é o Garimpo dos Tukano. O garimpo nosso, dos índios aqui da região. O nome verdadeiro desse lugar é Serra do diabo sem cu, *Wahti siti madidighi* na nossa língua.

THEODOR: Língua tukano?

PUANI: Não, tuyuka puro. Na língua tukano fica sendo *Wahti sipe madika*. Aqui nesse garimpo tinha índio de tudo quanto é

tribo da região: Tuyuká como eu, Desana, Pira-tapuya, Wanano... Os mais numerosos eram da tribo Tukano. Por isso que se chama garimpo dos Tukano. Mas tinha muitos outros índios.

THEODOR: Tinha? Não tem mais?

PUANI: Agora só tem pouco. O povo tem medo que os militares voltem a atacar. Antigamente, tinha mulheres e crianças aí no garimpo. Tinha uma aldeia, com plantação de mandioca e tudo. Agora só tem poucos homens. Depois que os militares atacaram, a gente vem aqui, pega um ourinho e volta logo pras nossas aldeias.

THEODOR (Incrédulo): Puani, você está me dizendo que os militares brasileiros atacaram os índios brasileiros?

PUANI: Atacaram, seu Teodoro. Vieram de helicóptero e de lancha, pelo Traíra. Já chegaram dando tiro pra cima. Foi uma confusão. A gente ficou apavorada. Teve índio que quis reagir, mas levou tiro.

THEODOR: Quando foi isso?

PUANI: Em 1992.

ZOOM na aldeia atual.

FUSÃO:

2. GARIMPO DOS TUKANO, 1992. EXTERIOR. DIA.

Em primeiro plano, vêem-se índias colhendo mandioca na plantação atrás das palhoças. Mais perto do pé da serra, dentro de um igarapé, seus maridos procuram ouro com as bateias. Crianças brincam em frente às palhoças, sob os olhos de um casal de velhos. Algumas jogam piorra feita de coquinho. Outras brincam com cachorros.

CORTE:

3. OS HELICÓPTEROS CHEGAM AO GARIMPO. EXTERIOR. DIA.

SOM: motor de helicóptero.

Súbito, por sobre a orla da floresta ao fundo da roça onde trabalham as mulheres, surgem dois helicópteros militares, tipo Vietnã, descabelando palmeiras e copas de árvores. As mulheres, que estavam de cócoras, colhendo e replantando mandioca, levantam-se espantadas, largando seus balaio no chão. Algumas correm em direção à mata. Outras vão em busca dos maridos, no igarapé. Os maridos olham os helicópteros como quem não acredita no que vê. Crianças se escondem nas palhoças. Outras correm desorientadas em busca das mães, chorando. Os cachorros ladram. Close em alguns rostos perplexos.

CORTE:

4. OS BOTES CHEGAM AO RIO TRAÍRA. EXTERIOR. DIA.

SOM: motor de popa.

Pelo Rio Traíra, chegam três grandes botes de alumínio camuflados, com motores de popa de 40 HP pintados de verde. Há uma dezena de militares de uniforme camuflado em cada bote. Todos empunham metralhadoras e têm o rosto camuflado também. Desembarcam às pressas, aos comandos de um tenente, que lhes fala com energia. Saltam em rápida fila indiana, por cima das proas dos botes, embicadas na barranca do rio. Tomam uma trilha na beira da margem e se embrenham no mato, correndo.

CORTE:

5. OS MILITARES INVADEM O GARIMPO. EXTERIOR. DIA.

SOM: motor de helicóptero, gritaria dos militares, tiros de metralhadora, latidos de cachorros, vozes de prisão.

Os helicópteros pousam no terreiro da aldeia. Saem oito soldados de cada aparelho, dando rajadas de metralhadora para cima. A seguir, cercam o igarapé onde estão os índios trabalhando com as bateias. Ao mesmo tempo, os soldados que desembarcaram no Rio Traíra chegam ao Garimpo, vindos do

mato. Também dão tiros para cima. Alguns cachorros de índios tentam atacar os invasores, mas são alvejados. Índios jovens saem de uma palhoça com espingardas na mão, mas são também alvejados. Um menino de 15 anos de idade jaz em frente a uma palhoça, com o ventre perfurado, sangrando.

CORTE:

6. OS MILITARES PRENDEM OS ÍNDIOS. EXTERIOR. DIA.

SOM: choro de mulheres e crianças, tiros.

Agora, os soldados conduzem índios e índias para o terreiro da aldeia, que chegam humilhados, de mãos para cima. Crianças choram apavoradas. Sob as ordens do tenente, os adultos se ajoelham no terreiro, formando um círculo de cerca de 50 prisioneiros. O tenente dá tiros para o alto, apontando o círculo, para que os retardatários se juntem aos demais prisioneiros. Alguns estão feridos.

CORTE:

7. OS ÍNDIOS SÃO EXPULSOS DO GARIMPO. EXTERIOR. DIA.

SOM: choro de mulheres e crianças.

O tenente fala aos prisioneiros.

TENENTE: Vocês têm uma hora para juntar as tralhas e sumir daqui. Quem resistir, vai preso pro quartel. Os homens vão ficar aqui no terreiro, enquanto as mulheres pegam as coisas dentro das palhoças. (Gritando com as mulheres): Vocês ouviram! Vão buscar as tralhas de vocês! Já!

As mulheres obedecem. Dirigem-se às palhoças.

CORTE:

8. PALHOÇAS. INTERIOR. DIA.

Dentro das palhoças, mulheres juntam redes, roupas, espelhos, pequenos objetos e os enfiam às pressas dentro de balaaios. Choram.

CORTE:

9. O INCÊNDIO DO GARIMPO. EXTERIOR. DIA.

SOM: "The end", do The Doors, numa citação explícita de Apocalypse Now, de Francis Ford Coppola.

Sob as ordens do tenente, os soldados espalham querosene nas palhoças e plantações. Outros apontam as metralhadoras para os moradores retardatários, indicando com os canos para irem embora. A maior parte deles já foi. Terminado o trabalho de espalhar querosene, o tenente manda acender o fogo. Labaredas sobem das plantações e palhoças. Rolos de fumaça preta saturam o ambiente. Helicópteros fazem ventania, índios fogem serra acima com crianças e tralhas. Um deles avança em direção ao pé da serra, com o filho de 15 anos morto nos braços. Close sobre rostos perplexos...

FUSÃO:

10. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. DIA.

Puani e Theodor conversam sentados à beira do abismo. Ao fundo, a mesma paisagem da cena 1.

PUANI: Aqui neste ponto onde a gente está agora, as famílias pararam olhando o fogaréu lá em baixo. Choraram muito, mas tiveram que continuar fugindo. Subiram serra com o que puderam pegar na última hora. Era bebê no colo, paneiro de farinha na cabeça, criança pequena pela mão... Imagina subir essa pirâmide medonha com tudo isso atrapalhando? Muita gente ficou ferida. Um bebê caiu do colo da mãe e se esborrachou nas pedras, lá embaixo.

THEODOR (Perplexo, indignado): De onde eram os militares?

PUANI: Do Batalhão de Fronteira de Tabatinga. Tinha uns daí do Pelotão da Vila Bittencourt. O senhor sabe, né? O Pelotão da Vila Bittencourt é posto avançado do Batalhão de Tabatinga.

THEODOR: Mas por que eles atacaram vocês?

PUANI: Pensavam que gente era tudo colombiano. Guerrilheiro e garimpeiro colombiano invadindo o Brasil.

THEODOR: Sempre se ouvia dizer que tinha guerrilheiros colombianos por essas bandas, se escondendo no Brasil.

PUANI: A culpa foi da Paranapunura.

THEODOR: A Empresa Mineradora Paranapunura?

PUANI: Ela mesma, seu Teodoro.

THEODOR: Puani, você vai ter que me contar essa história desde o começo.

PUANI: Tudo começou quando a gente achou ouro aqui no pé da Serra do Traíra. Começamos a garimpar, construir casa, roça. Foi assim que apareceu o Garimpo dos Tukano.

FUSÃO:

11. GARIMPO DOS TUKANO, 1984. EXTERIOR. DIA.

Metidos no igarapé ao pé da serra (o mesmo da cena 2), alguns índios garimpam ouro com suas bateias. Enquanto isso, suas mulheres trabalham nas roças. Crianças brincam com cachorros e xerimbabos. Um casal de velhos cata lenha nas proximidades.

PUANI (Em off): Os índios pegavam aquele ourinho e iam vender lá na Vila Bittencourt. Mas aí a fofoca do ouro começou a se espalhar na cidade. Foi se espalhando e chegou até Manaus. Isso aqui se encheu de garimpeiros. Era gente do Maranhão, do Ceará, de Manaus, de tudo quanto era canto.

CORTE:

12. GARIMPO DOS TUKANO. EXTERIOR. DIA.

O Garimpo dos Tukano é agora o cenário pedregoso de uma mina de ouro a céu aberto. O terreiro da aldeia está repleto de carteiras de cigarro amassadas,

garrafas de cachaça, sacos plásticos sujos, guimbas de cigarro. O igarapé onde os índios garimpavam está todo revolto e esburacado. Ao longo das margens, monturos de terra. Vêem-se compressores, válvulas e relógios. O barulho de motor domina o ambiente. Manchas de óleo no chão. Tambores de combustível. Dezenas de garimpeiros brancos lavam o cascalho com jatos d'água. Os índios malham as pedras a marretaço, carregam as sobras para longe, servem café, obedecem... Cada garimpeiro com mangueira e compressor tem um grupo de índios ao seu serviço.

PUANI (Em off): Quando a gente se deu conta, os índios já estavam todos trabalhando para os garimpeiros. Índio que não fosse amigo deles, não podia garimpar.

CORTE:

13. GARIMPO DOS TUKANO. EXTERIOR. NOITE.

Uma palhoça com gerador de luz a gasolina (barulho de motor). Lâmpada vermelha na porta. Mesas e bancos improvisados do lado de fora, feitos de cepas de troncos e bambu. Garimpeiros bebem cachaça e jogam baralho. Índias bêbadas circulam entre as mesas, de minissaia, as bocas pintadas de vermelho. Algumas sentam-se no colo dos garimpeiros. Sai um casal de índia e garimpeiro de dentro da palhoça. Outro casal entra.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi.

PUANI (Em off): Os garimpeiros pagavam nossas índias para prostituir. O garimpo tinha até um bordel. De noite, só tinha gente bêbada. De vez em quando, saía um tiroteio.

Tumulto numa das mesas. Mulheres fogem espavoridas. Garrafas de cachaça caem no chão. Mesas são viradas. Dois garimpeiros se xingam, trocando tiros de revólver. Um deles cai morto no chão. Close no rosto de alguns índios, que observam em silêncio, nas sombras, ao longe.

THEODOR (Em off): E vocês não reagiram? Deixaram assim?

PUANI (Em off): Reagimos. O povo se reuniu em assembléia. Veio gente de várias aldeias da redondeza. A gente fez reunião só nossa, sem garimpeiro.

CORTE:

14. BARRANCA DO RIO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

Numa pequena clareira na margem do rio, cerca de cinquenta índios se reúnem em volta do fogo. Fumam grandes cigarros rituais, que passam de mão em mão. Cabaças de bebida ritual seguem o mesmo curso. Um pajé velho benze as cabaças e os cigarros, antes de entregá-los aos mais jovens. Estes, discutem na língua tukano, exaltados. Gesticulam com raiva.

PUANI (Em off): Aí a gente decidiu não entregar mais a mina pra ninguém. Quem invadissem seria recebido a bala. Só que os garimpeiros eram muitos. A gente não sabia bem o que fazer. Foi aí que entrou a Mineradora Paranapunura.

CORTE:

15. GARIMPO DOS TUKANO, 1986. EXTERIOR. DIA.

Agentes da Polícia Federal, soldados da PM do Amazonas, peões, geólogos e engenheiros transitam atarefados pelo Garimpo dos Tukano. Um grupo de peões carrega equipamentos: compressores, geradores, mangueiras, tambores de combustível... Os geólogos e engenheiros orientam outro grupo de peões na construção de tendas para a instalação do equipamento.

PUANI (Em off): Eles tinham uma concessão do Departamento Nacional da Produção Mineral pra explorar o ouro daqui da Serra do Traira. Vieram pra cá com a Polícia Federal e a PM do Amazonas. Expulsaram todo mundo. Índios e garimpeiros.

CORTE:

16. GARIMPO DOS TUKANO. EXTERIOR. MAIS TARDE NO MESMO DIA.

Índios e garimpeiros estão agora numa longa fila indiana que passa diante de uma mesa de campanha, onde um agente da Polícia Federal faz a ficha de cada

um. Outros agentes da PF, assistidos por soldados da PM, vigiam a fila, revistam as palhoças dos índios e dos garimpeiros, empilham suas armas de fogo ao lado da mesa de campanha.

PUANI (Em off): Depois da triagem, mandaram todo mundo embora. Os índios voltaram para as aldeias. Os garimpeiros foram para a Vila Bittencourt, para São Gabriel da Cachoeira, Manaus...

FUSÃO:

17. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. ANOITECER.

Take sobre o vale. Ao fundo, vêm-se as luzes do Garimpo dos Tukano. Enquanto conversam, Puani e Theodor montam uma tenda de nylon na orla da mata, perto da beira do abismo. A tenda não tem paredes, de modo que quando fica pronta, podem-se ver os ocupantes em seu interior. Atam as redes debaixo do nylon e continuam o diálogo deitados nelas.

THEODOR: O que foi que aconteceu depois?

PUANI: Eles implantaram a Base.

THEODOR: A Base?

PUANI: A Base da Paranapunura. Nossa aldeia do garimpo ficou sendo a Base da mineradora. Os índios reclamavam, dizendo que era área indígena. Ameaçavam ir pra o jornal, fazer escândalo, chamar a Funai.

FUSÃO:

18. BASE DA PARANAPUNURA, 1986. EXTERIOR. DIA

Ao longo do igarapé onde os índios antigamente garimpavam, há agora estruturas de lavagem de cascalho. O solo em volta está todo sulcado de trincheiras e túneis. Vêm-se compressores, válvulas, relógios. O barulho de motor domina o ambiente. Manchas de óleo e lixo plástico no chão. Tambores de combustível. Cerca de trinta peões nordestinos trabalham com as máquinas.

PUANI (Em off): Foi aí que eles fizeram um acordo informal com a gente, através do geólogo Lamounier. Eles permitiram que os índios trabalhassem só na faiscação, só no ouro em terreno já batido. O subsolo ficava com a empresa.

Uma centena de índios trabalha na faiscação. Dois geólogos brancos observam debaixo de uma tenda de lona sem paredes, dando ordens aos mais próximos. Por sobre a tenda, lê-se numa placa:

EMPRESA MINERADORA PARANAPUNURA
Concessão de Pesquisa e Lavra no. 1178C/83
Departamento Nacional da Produção Mineral
Ministério das Minas e Energia

PUANI (Em off): A empresa passou a manter a segurança do garimpo, em cooperação com os índios. A gente vigiava a concessão deles, impedindo a vinda de garimpeiros avulsos. Eles chamavam a polícia se a situação ficasse perigosa, com muito forasteiro querendo invadir. Eles protegiam nosso garimpo. Era uma troca.

FUSÃO:

19. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

Deitados nas redes, Puani e Theodor conversam e fumam.

PUANI: Nessa época começou o Projeto Calha Norte aqui na área do Rio Negro.

THEODOR: Aquele projeto do Governo Federal para ocupar desenvolver as fronteiras no norte?

PUANI: Esse mesmo, seu Teodoro. O projeto tinha essa idéia de implantar colônias agrícolas nas nossas terras, com lavradores de Goiás, Mato Grosso e por aí vai. A gente viu logo que ia sair prejudicado, né? Então, a gente decidiu mandar alguém para Brasília, pra garantir os nossos direitos.

Mandamos uma liderança Tukano, o Bené Toreh. Ele se foi pra capital com outros membros desse clã, os Toreh.

THEODOR: É um clã importante?

PUANI: Um dos mais altos na hierarquia dos índios dessa área. A missão deles era ir à Funai, pedir a demarcação da nossa área e protestar contra as colônias agrícolas do Projeto Calha Norte. Mas os Toreh fizeram um acordo com a Paranapunura.

THEODOR: Sem o conhecimento dos outros índios?

PUANI: Sem a gente saber! Daí vai, a Paranapunura se comprometeu a negociar com o Calha Norte em favor dos índios. É claro que eles queriam deixar a concessão da empresa de fora das terras demarcadas. Por isso ajudavam a gente.

THEODOR: E sabendo disso, vocês não protestaram?

PUANI: Os Toreh eram a favor da empresa. Eles tinham muita autoridade. Ninguém queria ir contra os nossos chefes tradicionais. Eles ficaram amigos do pessoal da Paranapunura. Tinha um tal de Coronel Meireles, um coronel reformado do Exército. Ele era o gerente de operações da Paranapunura. Foi ele que levou os Toreh pra Brasília pela primeira vez.

FUSÃO:

20. BRASÍLIA, 1986. EXTERIOR. NOITE.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi, abafada por motor de helicóptero.

Panorâmica aérea sobre a cidade. Aparecem nesta ordem, o Congresso Nacional, a Esplanada dos Ministérios, a Torre de TV e o Hotel Nacional. Panorâmica aérea sobre o Hotel Nacional. Zoom sobre um das janelas.

CORTE:

21. HOTEL NACIONAL. INTERIOR. NOITE.

Suíte presidencial do Hotel. Na sala, os índios Bené, Doetiro e Umuri bebem uísque com o Coronel Meireles. Os índios estão todos na faixa dos 40. O coronel terá os seus 55. Grisalho, atlético e cheio de entusiasmo. Soa a campainha. Entram quatro prostitutas vestidas de colegiais: saias plissadas azul-marinho, camisa branca com laço azul marinho, cabelo preso em rabo de cavalo, sapatos bonequinha pretos e meias três quartos brancas.

MEIRELES: Vocês não queriam transar com estudantes, Bené? Aí estão as estudantes.

BENÉ: É disso mesmo que eu gosto, Coronel Meireles!

MEIRELES (Dirigindo-se a uma das garotas): Venha cá sentar no colinho de seu velho professor, meu bem.

Os índios riem, deleitados. A seguir, cada um escolhe a sua estudante. Seguem-se novas rodadas de uísque. O jantar é servido na suíte por garçons solícitos e calados. Depois do jantar, alguém liga um aparelho de som.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi.

As estudantes dançam, fazem strip-tease, provocam os homens. O coronel Meireles distribui charutos e serve licores. Bené faz menção de se retirar com a sua estudante para o quarto da suíte, mas é interrompido por Meireles, que solta bruscamente a sua estudante e fala em tom autoritário.

MEIRELES: Peraí, Bené. Escutem aqui vocês três. Isso aqui não é só pra relaxar, não. É pra vocês verem que a Empresa está com a maior boa vontade com vocês. Vocês são as lideranças indígenas daquela área. Líder tem que se comportar como líder, porra! Líder tem que ter privilégios. E é isso que a Empresa tá dando pra vocês, privilégios! (Faz uma pausa para beber uísque)

Amanhã a gente vai ao Conselho de Segurança Nacional falar com o pessoal do Projeto Calha Norte. O Presidente da Funai vai estar lá. A concessão da empresa tem que ficar fora da

demarcação das terras indígenas, hem? Vê lá o que vocês vão dizer. A concessão tem que ficar de fora, porra! Vocês não querem melhorar de vida, ter dinheiro, viajar pra cidade?

Diante do silêncio dos índios, ele grita.

MEIRELES: Querem ou não querem, caralho!

OS ÍNDIOS (Em coro, como colegiais): Queremos!

MEIRELES: Pois eu prometo que se vocês livrarem a concessão da empresa, vocês vão se dar bem. O Bené vai ser o meu assessor pessoal. O Doetiro vai ser o Administrador da Funai em São Gabriel da Cachoeira e o Umuri vai ser chefe de um posto de vigilância da Funai no Garimpo dos Tukano. Cada um vai ter um salário de gente branca.

BENÉ: Mas como é que a gente vai defender a exclusão da concessão da empresa? O pessoal da Funai vai ficar desconfiado.

MEIRELES: É simples. Vocês vão dizer que a empresa é a única garantia contra a invasão daqueles garimpeiros arruaceiros. Vocês vão dizer que nós estamos lá para proteger as comunidades indígenas e zelar para que os garimpeiros não perturbem vocês e as mulheres de vocês. Isso por acaso é mentira?

BENÉ: Não.

MEIRELES: Então, estamos conversados. De volta pra sacanagem, pessoal!

FUSÃO:

22. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

Puani e Theodor conversam, deitados nas redes.

THEODOR: Como é que você soube desses detalhes, Puani?
Você nem estava lá...

PUANI: O próprio Bené me contou, durante uma bebedeira.
Índio é assim mesmo, seu Teodoro. Quando bebe, fala tudo.

THEODOR: E o que foi que aconteceu depois?

PUANI: Dia seguinte, eles estavam no Conselho de Segurança Nacional com o Coronel Meirelles e o Presidente da Funai.

FUSÃO:

23. SALA DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL, BRASÍLIA. INTERIOR. MANHÃ.

O Major Giordani, Coordenador Operacional do Projeto Calha Norte, faz uma exposição para uma platéia de 20 pessoas. Metade da platéia é de oficiais do Exército. A outra metade se compõe de funcionários engravatados. Os índios também estão de terno e gravata. O Coronel Meirelles e o Presidente da Funai sentam ao lado dos índios e assistem. Enquanto fala, o Major mostra um mapa na parede, apontando lugares com uma vareta de alumínio. A cena deve passar para o espectador do filme uma idéia dos lugares envolvidos e da magnitude da concessão mineral pretendida pela Mineradora Paranapunura (2 milhões de hectares), assim como explicar o Projeto Calha Norte.

MAJOR GIORDANI (Aponta o mapa quando necessário): O objetivo do Projeto Calha Norte é assegurar a integridade e o desenvolvimento dos 200 km da Faixa de Segurança Nacional definida pelo Conselho ao longo das fronteiras do país. Escolhemos a região do alto Rio Negro como pioneira porque fornece a melhor infra-estrutura em campos de pouso e também em unidades militares. Temos um Batalhão de Fronteira sediado em São Gabriel e mais um em Cucui.

Pretendemos instalar um aqui em Pari-Cachoeira, outro aqui em Yauaretê e outro aqui em São Joaquim. Porém a segurança, como os senhores sabem, não se resume ao aspecto militar. Temos que ocupar os vazios demográficos do território nacional. Por isso, planejamos implantar Colônias Agrícolas no bojo do Projeto Calha Norte. Serão localizadas aqui, aqui e aqui. Famílias de agricultores do sul serão levadas, para ensinar o manejo da agricultura intensiva e a criação de gado ao elemento regional.

BENÉ (Ao ouvido de Meirelles): Mas as Colônias Agrícolas vão ficar bem em cima das terras dos índios Maku...

MEIRELES: A gente muda os Maku de lugar. Já definimos uma área indígena Maku, só pra eles. Maku não é o índio considerado mais inferior pelos outros índios da região?

BENÉ: É sim.

MEIRELES: Então? A gente vai valorizar os Maku.

MAJOR GIORDANI (Apontando o mapa): As terras indígenas demarcadas serão Pari-Cachoeira I, Pari-Cachoeira II, Yauaretê I, Yauaretê II, Maku...

FUSÃO

(o som da palestra vai abaixando de volume):

24. SALA DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL, BRASÍLIA. INTERIOR. MAIS TARDE NA MESMA MANHÃ.

Permanecem na sala o Coronel Meirelles, o Presidente da Funai, os três índios, o Major Giordani e o General responsável pelo Projeto Calha Norte. O mapa é destacado da parede e aberto sobre uma mesa. O grupo se reúne em torno da mesa. Um funcionário de terno cinza e óculos raibã escuros tira fotografias e grava a reunião.

MEIRELES: General, nós estamos aqui com as três maiores lideranças indígenas da área. Eu gostaria que o senhor

Benedito Toreh, o líder mais antigo, manifestasse ao senhor a anuência dos índios quanto às demarcações propostas pelo Projeto Calha Norte. Benedito, por favor...

BENÉ (Titubeando): Bem... Nós índios de Pari-Cachoeira...

GENERAL: Como assim de Pari-Cachoeira? Pensei que representassem a área toda.

MEIRELES: Pari-Cachoeira é a sub-região estrategicamente mais importante, General. Ao sul dessa aldeia, há jazimentos auríferos indispensáveis para o desenvolvimento da região.

GENERAL: E para as finanças da Parapanunura, eu presumo.

Riso amarelo do Coronel Meirelles. O General permanece impassível.

GENERAL (Para Bené): Prossiga.

BENÉ: Nós lideranças indígenas da região do Rio Negro estamos aqui para assegurar que concordamos com as demarcações propostas pelo Projeto Calha Norte.

GENERAL: Por quê?

Bené cai num silêncio constrangido. O funcionário de terno cinza e óculos raibã tira fotografias e grava.

GENERAL: Por que concordam?

Um olhar significativo de Meirelles e Bené se lembra do que tem que dizer.

BENÉ: A Parapanunura é a única garantia contra a invasão dos garimpeiros arruaceiros. A Empresa está protegendo as comunidades indígenas, protegendo as nossas mulheres, as nossas crianças.

GENERAL: Mais alguma coisa que você queira dizer?

BENÉ: A gente também concorda com o Projeto Calha Norte porque ele vai trazer o desenvolvimento para a nossa região. Desenvolvimento e ocupação dos vazios demagógicos.

GENERAL (Para o Major): Giordani, apaga essa última parte da fita.

(Para o presidente da Funai): O senhor pode garantir que as demarcações serão feitas em conformidade com o Projeto?

PRESIDENTE DA FUNAI: Nós estamos aqui para analisar todas as variáveis, levar em consideração todas as dificuldades e todos os fatores favoráveis, com a certeza de que, a despeito dos aspectos imponderáveis, no fim tudo vai ficar bem.

GENERAL (Retirando-se): Giordani, coordena.

MEIRELES (Visivelmente aliviado): Bom, Giordani. Agora a gente tem que definir onde vai colocar os postos de vigilância e que instituições o Conselho de Segurança vai ter que mobilizar.

(Para os índios): Pra dizer onde colocar os postos de vigilância, ninguém melhor que vocês, que conhecem a região.

BENÉ (Apontando o mapa em cima da mesa): Acho que tem que colocar um posto de vigilância aqui no Garimpo dos Tukano. Posto da Funai. Umuri vai ser chefe. Depois, um posto de vigilância aqui na Vila Bittencourt, pra impedir que os garimpeiros subam o Rio Traíra.

GIORDANI: Esse posto fica ao encargo do Pelotão de Fronteira da Vila Bittencourt. Mais algum?

BENÉ: Mais um aqui no Rio Curicuriari. A nascente desse rio é perto do Garimpo. Os invasores podem querer ir por lá.

MEIRELES: Esse fica ao encargo da Polícia Federal. É muito perto de São Gabriel. Tem muito garimpeiro de olho. Um postinho da Funai não vai dar conta. Podemos contar com a Polícia Federal, Giordani?

GIORDANI: Estão para montar um posto de vigilância em São Gabriel. Mas enquanto não fica pronto, acionamos a

PM do Amazonas. O General falou com o Governador a esse respeito.

FUSÃO:

25. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

Puani acende um fogo e esquentava uma lata de *corned beef*. Theodor se balançava na rede.

THEODOR: Mas que sujeito esperto esse Coronel Meirelles, hem? Torceu tudo para favorecer a Paranapunura...

PUANI: O senhor ainda não viu nada. Deixe eu contar o resto. (Dá uma longa tragada no cigarro): Em janeiro de 1987, a situação era muito tensa na área. Havia garimpeiros planejando invasão. Os que estavam em São Gabriel juntaram companheiros de Santa Isabel, de Barcelos, até de Manaus. Mas pelo lado brasileiro, eles não podiam invadir, por causa dos postos de vigilância da Polícia Militar e do Exército. Então, os garimpeiros brasileiros se juntaram com os garimpeiros colombianos, num lugar chamado Garimpito, do lado colombiano do Rio Traíra. Os brasileiros foram pra lá liderados por um tal de Sidnei de Jesus Moreira, vulgo Negão...

FUSÃO:

26. GARIMPITO, COLÔMBIA, 1987. EXTERIOR. ENTARDECER.

SOM: tiroteio ao som de uma salsa animadíssima, com solo estridente de pistom, bongôs enfurecidos e todos os demais clichês.

Pela porta súbito escancarada de um bar de madeira sai um sujeito de costas, tropicando, como se tivesse sido atingido por um golpe muito violento. Dá tiros com seu revólver em direção ao interior do bar, mas já está caindo morto, de modo que seus tiros tomam qualquer direção. A câmera passeia pelo arruado de

casebres precários ao longo da barranca do Rio Traíra. Garimpeiros caminham em grupo pelo arruado. Há dezenas deles nas portas dos bares e nos balcões dos armazéns. Vêm-se tambores de combustível, caixas de mantimentos, latas de conserva, garrafas de cachaça, mantas de pirarucu salgado, paineiros de farinha, sacos de feijão, arroz, sal e açúcar, pacotes de macarrão. Pendendo sobre os balcões, rolos de tabaco, tripas de lingüiça seca, baldes de plástico, calcinhas, painéis, lanternas, canecas de alumínio, charque, cachos de banana, CDs e fitas K7. Balanças de precisão em todos os balcões. Todo mundo compra gêneros a peso de ouro. De cada armazém, sai uma música diferente, salsa, cumbia ou merengue, todas no máximo volume, distorcidas, quase estourando as caixas de som.

CORTE:

27. BEIRA DO RIO TRAÍRA EM FRENTE AO GARIMPITO. EXTERIOR. ENTARDECER.

SOM: motores de popa, cúbias, merengues, salsas, boleros, todos ao mesmo tempo, ao longe, vindos do arruado.

Uns oito botes de alumínio com motores de popa estão estacionados na margem do Rio Traíra, em frente ao casario. Alguns botes chegam e saem, carregando garimpeiros. Outros carregam mantimentos, combustível, lonas plásticas, maquinário de garimpagem, índias prostituídas.

CORTE:

28. GARIMPITO. EXTERIOR. ENTARDECER.

Um grupo de quatro homens e duas mulheres de uniforme camuflado passa conversando alegremente pelo arruado do Garimpito, carregando fuzis automáticos, espingardas e facões de matto. Os homens são cabeludos e barbudos. O grupo topa na rua com um bando de vinte garimpeiros, cada qual com uma prostituta debaixo do braço, todas elas com cara de índias. Sidnei de Jesus Moreira, vulgo Negão, lidera os garimpeiros. O cabeludo El Rubio lidera o grupo de uniforme camuflado.

EL RUBIO (Dirigindo-se ao garimpeiro Negão): Buenas tardes, Negrón. Como están ustedes?

NEGÃO: Boa-tarde, El Rubio. A gente aqui vai indo como dá. Até que não tá tão ruim...

EL RUBIO: No me parecen tristes, con tantas muchachas ¿Cuando se van a expropiar la mina de la Paranapunura?

NEGÃO: Amanhã mesmo. A gente vai reunir essa garimpeirada toda que está aqui no Garimpito. Brasileiros e colombianos. Você vai ver só. Amanhã aqueles filhos duma égua vão aprender quem é que manda nessa porra.

EL RUBIO: Cierito. Para el pueblo lo que es del pueblo. Muerte a los puercos capitalistas.

Close num cartaz pregado na porta de um armazém. Aparecem as fotografias de 10 guerrilheiros procurados pelo exército colombiano. Entre eles, El Rubio.

CORTE:

29. GARIMPITO. EXTERIOR. MANHÃ SEGUINTE.

SOM: ronco de motores de popa.

Oito botes de alumínio partem do porto do Garimpito em direção às nascentes do Rio Traíra, abarrotados de garimpeiros. Estes, de facões e revólveres na cintura ou empunhando espingardas, bebem cachaça e falam ao mesmo tempo sobre mulheres e futebol. No momento da partida, um garimpeiro completamente embriagado cai do bote, de costas, na lama do porto. Levanta meio dorso e se põe a gesticular pateticamente com uma garrafa de cachaça na mão, enquanto os companheiros se vão rio acima, cantando, gritando urras e dando tiros para o alto.

OS GARIMPEIROS BRASILEIROS:

Olê mulher rendeira,
olê mulher renda,

tu me ensina a fazer renda,
que eu te ensino a namorar.

OS GARIMPEIROS COLOMBIANOS:

Si Adelita ya fuera mi novia,
si Adelita ya fuera mi mujer,
le compraría un vestido de seda
para llevarla a bailar al cuartel.

OS BRASILEIROS:

Lampiã desceu a serra
Deu um baile em Cajazeira
Botou as moças donzelas
Pra cantar mulher rendeira

OS COLOMBIANOS:

Si Adelita se fuera con otro,
la seguiría por tierra y por mar;
si es por mar en un buque de guerra,
si es por tierra en un tren militar.

OS BRASILEIROS:

As moças de Vila Bela
Não têm mais ocupação
Só quer ficar na janela
Namorando Lampião

OS COLOMBIANOS:

Y por se acaso yo muero en la guerra,
y se mi cuerpo en la tierra va quedar,
Adelita, ¡por Dios! te lo ruego,
que por mi cuerpo no vayas a llorar.

O garimpeiro Negão, em pé na proa do primeiro bote, comanda as operações.

CORTE:

30. BASE DA PARANAPUNURA. EXTERIOR. MAIS TARDE, NA MESMA MANHÃ.

SOM: tiroteio, gritaria, vozes de prisão.

Surgindo do mato por todos os lados, dezenas de garimpeiros cercam a Base da Paranapunura, aos tiros e berros, comandados pelo garimpeiro Negão. O posto de vigilância é rendido. Os geólogos da empresa são amarrados no centro da antiga aldeia indígena e humilhados pelos garimpeiros, em alegre gritaria. Vários peões da empresa são feridos. A maior parte, cai prisioneira. Alguns índios escapam em direção ao pé da serra. Puani (alguns anos mais jovem) foge junto.

FUSÃO:

31. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE

CLOSE EM PUANI ATUAL:

PUANI: Aquela invasão não durou nem uma semana. A Paranapunura logo retomou a base.

THERODOR: Como foi que aconteceu?

PUANI: A Polícia Militar do Amazonas, junto com a Polícia Federal e o Pelotão de Fronteira da Vila Bittencourt, vieram expulsar os invasores.

FUSÃO:

32. BASE DA PARANAPUNURA. EXTERIOR. DIA.

O tiroteio, os berros e as brutalidades de sempre. Só que agora é a polícia que os comete. Segue-se o desarmamento de garimpeiros. Estes são reunidos no terreiro da antiga aldeia indígena. Alguns são espancados. Os geólogos e os peões da empresa são libertos. A seguir, a Federal confisca todo o ouro dos garimpeiros. O líder dos garimpeiros, vulgo Negão, tenta demover os policiais dessa idéia.

SOM: AS AVES QUE AQUI GORJEIAM, OS mosquitos, um peido.

NEGÃO (Suplicante): Mas, doutor, isso é tudo o que eu tenho na vida. Deixa ao menos eu levar o meu ourinho pra casa, pelo amor de Deus.

UM CHEFE DE EQUIPE DA FEDERAL: O famoso Negão pedindo penico. Bonito, hem? Mostra que tu é homem, peão! Invadiu, agora agüenta!

NEGÃO: Eu tenho família pra sustentar, doutor. Tenho dívidas.

O CHEFE DE EQUIPE: Cala a boca, peão. Na hora de invadir a mineração dos outros tu pensou na família deles?

NEGÃO: Mas, doutor...

O CHEFE DE EQUIPE (Dando um tabefe no Negão): Cala a boca e me dá esse ouro, porra!

(O garimpeiro cai no chão)

E vocês aí, onde é que está o ouro? Esconderam no cu? Olha que eu vou mandar procurar, hem? Janjão!

Um agente alto e parrudo, com cara de débil mental, se aproxima, calçando um par de luvas cirúrgicas. Resignados, os garimpeiros obedecem e entregam o ouro aos policiais. Os geólogos observam, sorridentes.

CORTE:

33. BASE DA PARANAPUNURA. EXTERIOR. NOITE.

Em torno de uma mesa de campanha dentro de uma grande barraca militar, a portas fechadas, os dois geólogos, o Chefe de Equipe da Federal, um tenente e dois sargentos da Polícia Militar do Amazonas, o tenente e um sargento do Exército jogam baralho. Disputam entre si o ouro confiscado, enquanto bebem a cachaça dos garimpeiros, às gargalhadas. E meio às sombras, os índios escutam as conversas e observam as silhuetas através do pano da barraca. Puani (mais jovem), entre eles.

SOM: gerador de luz

Longe da barraca, soldados do Exército, da PM do Amazonas e alguns agentes da PF vigiam um bando de garimpeiros amarrados debaixo de uma tenda sem paredes.

SOM: gerador de luz ao longe, grilos e rãs em primeiro plano.

FUSÃO:

34. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

SOM: grilos e rãs em primeiro plano.

THEODOR (Comendo *corned beef*, sentado na rede): E o que foi que aconteceu depois que a Parapapunura recuperou a concessão?

PUANI: Os garimpeiros foram levados embora, pelo Rio Traíra, de lancha. Diz que foram espalhados aí pelo Rio Japurá, nos beiradões, sem dinheiro, nem documento, nem nada. O Negão foi levado preso pra Manaus.

THEODOR: E o Coronel Meirelles?

PUANI: Chegou de helicóptero, depois que os garimpeiros foram expulsos.

FUSÃO:

35. BASE DA PARANAPUNURA. EXTERIOR. DIA.

Uma centena de índios trabalha na falcagem. Os peões da Parapapunura manejam o maquinário. Os dois geólogos brancos observam debaixo de uma tenda de lona sem paredes, dando ordens aos mais próximos. Por sobre a tenda, lê-se a placa:

EMPRESA MINERADORA PARANAPUNURA
Concessão de Pesquisa e Lavra nº 1178C/83
Departamento Nacional da Produção Mineral
Ministério das Minas e Energia

Um helicóptero pequeno, tipo bolha, desponta na cena e aterrissa perto da tenda. Desce o Coronel Meireles. Os geólogos Lamounier e Expedito se dirigem a ele, para os cumprimentos.

LAMOUNIER: Temos muito o que conversar sobre a invasão dos garimpeiros.

MEIRELES: Já estou sabendo de tudo. Li os relatórios da Polícia Federal, da Polícia Militar e do Exército.

Índios e peões se aproximam da tenda, curiosos. Puani entre eles.

MEIRELES: Expedito! Manda esse pessoal voltar pra o trabalho. E você também fique por lá com eles, fiscalizando.

Expedito obedece e se retira com os peões e os índios. Puani permanece na tenda, fazendo café.

MEIRELES (Indicando Puani com a cabeça): E esse aí?

LAMOUNIER: Não entende porra nenhuma, né Puani?

Puani aquiesce num sorriso debilóide, serve o café para os brancos e permanece por ali.

LAMOUNIER: Como é que estão as negociações em Brasília?

MEIRELES: Nós conseguimos a garantia do Conselho de Segurança Nacional e da Funai de que a Serra do Traíra não vai fazer parte das demarcações de áreas indígenas. A concessão da Empresa está livre. Quanto a isso, a gente pode ficar tranqüilo. O problema são as invasões de garimpeiros pelo lado colombiano. Isso a gente não pode mais tolerar.

LAMOUNIER: O Exército não se manifestou a respeito?

MEIRELES: Tentei envolver o Exército, mas a orientação do Comando Militar da Amazônia é de não se meter com os problemas da Colômbia. É muito complicado, tem guerrilheiros,

traficantes de cocaína... Temos que arranjar um tampão no lado colombiano.

LAMOUNIER: Como assim?

MEIRELES: Alguém que impeça os garimpeiros de virem para cá pelo lado colombiano. Alguém que policie o Garimpito pelo lado colombiano, entendeu?

LAMOUNIER: O exército colombiano jamais vai concordar com isso.

MEIRELES: Que exército, rapaz? Nós temos aqui algum colombiano de confiança?

LAMOUNIER: Tem aí um comerciante colombiano. Compra coisas na Colômbia e vem vender aqui a preço de ouro. A gente só não expulsou ele porque é casado com uma índia Tukano.

MEIRELES: Manda chamar.

LAMOUNIER: Puani, vai chamar o Chobergo.

CORTE:

36. BASE DA PARANAPUNURA. EXTERIOR. DIA.

Chobergo, mulato astuto e dissimulado, apresenta-se na tenda da Paranapunura.

CHOBBERGO (Curvando-se ao apertar a mão de Meireles):
¡Buenas tardes, Excelencia!

MEIRELES: Você conhece muita gente no Garimpito?

CHOBBERGO: Conozco todos, Excelencia.

MEIRELES: Algum guerrilheiro?

CHOBBERGO: Conozco todos, Excelencia. Ellos también compran mis mercancías en el Garimpito.

MEIRELES: Quero falar com o chefe deles. Você pode arranjar isso?

CHOBBERGO: Por supuesto, Excelencia. Pero me gustaria de tener unas garantías ¿me entiende, Excelencia?

MEIRELES (Com um sorriso mal-intencionado): Você quer a garantia de que não vai ser expulso daqui?

CHOBBERGO (Com o mesmo sorriso): Un poco más, Excelencia.

MEIRELES: Canta logo o teu preço, peão!

CHOBBERGO: Exclusividad en a Base de la Paranapunura. Fuera con los otros comerciantes.

MEIRELES (Para Lamounier, às gargalhadas): Esse é dos meus!

CORTE:

37. BEIRA DO RIO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

SOM: grilos, rãs, aves noturnas.

Sentados numa praia, ao pé de uma fogueira, Meireles e Lamounier conversam com o guerrilheiro El Rubio, acompanhado de outros dois guerrilheiros. Meireles oferece uísque numa garrafinha metálica, de bolso. Os guerrilheiros oferecem charutos. Puani faz café.

MEIRELES: Como prova da nossa boa vontade, dou de graça uma amostra do que poderá ser a minha parte no nosso trato. Puani, traz logo os caixotes.

O índio vai até a beira do rio, onde está o bote motorizado de Meireles, e volta com dois caixotes de madeira. Meireles abre um dos caixotes: duas metralhadoras leves aparecem no meio da palha.

EL RUBIO: ¡Metralletas! ¿Brasileñas?

MEIRELES: E da melhor qualidade. Autênticas Itajubás. Orgulho da indústria nacional.

El Rubio pega uma das metralhadoras, acaricia com volúpia e faz pontaria

EL RUBIO: ¿Munición?

Meireles abre outro caixote, retira dele um pente carregado e o alcança ao guerrilheiro. Este coloca o pente na metralhadora e dá uma rajada na água do rio.

EL RUBIO: Ay que guapa, muchachos. ¡Que guapa!

MEIRELES: Se você impedir que os garimpeiros invadam a minha concessão pelo lado colombiano, vai ganhar vários caixotes dessas belezinhas, com direito a um suprimento mensal de munição.

FUSÃO:

38. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

SOM: grilos, rãs, aves noturnas.

THEODOR: Mas esse Meireles é o próprio diabo sem cu!

PUANI: Tem mais, seu Teodoro. O senhor sabe que no ano de 1988 houve a Assembléia Nacional Constituinte, né?

THEODOR: Sei. Foi quando inseriram o Artigo 231, sobre os índios.

FUSÃO:

39. BRASÍLIA, PLENÁRIA DA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE, 1988. INTERIOR. DIA.

Enxertar documentários da época. Panorâmica sobre o plenário e a platéia. Aproximação sobre o grupo de índios Kayapós sentados na platéia, torso nu, pintados de vermelho e negro, com suas bordunas e seus cocares coloridos. No centro deles, o índio Raoni, exibindo orgulhosamente o batoque na boca. Por trás dos índios, lê-se numa grande faixa de pano: CONSTITUINTE! QUEREMOS OS NOSSOS DIREITOS.

UM DEPUTADO (Pelo microfone): Artigo 231, dos índios... São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos

originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Aplausos, assovios e gritos de vitória na platéia. Índios, membros de ONGs, clérigos, deputados se levantam. Centenas de *flashes* espocam ao mesmo tempo. Equipes de TV, cinegrafistas, repórteres e fotógrafos se movimentam atarefados.

FUSÃO:

40. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

PUANI: Aquilo foi um estímulo pra nos defender, seu Teodoro. A gente viu que a lei tava do nosso lado. Começamos a fazer pressão sobre o Meireles e a Paranapunura. A concessão da empresa ficava bem no meio da terra onde muitos dos nossos velhos foram enterrados.

THEODOR: E daí, o que foi que aconteceu?

PUANI: A Paranapunura contra-atacou.

THEODOR: Como?

PUANI: Mandando os índios da região estudar geologia em Manaus. Havia sempre vaga para os índios nos cursos. As bolsas de estudo eram controladas pela Funai.

THEODOR: E deu certo? Os índios se acalmaram?

PUANI: No começo até que deu certo pra Paranapunura. As famílias estavam satisfeitas de ver os moços com estudo em Manaus. Os índios iam ser independentes no garimpo, sem precisar ajuda de garimpeiro ou geólogo. Nossos chefes tradicionais, do clã dos Toreh, ficaram bem aceitos pelas famílias. Tudo parecia que ia funcionar.

THEODOR: E o que foi que deu errado?

FUSÃO:

41. BRASÍLIA. INTERIOR. DIA.

PUANI (Em off): A culpa foi dos próprios Toreh. Eles não paravam aqui na região. Viviam indo a Brasília, falar com autoridades.

Slides se sucedem mostrando as imagens correspondentes: fotos dos Toreh de terno e gravata, apertando mãos de Ministros, Generais e outras autoridades em Brasília. Assinatura de papéis pelos índios e pelos militares. Coquetéis. Rapapés.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi.

CORTE:

42. RIO NEGRO. EXTERIOR. DIA.

Aparecem os Toreh embriagados, passeando de lancha pelo Rio Negro, em frente a São Gabriel da Cachoeira, na companhia de prostitutas brancas muito maquiadas, que riem de forma vulgar, empunhando garrafas de uísque, metidas em shortinhos diminutos, bustiês e tamancos de salto alto.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi.

PUANI (Em off): Só eles ganhavam coisas da Parapanura. Tinham botes com volante na frente e motor de 50 HP, andavam esbanjando dinheiro em São Gabriel com umas brancas que eles traziam de Manaus.

CORTE:

43. PORTO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA. EXTERIOR. DIA.

Sucessão de *takes* dos barcos sanitários do Projeto Calha Norte encalhados e adernados no porto de São Gabriel da Cachoeira. Close nos cascos, que estão furados, apodrecendo. Close nas janelas das estruturas mortas, através das quais se percebem monturos de trapos, prateleiras decaídas com algumas caixas velhas de remédio, instrumentos empilhados de qualquer jeito, papéis sujos e caixas engelhadas de remédio caídas no chão.

SOM: Música estilo brega de Reginaldo Rossi.

Puani (Em off): E depois, o Projeto Calha Norte continuava só falando em Colônias Agrícolas. Assistência às comunidades, que é bom, nada. Saúde para o índio, que é bom, nada. Era tudo só promessa.

FUSÃO:

44. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

THEODOR: E daí?

PUANI: As comunidades viram que as lideranças só estavam favorecendo as famílias deles e os interesses da Empresa Parapanura. Fundaram a União das Comunidades Indígenas do Rio Traíra, para defender os interesses do povo. Nas eleições pra Presidente, o Bené e os outros membros do clã dos Toreh apresentaram uma chapa. Mas aí o Umusin apresentou outra chapa.

THEODOR: Umusin?

PUANI: Umusin, um índio Desana do clã dos Kenhori. O *slogan* da chapa dele era "Fora opressores. Queremos nossa terra demarcada." Era contra a Parapanura e contra as lideranças amigas da Parapanura. Quando viu que ia perder as eleições, o Bené Toreh correu outra vez pra o Meireles.

FUSÃO:

45. ALDEIA NA BEIRA DO RIO TIQUIÊ. EXTERIOR. DIA.

THEODOR (Em off): Como foi dessa vez?

PUANI (Em off): O Meireles conseguiu convencer o pessoal do Calha Norte a doar 2000 cabeças de gado para os índios da região.

Uma embarcação típica da Amazônia reboca um batelão cheio de vacas. Aproxima-se de uma aldeia ribeirinha. A comunidade toda observa a operação de atracagem na barranca em frente à aldeia. Bené Toreh está no convés. Lê-se PROJETO CALHA NORTE na mureta da proa do barco.

FUSÃO:

46. DESEMBARQUE DO GADO NA ALDEIA. EXTERIOR. DIA.

O gado é desembarcado na aldeia, sob as ordens de Bené. A comunidade assiste. Bené fala com os homens da aldeia.

PUANI (Em off): Aí o Bené disse pras comunidades que se o Umusin Kenhori ganhasse as eleições, não haveria mais distribuição de gado, mas se os Toreh ganhassem, o Calha Norte ia dar mais gado ainda.

THEODOR (Em off): E como é que as coisas se resolveram?

FUSÃO:

47. TOPO DA SERRA DO TRAÍRA. EXTERIOR. NOITE.

Puani: Os Kenhori fundaram a União das Nações Indígenas do Rio Traíra. Então, os Toreh e a Paranapunura se isolaram numas poucas comunidades. Os Kenhori ganharam apoio de todas as outras. É por isso que hoje existem duas organizações indígenas nesse rio, a União das Comunidades Indígenas do Rio Traíra, dos Toreh, e a União das Nações Indígenas do Rio Traíra, dos Kenhori e de todas as outras tribos e clãs.

THEODOR: E a Paranapunura, o que fez?

PUANI: No começo de 1992, os geólogos da empresa constataram que as jazidas de ouro da Serra do Traíra não valiam investimento em escala industrial. A empresa simplesmente foi embora.

THEODOR: E o Coronel Meireles?

PUANI: Pouco tempo depois, a gente soube que ele morreu num acidente de teco-teco lá pras bandas de Roraima. Diz que o avião tinha sido sabotado pela própria Paranapunura. O Meireles já tava mandando muito lá dentro, sabia demais.

THEODOR: E o que foi que aconteceu com o Garimpo dos Tukano depois que a Paranapunura foi embora?

PUANI: Descobriram uma jazida nova lá na Colômbia, perto do Garimpito. Os garimpeiros pararam de vir pra cá. Só ficamos nós.

THEODOR: Mas então, por que diabos os militares foram atacar vocês com aquela violência em 1992?

FUSÃO:

48. GARIMPO DOS TUKANO, 1992. EXTERIOR. DIA.

Repetem-se as mesmas cenas do ataque militar descrito no começo do filme. Em primeiro plano, vêem-se índias colhendo mandioca na plantação atrás das palhoças. Mais perto do pé da serra, dentro de um igarapé, seus maridos procuram ouro com as bateias.

SOM: The end (The Doors), numa citação explícita de Apocalipse Now, de Francis Ford Copola.

PUANI (Em off): Aquilo foi por causa do Chobergo, o comerciante. Depois que a Paranapunura foi embora, ele quis virar o chefe do garimpo. Tinha o monopólio do comércio. Vendia tudo a preço de ouro, tudo muito caro. Aí a gente expulsou ele do garimpo.

Súbito, por sobre a orla da floresta, surgem dois helicópteros militares, tipo Vietnã, descabelando palmeiras e copas de árvores.

PUANI (Em off): Os militares tinham vindo porque se ouvia falar em atividades de guerrilheiros colombianos no lado

brasileiro, aqui no Rio Traíra. Então, montaram uma operação para reprimir. Mas nunca souberam que os guerrilheiros tinham sido trazidos pela Paranapunura, para vigiar a concessão.

A seguir, soldados conduzem índios e índias para o terreiro da aldeia, que chegam humilhados, de mãos para cima. Crianças choram apavoradas. Sob as ordens dos militares, os adultos se ajoelham no terreiro da aldeia, formando um círculo de prisioneiros.

PUANI (Em off): Pra se vingar de nós, o Chobergo disse aos militares que no Garimpo dos Tukano estava cheio de guerrilheiros e garimpeiros da Colômbia. Era mentira! Só tínhamos nós, índios brasileiros!

Um tenente dá tiros para cima e aponta o círculo, para que os retardatários se juntem aos demais prisioneiros. Alguns estão feridos. Soldados espalham querosene nas palhoças e plantações.

PUANI (Em off): Os militares deram um uniforme camuflado pra o Chobergo. Ele veio como guia, o filho da puta. Quando chegaram no Garimpo, ele disse que nós éramos todos colombianos e que vários de nós já tínhamos trabalhado para os guerrilheiros.

O tenente manda atear fogo na aldeia. Segue-se uma série de fusões e cortes, mostrando breves takes do incêndio. Línguas de fogo sobem das plantações e das palhoças. Rolos de fumaça preta saturam o ambiente. Labaredas dominam a tela.

SOM: Aumenta o volume de The end.

FADE OUT:

Títulos em vermelho, ocupando sucessivamente a tela negra:

AS TERRAS INDÍGENAS DA REGIÃO
FORAM DEMARCADAS EM 1997.

SOMAM UM TOTAL DE
10 MILHÕES E OITOCENTOS MIL HECTARES
OCUPADOS POR 35 MIL ÍNDIOS.

O GARIMPO DOS TUKANO, INCLUÍDO NAS
TERRAS DEMARCADAS, É EXPLORADO
EXCLUSIVAMENTE PELOS ÍNDIOS.

OS ÍNDIOS MOVERAM UMA AÇÃO
CONTRA O EXÉRCITO BRASILEIRO
PELO ATAQUE DE 1992.

A AÇÃO AINDA
SE ENCONTRA EM CURSO.

FIM

Nyaam Hi

"Putá que pariu", eu praguejei entre os dentes ao errar o tiro num belo mutum.

Mas Nyaam Hi, que não entendia nada da minha língua e estava mais interessado em escutar o mato, fez sinal para que eu me calasse. Apurou o ouvido, sorrindo. Encostou a zarabatana numa árvore e puxou o terçado colombiano que trazia preso à tanga. Cortou dois pedaços de pau e me deu um deles.

"*Do hamay tu tegn*," disse ele em sua língua. "Leva esse pau."

Nyaam Hi não podia ser mais Maku. Magro, baixo, cabelos encaracolados, as arcadas dos olhos bastante salientes e um tônus muscular pouco comum para a idade. Naquele ano de 1982, ele devia ter uns 45 anos. Do alto dos meus 26, eu mal conseguia acompanhá-lo. Era a primeira vez que eu estava com os Maku do grupo Hupda. Mas como eu já havia morado com os Yuhup, de língua bem parecida, até que dava para entender o que Nyaam Hi dizia.

Peguei o pedaço de pau e o segui. Ele avançava lentamente pelo mato na direção dum igarapé que corria por ali. Procurava não fazer barulho, de modo que o acompanhei em silêncio, pé ante pé, sem pisar em galho ou esbarrar em folhagem. Eu não tinha a menor idéia do que fomos encontrar. Por que um pedaço de pau, se eu levava o rifle a tiracolo? E por que deixar a zarabatana para trás, se a gente estava caçando?

Mais para beira do igarapé, escutei uns espirros seguidos de risos estridentes. Nyaam Hi me olhou com um sorriso exultante no meio daquele rosto gretado.

"*Yokda*", ele sussurrou. "Ariranhas."

Fomos nos aproximando da beira no maior silêncio possível. Quando chegamos lá, havia um lugarzinho perfeitamente limpo de arbustos e galhos caídos. Tampouco se viam folhas mortas no chão. Era o comedouro das ariranhas, que elas mantêm assim limpo, porque caçam na água, mas saem para comer fora. Gostam de comedouros em ordem, as ariranhas. Limpam tanto que chega a nascer um tapete de musgo no chão – coisa mais enfeitadinha assim no meio do mato.

Havia umas oito delas, entre mães, filhotes mamando, jovens solteiros e o macho dominante. Era uma família toda embaralhada, um bicho por cima do outro, disputando aos gritos alguma coisa no meio do comedouro.

Em terra, a ariranha se movimenta como a foca, bastante desajeitada. Mas dentro do rio, é um animal muito perigoso. Em pouco tempo, um bando de ariranhas pode acabar com a vida de um homem, avançando pela água que nem torpedo. Os dentes são afiados e salientes como os do gato maracajá.

De repente, irrompemos no lugarzinho, distribuindo paulada a torto e a direito. Eu pensava que era para matar ariranha. Sai correndo a pauladas atrás delas, que mergulhavam espavoridas no igarapé. Escorreguei na barranca e quase caí dentro d'água, mas Nyaam Hi me segurou pelo braço justo no momento em que os bichos já iam se virando a fim de me receber no arreganho dos dentes.

"*Naw ahyub!*" gritava ele às gargalhadas. "Chega! Tá bom! Não é pra matar ariranha, não! Assim quem morre é você!"

Ao subir a barranca, finalmente entendi o sentido da cena: um surubim de mais de metro jazia no centro do comedouro, gordo, bonito, lustroso. Só estava meio babujado, com o rabo comido e umas dentadas na cabeça. Jantamos o surubim ali mesmo, no comedouro das ariranhas, onde montamos um tapirizinho de folhas de sororoca, para passar a noite ao abrigo da chuva. Na madrugada, quando a temperatura caiu, Nyaam Hi acordou para avivar o fogo. Ouvimos uns quinchos e espirros enfezados vindos da outra margem do igarapé.

"Ariranha ficou triste," disse Nyaam Hi num riso maroto. "A gente roubou casa e comida dela. Que pena..."

* * *

Assim era Nyaam Hi: risonho, brincalhão, mas sempre alerta. Foi ele quem me ensinou realmente a andar no mato. Não falo tanto do sentido de orientação nem da habilidade de encontrar o que comer, que isso outros Maku também me ensinaram (já escrevi uma tese de mestrado e uma de doutorado sobre esses índios; se eu não soubesse alguma coisa sobre caça e orientação no mato, seria um imbecil completo).

Não falo dessas coisas, mas do melhor estado de espírito para se andar no mato. A gente tem que estar alerta, mas é preciso também uma certa *nonchalance*, uma espécie de alegre e desprendido foda-se. Foda-se o cansaço, a bolha no pé direito, o equipamento ensopado, foda-se o caderno de campo.

Para andar no mato, você tem que estar alerta de uma forma especial. Você não está vendo uns pés de umbaúba logo à frente: você é aqueles pés de umbaúba. Você é a floresta, seus bichos, suas entranhas. Mas ao mesmo tempo, você não se importa. Você se deixa levar ao sabor dos acontecimentos. É uma forma de consciência meio animal. Isso que Nyaam Hi me ensinou.

Uma vez ele foi comigo numa incursão de bote motorizado até as cabeceiras do Igarapé Ira, a fim de encontrar uns Maku que moravam lá, bem retirados de todos os outros. Como a viagem demorava mais de um dia, acampamos numa cabeça de praia na beira daquele igarapé deserto. Mas ainda era dia quando terminamos de montar o tapiri. Aproveitamos para dar uma sapeada no ambiente. Queríamos encontrar melhor passadio que nossas latas de *corned beef*. Por via das dúvidas, antes de entrar no mato tomamos o cuidado de desatarraxar o motor e colocá-lo num jirau sob o teto do tapiri. Além disso, amarramos bem com cipó vambé o bote e os tamboretos de gasolina, que um temporal estava se armando e o igarapé arriscava encher muito com a chuva. Uma cheia repentina dessas pode levar de enxurrada as coisas soltas na praia, né? Por isso todo aquele cuidado.

Tempo carregado é tempo ideal para caçar cutia preta. Ela prefere sair durante a chuvarada, decerto para se ver livre dos predadores, que na hora do aguaceiro se entocam para se esquentar. O caçador localiza os pés de fruta que ela come e constrói um jirauzinho, onde fica sentado esperando os bichos aparecerem. Se quiser, também faz um teto de folhas de buçu ou sororoca sobre o jirau, que é para não ficar tiritando de frio debaixo da chuva. Quando os bichos aparecem, dê-lhe flecha. Com sorte, o caçador mata muitas cutias antes que elas se dêem conta do ataque.

Ao cabo de um tempo, tínhamos uma fieira de cutias mortas. Passada no moquém, era comida para mais de três, quatro dias. Voltamos contentes para a beira do igarapé, lá pelas nove da noite, quando a chuva começou a amainar.

Mas, ao chegarmos, nosso tapiri estava quase todo debaixo d'água. Já não se via mais a praia e as águas do igarapé corriam furiosas por entre os esteios do tapiri. O bote de alumínio sumira com alguns tamboretos de gasolina.

Alarmado, a primeira coisa que fiz foi olhar se o motor de popa ainda estava no jirau, debaixo do teto. Estava lá. Mas de que adianta um motor sem o bote e o combustível? Depois, me pus a esquadrihar as margens, em busca de sinais do bote, rio abaixo. Nada. Percorri a praia com água pela cintura. Nada. Quando voltei ao tapiri, o índio já atara a rede debaixo do teto. A bunda dele pairava a dois centímetros acima das águas correntes, mas isso não parecia incomodá-lo. Fiquei parado ali por uns instantes, sem ação. Depois compreendi que só me restava armar a rede e deitar. Foi o que fiz, resmungando baixinho. Nyaam Hi me passou um cigarro de palha, onde tinha soprado uma reza para me acalmar a alma.

"Foda-se", disse eu em português.

"Poda-che", repetiu Nyaam Hi na mesma língua. Em sua imensa polidez, ele captara o sentido complexo da expressão, num idioma que desconhecia.

Nyaam Hi era de uma polidez que eu nunca vira nem mesmo entre os *scholars* da Universidade de Cambridge. As mulheres o adoravam. Primeiro, porque ele era um excelente caçador e sempre distribuía, magnânimo, todas as guloseimas que trazia do mato. Era a alegria das aldeias que visitava. Raramente vinha sem um grande pedaço de carne moqueada. E se viesse de mãos abanando, em pouco tempo matava mais bichos do que a comunidade era capaz de comer num único dia. Isso sempre acabava em festa, com vários convidados de aldeias vizinhas, que também se encarregavam de caçar e trazer frutas do mato para misturar ao caxiri de mandioca feito pelos anfitriões.

Porém as mulheres não gostavam dele apenas pela enorme quantidade de comida que trazia. Gostavam principalmente de sua polidez, das histórias divertidas sobre aldeias e povos distantes, da brejeirice de seus modos. Ele era o único que tinha uma espécie de casamento plural. Ainda não contei isso?

Nyaam Hi visitava sobretudo três aldeias, porque tinha três esposas, cada qual numa aldeia. A mais velha era sua esposa exclusiva, mas as outras duas ele dividia com dois rapazes. Quando Nyaam Hi chegava, o marido cotidiano, o rapaz, ia caçar ou visitar parentes em aldeias distantes. E dê-lhe festa. Ao cabo de umas duas ou três semanas, Nyaam Hi ia embora. Aí o rapaz voltava. Que eu saiba, nenhum outro Maku tinha um casamento desses. Alguns chefes de aldeia eram casados com duas ou três mulheres. Mas eram exclusivas deles.

Nyaam Hi nunca fora chefe de aldeia. O natural seria que fosse. Não há muita gente numa aldeia Maku, só umas 25 ou 30 pessoas, quer dizer, cinco ou seis famílias. Quando você tem 40 ou 45 anos de idade, como Nyaam Hi, quase sempre você vira chefe, porque os demais moradores são seus filhos, seus genros ou seus irmãos mais novos – e você, devido à experiência da idade, é o melhor caçador entre eles.

Um dia eu perguntei ao meu amigo por que ele não era chefe, pois assim poderia ter várias mulheres só dele. "*Bhuy pogn niy*", ele respondeu sem pestanejar. "Dá muito trabalho".

Essa história aconteceu lá por 1983, época em que eu ainda estava fazendo mestrado.

"*Hamay tah mehey, Nyaam Hi*", eu convidei. "Vamos caçar anta".

"*Ham*," ele condordou sem piscar de olhos. "Vamos".

Foi uma caçada cheia de transtornos. Eu ainda era muito cru para perseguir anta no igapó. Tinha muito o que aprender. O igapó é um terreno inundável, de mata baixa e solo fofo. Tem muito espinheiro, cipó, arbusto, vegetação rasteira e raízes salientes, que fazem tropeçar.

Até que a gente achou rastro de anta. As pegadas calcavam fundo na tabatinga do igapó. Pelo espaço entre as marcas dianteiras e traseiras, assim como pela sua profundidade, Nyaam Hi concluiu que era uma enorme anta macho.

Os rastros adentravam um emaranhado de cipós títica, mas eu, de rifle na mão e obstinado em provar para mim mesmo que era capaz de matar anta

sozinho, avancei teimosamente sem olhar o que vinha adiante. De repente, me vi enleado naquela muralha de cipós.

Você sabia que o cipó titica solta um pó que provoca uma coceira desgraçada, além de lanhar o corpo de quem nele se enreda? Pois foi assim que eu fiquei, todo lanhado e cheio de coceiras. Desembainhei o terçado e me pus a dar golpes nos cipós. Isso não adianta patavinas, porque o cipó cede aos golpes em vez de cortar. Como suave aos borbotões no esforço de me livrar, atraí miríades de piuns, carapanãs, mutucas e mamangas que esvoaçavam em volta de mim numa nuvem sinistra.

Olhei para os lados, procurando o índio. Lá estava ele, de cócoras, a uns dez metros de distância, fumando um cigarro sem sequer me dirigir o olhar. Pelo jeito, já desistira da anta. Ninguém fuma quando está caçando.

Larguei o rifle e o terçado no chão, me abaixei até ficar rente ao barro do igapó e saí rastejando, com o terçado atravessado na boca e o rifle numa das mãos, todo cheio de lama pela roupa e pela cara, com aquela mosquitama me acompanhando em festa.

Me aproximei de Nyaam Hi e me acocorei ao seu lado. Ele permaneceu de cócoras, em silêncio, olhando para frente com ar meditativo. Só fez me alcançar o cigarro, para espantar os insetos. Esperou um pouco e se saiu com uma história:

“*Yu tshap shurara hupda nu kanan nenpayu...* Uma vez gente militar veio aqui pra essa região. Sofre muito, gente militar. Quer andar assim em pé, orgulhosa, essa gente militar. Não olha por onde vai. Fica cheia de ferida. O Maku, não. Ele olha antes. Se dá pra passar, ele passa. Se não, ele desvia, né?”

Assim era Nyaam Hi. Nunca dizia diretamente que você estava errado. Sempre contava uma história em que alguém tinha agido como você e sofrera conseqüências desagradáveis. A polidez desse caçador desgarrado não cabia no mundo.

Agora corria o ano de 1989, época em que eu coletava dados para minha tese de doutoramento. Fazia anos que eu não andava no mato. Estava

meio enferrujado. Por isso, antes de começar a tomar notas daqui e dali, antes de sair empentelhando índio com entrevistas, fotografias e gravações, fui até a aldeia onde me disseram terem visto Nyaam Hi pela última vez.

Para falar a verdade, eu estava era com uma saudade imensa de sair por aí com o meu velho amigo, matando macaco, paca, queixada, mutum, só coisa boa. Caçar é assim: quando você precisa do bicho porque não tem outra coisa para comer, você se torna um verdadeiro predador. E o verdadeiro predador estabelece uma triangulação fantástica entre a mirada, o estômago e a carne tenra da vítima. É um misto de desejo, necessidade e precisão. Só quem já caçou com fome pode saber. É quando você tem velhos amigos caçando juntos, essas triangulações se combinam, formando nexos estratégicos que só o bicho homem conhece.

Nyaam Hi não estava na aldeia indicada, mas em outra bem diferente. Como de costume, não parava muito em lugar algum. Tinha agora os seus 50 e poucos anos de idade. Os parentes e amigos já o consideravam um *wuhudn*, um velho (povos caçadores não são longevos). A esposa oficial já falecera. As outras duas tomaram cada qual o seu rumo, com os maridos e os filhos. Nyaam Hi se transformara num *tshow*, um pajé, como acontece com a maior parte dos velhos Maku. Vagava de aldeia em aldeia, oferecendo seus préstimos. Até os outros grupos indígenas da área o solicitavam, apesar de acharem que os Maku são seres inferiores, ignorantes e selvagens.

Não fiz caso daquela história de pajé. Para mim, era mais uma das armações de Nyaam Hi, mais uma forma de andar virando mundo sem se fixar em coisa alguma.

“*Hamay ho mehey, ah kot*”, eu propus em tom jocoso. “Vamos caçar, meu sogro.” Quando velhos amigos querem se provocar, chamam-se de sogro, significando com isso que transam com as filhas uns dos outros.

“*Ham*”, respondeu ele sem titubear. “Vamos”.

Partimos de manhã cedo, ele com uma zarabatana e eu com o meu rifle 22. Depois de um par de horas caminhando pelas cabeceiras do *Pidn Deh* (Igarapé Cabari), topamos com uma vegetação baixa, onde vi um mutum, que alvejei logo no primeiro tiro. Nyaam Hi, ao contrário, vinha errando seus alvos. Fiquei embaraçado e triste de ver meu amigo assim perdendo a antiga vista de

gavião. Não que ele se importasse. Continuava alegre e brincalhão como sempre. Aceitava a velhice como aceitava tudo o mais na vida.

“Ah *wuhudn*, *Yossi. Tabugn pã*,” disse ele sorrindo. “Estou velho, Jorge. Não tenho mais olhos. *Tabugn no'oy?* Vamos trocar olhos?”

“Até dou um pra você,” respondi, pensando ser uma brincadeira.

Porém, durante a caçada, ele continuava insistindo:

“Vamos trocar olhos?”

Comecei a ficar constrangido por não entender o que ele queria. Aí aconteceu algo que me fez entender, além de me deixar simplesmente encantado.

Topamos com o acampamento de uns parentes dele perto da Serra da Bacaba. Há três dias eles estavam lá, caçando. Tinham uns deliciosos nacos de paca no caldo de pimenta pu-pu. Depois que nos refestelamos, Nyaam Hi disse a um rapaz, referindo-se ao filhinho deste, de uns cinco anos de idade:

“Me empresta esse curumim. Quero olhos novos.”

Nyaam Hi era irmão do pai do rapaz. Para os Maku, o irmão do pai também é pai. O rapaz emprestou o curumim, que vinha a ser neto do velho, por consideração.

No dia seguinte, continuamos a caçada. Às vezes o curumim cansava. A gente tinha de carregá-lo no colo. Mas seus olhos eram agora os novos olhos do avô: o pequeno localizava macacos, mutuns, inambus, pacas, cotias, caxinguelês, o diabo... E o velho só tinha que lançar os dardos de zarabatana para onde o moleque apontava. Mesmo que fosse apenas um vulto aos olhos cansados de Nyaam Hi, a vítima se tornava muito mais fácil de alvejar quando apontada pelo molequinho.

À noite, o velho colocava o curumim em sua própria rede, para se esquentar, como costumam fazer os velhos Maku. Devolvemos a criança três dias depois e voltamos para aldeia de Nyaam Hi com um balaio cheio de comida.

Aliás, essa história de velhos caçando me lembra uma coisa fantástica. Há um alucinógeno chamado *kahpi*. Tornou-se conhecido entre os brancos com

o nome de Santo Daime, porém o uso que dele fazem os índios do Rio Negro é totalmente distinto daqueles cultos acreanos de sabor meio protestante que notabilizaram a droga nos meios de comunicação. No Rio Negro, os índios usam o *kahpi* para a pajelança e para consultar os ancestrais a respeito do nome que se deve dar a um recém-nascido.

Segundo me contou Nyaam Hi, os Maku fazem dele um uso adicional. Quando os velhos começam a perder a visão e as forças necessárias para caçar, isolam-se num acampamento de caça e tomam a droga. Sob seu efeito, entram no corpo de uma onça-pintada e saem caçando pela mata, só pelo bonito de satisfazer o apetite individual. Por isso é perigoso caçar onças-pintadas. Se um caçador mata a onça portadora do velho, o corpo verdadeiro do velho também morre.

Perguntei ao meu amigo se ele já fizera isso. Limitou-se a rir baixinho.

Em 1991, quando voltei novamente à área do alto Rio Negro, Nyaam Hi estava sumido na Colômbia. Em 1994, idem. Em 1996, ao chegar à aldeia onde várias pessoas me garantiram que ele estava morando, os habitantes disseram que o velho continuava sumido na Colômbia.

Em 1997, finalmente o encontrei na aldeia de Pidn Bu, morando com seu filho Tshay. Estávamos^(*) fazendo a demarcação dos 10 milhões e oitocentos mil hectares de terras indígenas no Rio Negro. O trabalho dos antropólogos consistia em informar as comunidades indígenas sobre todos os detalhes da demarcação física que estava sendo feita pelos topógrafos e engenheiros. Para melhor visualizarem esses detalhes, um grande mapa de plástico havia sido editado, com 266 cópias, uma para cada comunidade indígena da área. Tocou-me levar os mapas e as explicações para os Maku. Era incômodo carregar um rolo com 50 mapas de plástico nas costas. Acho que pesava uns 30 kg. O Maku que me acompanhava e com o qual eu dividia a carga já estava meio enjoado da tarefa e disse que queria voltar para casa.

^{*} A Funai em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (que eu representava), a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e o ISA - Instituto Socioambiental.

Depois de dar as explicações sobre a demarcação em Pidn Bu, convidei Nyaam Hi a seguir viagem comigo, não apenas para me ajudar a levar os mapas até as outras aldeias Hupdɛ, mas sobretudo para andar comigo no mato. Como sempre, o velho concordou. Para ele, viajar estava acima de tudo.

Atravessamos o divisor d'águas entre os rios Tiquiê e Papuri, para visitar uma série de aldeias Hupdɛ em que eu ainda não havia estado nesta viagem. Na travessia, subimos e descemos a Serra da Bacaba, para ganhar tempo, mas a noite nos surpreendeu no pé da serra, antes de conseguirmos chegar a qualquer aldeia. Acampamos numa pequena clareira natural, de solo pedregoso, às margens do Igarapé Anta, que corre já para o Papuri. Um igarapé até que bem piscoso, para ser tão estreitinho. Montamos um tapiri tipo rabo de jacu, atamos as redes e fomos pescar, que a comida já estava escassa.

Na região, todos sabem que a Serra da Bacaba é lugar de muita onça braba. Perguntei a Nyaam Hi se ele não tinha medo das onças.

"*Ah mbamdɛ*", ele respondeu num riso baixinho. "São meus parentes."

Ao cair a noite, enquanto moqueávamos os lambaris, duas onças apareceram no outro lado do igarapé. Estavam a menos de 10 metros de nós. Decerto era um casal no cio, porque onças normalmente são bichos solitários. Sentindo o cheiro do peixe moqueado, vieram conferir o que era. Ficaram ali, urrando em nossa direção. Andavam de um lado para outro, ameaçando atravessar a torrente. Por via das dúvidas, engatilhei o rifle e fiz pontaria na maior delas. Não queria atirar, mas o faria de bom grado se aquelas feras fizessem menção de entrar n'água. Nyaam Hi pôs a mão sobre o cano da minha arma e o abaixou gentilmente.

"Por quê?", eu sussurrei surpreso.

"*Nyaam Hi Wɛhɛdn, ahnɛ hata*", gritou ele para as onças. "Velho Onça Deitada é o meu nome!"

Elas deram meia volta e desapareceram no mato.

Em 1998 nos desencontramos outra vez. Ele tinha sido levado quase à força a São Gabriel da Cachoeira pelos missionários salesianos,

por causa de uma tuberculose. Quando eu parti de São Gabriel para o território Hupdɛ, ele estava recém-chegado àquela cidade. Devemos nos ter cruzado no Rio Negro sem nos vermos, ele descendo no barco dos missionários, eu subindo de motor de popa. E quando eu voltei a São Gabriel um mês depois, o velho desaparecera do hospital sem deixar rastro nem completar o tratamento.

No ano seguinte, sempre sem encontrá-lo, soube que depois da fuga do hospital em São Gabriel ele fora a pé de lá até seu território de origem, nas cabeceiras do Rio Tiquiê. São mais de 700 quilômetros em linha reta. Acompanhando as beiradas de rio, como o velho fizera, certamente dá uns 1200 quilômetros. Dizem que levou três meses. Fico imaginando o filme: um velho de 60 anos de idade (já é muito para um índio caçador) caminhando sozinho através daquela mata medonha, sem uma caixa de fósforo sequer, sem arma de fogo, sem arco e flecha, sem terçado ou zarabatana, porque foi assim que ele fugiu do hospital, conforme contam. Com as vistas ruins, ainda por cima. E, para completar, tuberculoso. Dizem que veio comendo palmito de açaí do mato, minhocas, larvas, formigas, gafanhotos, ingá e raízes.

Em 2000, descobri que eu estava com câncer e não pude voltar ao Rio Negro. A quimioterapia era muito pesada. Além disso, eu tinha medo de chegar a São Gabriel da Cachoeira e não poder entrar no mato, de tão fraco que me sentia. Felizmente, os médicos trocaram para uma droga bem menos agressiva em 2001. Com isso, pude voltar à região.

Meu fígado já estava todo tomado de metástases, umas quinze, variando entre 1,2 e 3,8 cm de diâmetro. A morte me rondava de perto. Queria ver Nyaam Hi pela última vez, mesmo que isso me custasse alguns meses de sobrevivência. Quem sabe ele pudesse fazer uma pajelança na minha barriga? Entrei num bote motorizado e zarpei rumo ao território Hupdɛ.

Nyaam Hi não estava em sua aldeia, mas num acampamentozinho no meio do mato, onde os parentes o haviam deixado para morrer. Você está chocado? Pois não fique. É assim, mesmo. Às vezes os Maku abandonam as pessoas muito velhas num tapiri no meio do mato. São os velhos mesmos que pedem. Fazem isso quando ficam demasiado fracos para estarem vagando por aí

com os mais jovens entre aldeias e acampamentos de caça. Parece que vão enjoando da vida comunitária e resolvem morrer assim, sozinhos, em silêncio. De vez em quando, um parente vem com farinha, frutas, peixe moqueado, beijus. Às vezes, o velho come. Às vezes, não. E às vezes, vira comida de onça. Devia ser assim também entre os Esquimós. Não que a família abandonasse o velho para ser comido pelos ursos polares. O velho é que se desgostava de estar com a família e se deixava morrer no ermo de alguma geleira.

Lá estava meu amigo Nyaam Hi – um velhinho encolhido como criança no fundo duma rede velha e mal-cheirosa, debaixo dum tapiri meio decaído. Tinha a pele toda murcha sobre os ossos. Os movimentos eram lentos e dificultosos. E o olhar, completamente opaco. Parecia não reconhecer ninguém, nem mesmo seu filho Tshay, que me guiara até lá.

Tshay deu um caldo de peixe com farinha para o velho e foi embora. Atei minha rede ao lado da rede do meu amigo e me pus a suplicar para que me respondesse:

"*Nyaam Hi, ah mbabm*", eu disse várias vezes. "Nyaam Hi, meu parente!"

Nenhuma reação.

"Sou eu, o Jorge. Você me conhece, meu parente".

Mas o velho só fazia fitar o infinito com olhos perdidos, ocos, sem nenhuma vida. Tive vontade de ficar ali, morrendo com o meu amigo, até que aparecesse uma onça ou o meu câncer se transformasse numa imensa inflamação, provocando o colapso do que sobrava de mim. A morte é a forma mais atroz de solidão. Ninguém vai morrer com você, para lhe fazer companhia. Tampouco se pode nomear um bastante procurador. O cartório não aceita. Mas naquele caso, lá estávamos nós morrendo juntos. Era a nossa última viagem de caça.

Peguei no sono com esses pensamentos. No frio da madrugada, acordei acreditando ouvir a voz fraquinha de Nyaam Hi: "Volta pra casa, meu parente", dizia ele.

Não sei se foi um sonho ou se não foi, porque no dia seguinte o velho estava ainda mais alheio do que na véspera. Pensando bem, foi sonho, sim. Mas obedeci. Aquela fronteira ainda não era a minha.

ultrapassar fronteiras, mas, sem diárias, caímos em tentação e aplicamos a teoria da punição sobre o primeiro passante. Histórias contadas a partir de roteiros de filmes, páginas de caderno de campo, aventuras pela mata ou no chavascal que, por linhas tortas, ajudará muitos estudantes a desmistificar a pesquisa e compreender os imponderáveis da vida real, conferindo os lados patéticos, cômicos e trágicos do métier do antropólogo.

Pedra de resposta

Leitor amigo, não pense que esse é um livro para iniciados. Os iniciados foram transformados em protagonistas e teremos, todos, oportunidade de rir das situações quixotescas em que antropólogos, índios, indigenistas, polícia federal e tantos outros personagens se enredam no dia-a-dia. Leia no bar, no barco, na escola, para crianças, para experientes, todos vão aprender um pouco do que, como diz a canção, não se aprende na escola. Assim, quem sabe? Menos domesticados e pouco colonizados poderemos revelar nossas faces: Maku, Tucano, Ticuna, Aikewára, Parkatêjê, Xikrin, Kayapó e tantas outras e, em lugar de inscrever os exóticos nomes das nações indígenas nas placas das ruas de nossas cidades, sejamos polidos diplomatas como Nyaam Hi, Krohokrenhum e Mairá, construindo uma sociedade justa e plural na Amazônia. Junte as contas do quebra cabeça, ultrapasse a fronteira, mas use como pedra de resposta carinho, afeto, ternura, compreensão e infinito amor. Aquebrantando a soberba, você encontra a alma, vira gente, transforma-se em cidadão. Mãos à obra, o tempo se esvai, leia Jorge/Yossi! Sonhar e cavalgar em sua companhia é preciso!



Esta obra foi impressa nas oficinas da Gráfica Sidade Federal do Par Goeldi. Os fotolitos foram usados a fonte Arial T para o miolo e cart